



Departamento de Antropologia

Ecoaldeias: Construindo Alternativas

Estudo exploratório do movimento social das Ecoaldeias através do Global
Ecovillage Network, Tamera e Los Angeles Ecovillage

Cristiana do Vale Pires

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Antropologia

Globalização, Migrações e Multiculturalismo

Orientador:

Doutora Antónia Lima, Professor Catedrático,
ISCTE-IUL

Co-orientadora:

Doutora Ana Firmino, Professora Auxiliar,
FCSH-UNL

Maio, 2012



Departamento de Antropologia

Ecoaldeias: Construindo Alternativas

Estudo exploratório do movimento social das Ecoaldeias através do Global
Ecovillage Network, Tamera e Los Angeles Ecovillage

Cristiana do Vale Pires

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Antropologia

Globalização, Migrações e Multiculturalismo

Orientador:

Doutora Antónia Lima, Professor Catedrático,
ISCTE-IUL

Co-orientadora:

Doutora Ana Firmino, Professora Auxiliar,
FCSH-UNL

Maio, 2012

Resumo

Palavras-chave: Globalizações, movimentos sociais, economia solidária, ética ambiental, cuidado

Com esta tese pretende-se apresentar o movimento social das ecoaldeias, através da rede transnacional que as une e de dois exemplos locais, que funcionam como laboratórios e experimentação de vivência em comunidade, tecnologia e inovação. A sua conceptualização tem como pano de fundo as teorias da globalização, principalmente a emergência e crise do neoliberalismo e os movimentos de contracultura. Por esse motivo as ecoaldeias não são encaradas como movimentos sociais isolados, enfatizando-se uma lógica de continuidade e evolução temporal e argumentando-se a sua relação com outros movimentos contemporâneos. Pretende-se também problematizar o modelo alternativo que propõem, nomeadamente ao nível da economia e dependência em relação ao dinheiro. Por se pretender construir um projeto para o mundo, com especial incidência na relação com o ambiente, vão-se debater e aprofundar os conceitos de ética ambiental enquanto filosofia, e o cuidado enquanto fator de sustentabilidade.

Abstract

Key words: Globalization, social movements, solidarity economy, environmental ethics, care

The aim of this thesis is to introduce the ecovillage's social movement, through their transnational net and two local examples that act as laboratories based on community based experimentations, technology and innovation. The globalization theories are the background, mainly the neoliberalism emergency and crisis and the counterculture movements. So, the ecovillages are not considered social movements isolated in time and space, but is emphasized a continuity and evolution in time arguing their relationship with other contemporaneous social movements. It also intends to discuss the ecovillage's alternative model, mainly at the economic level and their dependency on money. As they want to build a project to the world, with special focus in the relationship with environment, there are introduced topics related with environmental ethics as philosophy and care as sustainability.

Agradecimentos

Este trabalho representa um trabalho de equipa, pois foram várias as pessoas que participaram, inspiraram e tornaram possível a concretização deste projeto. Assim, é um trabalho de cooperação entre mim e quem de forma mais direta ou indireta ajudou a sua concretização.

Em primeiro lugar queria agradecer aos meus pais e irmão, Manuel José, Maria Emília e Sérgio, por serem a minha base segura, por acreditarem e confiarem em mim, por me inspirarem a lutar pelos meus sonhos e por serem sempre essa fonte de apoio incondicional em todos os momentos. Agradeço aos meus pais também por financiarem este projeto e por fazerem dele também o seu projeto!

Queria agradecer à minha orientadora Antónia Lima, pela disponibilidade, apoio, confiança e paciência. Contribuiu para este projeto mais do que imagina, pois foi desde o início uma fonte de motivação que me fez acreditar e “ganhar asas para voar”. Obrigada!

Agradeço também à minha co-orientadora Ana Firmino, aos professores Paulo Raposo, e Rogério Roque Amaro, a Dorien Zandbergen, a Dra. Maria José Varandas e a José Carlos Marques pela disponibilidade, ajuda, sugestões e inspiração.

Os meus colegas tiveram também um papel importante, na troca de experiências, partilha de medos, sonhos e esperanças, debates e discussões inspiradoras... Carolina, Pedro, Raquel e Rodrigo, sem vocês este mestrado não teria metade da graça!

Não podia também deixar de agradecer a Ulrike Schimmel (Global Ecovillage Network), Lois Arkin (Los Angeles Ecovillage) e Silke Paulick (Tamera) por me terem dado a oportunidade de “entrar nos vossos mundos”.

E por fim, mas não por último, quero agradecer ao André, companheiro de vida, parceiro em todos as áreas e momentos. Obrigada pelo carinho, confiança, tolerância e partilha. Contigo aprendi que o amor dá liberdade!

Índice

Agradecimentos	3
Introdução	6
O(s) Terreno(s)	8
Metodologia	9
Objetivos	12
Capítulo I – Ecoaldeias em tempos de Globalizações	13
1.1) Ecoaldeias	13
1.1.1) Emergência	13
1.1.2) Definindo Ecoaldeias	13
1.2) Globalizações: Crise(s) e alternativas	15
Capítulo II – Sementes para a Transição (?)	25
2.1) Os “Novos Movimentos Sociais”	25
2.2) Economia Solidária: Economia Alternativa?	29
Capítulo III – A questão Ambiental	32
3.1) “ <i>Ambiente: uma questão de Ética</i> ”	32
3.2) Emergência Institucional de preocupações ambientais	35
3.3) Sustentabilidade: um conceito “eco-chic”?	36
3.4) Para além do mercado: “hedonismo alternativo” e “simplicidade voluntária”	39
3.4.1) Permacultura e <i>Transition Town</i>	40
3.4.2) “O Cuidado como fator de sustentabilidade”	43
Capítulo IV – Da Teoria à prática: Notas de Terreno	45
4.1) GEN – A Comunidade de comunidades	45
4.2) Dois exemplos Locais	50
4.2.1) Tamera: Biótopo de Cura	50
4.2.2) Los Angeles Ecovillage (LAEV): Uma ecoaldeia Urbana	68
Síntese final e Conclusão	75
Sugestões para futuras investigações	80
Bibliografia	83

Introdução

Com este trabalho pretendo pensar a globalização à luz de movimentos sociais contemporâneos, como é o caso das ecoaldeias. A escolha deste tema, como me disse a minha orientadora Antónia Lima, é um acto político. Vivemos tempos turbulentos, em que o sistema dominante - o neoliberalismo - dá provas da sua falência. Assim, se os atuais sistemas humanos (económicos e sociais) se tornam cada vez mais insustentáveis e a nossa relação predatória com a natureza ameaça por em risco a continuidade das gerações humanas futuras, é pertinente olhar para aqueles que estão a experimentar e criar formas de vida sustentáveis a vários níveis. Por ser o movimento que considere mais radical, escolhi as ecoaldeias como objeto principal desta dissertação. Considero este movimento interessante por ser um projecto não apenas de resistência mas também de resiliência em que se estruturam como espaços de experimentação, ativismo e participação.

Em linhas gerais, as ecoaldeias são espaços físicos, sociais, culturais e políticos de experimentação e construção de alternativas ao sistema vigente. Conscientes dos problemas globais contemporâneos e activos na construção de alternativas, as ecoaldeias são projectos políticos, que não negam a tecnologia nem os processos de globalização, mas pelo contrário servem-se deles para se afirmar, partilhar, comunicar e tornar o movimento coeso. Pretendem diminuir a sua pegada ecológica e disseminar formas de comunicação não violenta, através da participação e vivência em comunidade, experimentação de estilos de vida mais simples e de outro tipo de relação com a natureza e com a tecnologia.

Como o movimento social das ecoaldeias nasce e se constrói como alternativa (económica, social, cultural, política, ambiental e até espiritual) ao sistema hegemónico, a globalização deve de ser pensada não apenas em termos de alternativas mas também de hegemonias. Neste contexto, visto que o modelo hegemónico tem vindo a dar provas da sua falência é importante introduzir o conceito de crise(s). A crise é uma meta-narrativa estratégica com forte impacto a vários níveis no quotidiano das sociedades contemporâneas, neste sentido pretendo argumentar que este movimento se estrutura como reação à mesma, na experimentação e procura activa de soluções locais para problemas globais.

Seria redutor conceptualizar as ecoaldeias como movimentos contemporâneos, pois herdaram muitos dos princípios emergentes nos movimentos de contracultura das décadas de 60

e 70. Por este motivo, torna-se pertinente olhar para este movimento numa perspectiva histórica, de forma a situá-lo não como uma tendência atual mas como uma continuidade e evolução dos mesmos.

Por outro lado, pareceu-me a certa altura indispensável situar o movimento das ecoaldeias numa tendência de “alter-política” a nível global, e não como um movimento isolado e separado de outros. Apesar de poderem ser estruturalmente diferentes, contemporaneamente os diferentes movimentos parecem cada vez mais identificar-se entre si e dialogam em assembleias públicas e virtuais, em ações de protesto e na discussão de temas contemporâneos com pensamento cada vez mais orientado para as soluções. O protesto tem vindo a adotar outras formas de comunicação que já não são os confrontos com as forças do sistema hegemónico ou o protesto em praça pública, mas começam a organizar-se ocupando o espaço público de formas criativas e organizadas com atividades políticas, culturais, educativas ou ambientais, etc.

É importante adiantar, desde já, que irei conceptualizar as ecoaldeias em espaços-tempo específicos, pois fui-me apercebendo que as ecoaldeias são um processo e não um fim e que existe uma grande variabilidade de propostas dentro do movimento. Este facto não é de estranhar se tivermos em conta o seu carácter laboratorial, a sua dinâmica, a dimensão da sua missão e o fato de emergirem em diferentes contextos. Esta perceção foi emergindo durante as estadias no terreno e entrevistas realizadas, no período temporal que vai de Dezembro de 2010 a Junho de 2012, em que nitidamente as prioridades do momento eram realçadas.

Em termos de escrita e análise de dados, optei por manter as transcrições das entrevistas na sua língua original – inglês – de forma a não adulterar ou descontextualizar o seu conteúdo.

O(s) Terreno(s)

No início desta pesquisa o meu objeto de estudo era a ecoaldeia Tamera (ecualdeia em ambiente rural). Contudo ao longo do tempo e de acordo com as possibilidades que me foram aparecendo, o meu terreno alargou-se ao movimento das ecoaldeias de uma forma geral, assim inclui o Global Ecovillage Network - GEN (a comunidade de comunidades) e a Los Angeles Ecovillage – LAEV (ecualdeia urbana).

Para além do alargamento do terreno, alarguei também o meu foco de análise. Inicialmente pretendia estudar um projeto assente na proteção e reabilitação ambiental, em oposição à relação predatória imposta pelo modelo dominante. Contudo, cedo me apercebi que não poderia falar do projeto ambiental sem falar do projeto social, e mais tarde optei por conceptualizar a dimensão política do movimento pelo seu potencial analítico mais abrangente.

Atualmente vivem-se tempos conturbados pela crise económica, contudo apesar de muitos defenderem que as crises são cíclicas e indispensáveis, atualmente há dois fatores que são novos: o número de pessoas no mundo (neste momento cerca de 7 mil milhões) e a progressiva crise ambiental. Assim, torna-se cada vez mais urgente pensar em modelos alternativos que permitam manter a vitalidade dos vários sistemas e com isso garantir a qualidade de vida das gerações futuras (note-se que isto não tem sido possível sequer, com as gerações passadas e contemporâneas, devido a múltiplas reproduções de poder e desigualdades). Por esse motivo, com este estudo pretendo explorar propostas de alter-globalização (Negri e Hardt, 2000) através do movimento social das ecoaldeias.

Para além disso, considero redutor conceptualizar o movimento das ecoaldeias de forma isolada, pois na verdade este articula-se, relaciona-se e partilha valores com outros movimentos já existentes ou que têm vindo a emergir, principalmente a partir da Primavera Árabe. Este conjunto de movimentos caracteriza-se não apenas pelas alter-propostas mas também pela pro-atividade; são movimentos de ação que passam do protesto para a reflexão, debate e ação centrada em soluções sustentáveis. Nesta dissertação pretendo conceptualizar as ecoaldeias enquanto espaços resilientes de participação, responsabilidade, cuidado e ética ambiental, sem esquecer a sua relação com outros movimentos e com a sociedade dominante de uma forma geral.

Metodologia

Este trabalho é uma Tese de Mestrado orientado pela Prof. Antónia Lima e coorientada pela Prof. Ana Firmino, integrado no projeto “O cuidado como fator de sustentabilidade” financiado pela FCT (Fundação para a Ciência e Tecnologia, referência PTDC/CS-ANT/117259/2010), nomeadamente no que diz respeito a propostas de cuidado para com o mundo.

Este estudo resulta de uma análise qualitativa resultante de dois métodos de recolha de dados: entrevistas semi-estruturadas e observação participante. Pelas características do terreno em estudo (um movimento global que utiliza a internet como ferramenta de divulgação e comunicação) a observação participante decorreu não apenas no contexto físico mas também em contexto virtual.

Iniciei a pesquisa em Dezembro de 2010, quando após escolha do tema em estudo comecei a ler a respeito das ecoaldeias e tive o meu primeiro contacto com Tamera num seminário sobre permacultura promovida pela Quercus¹. Nesta conferência, para além de assistir a uma apresentação do projeto pelos próprios, tive a oportunidade de anunciar a minha intenção de estudo e recolher alguns contactos. O próximo passo foi visitar Tamera em Maio de 2011 num dos sábados de visita aberta. Nesta primeira visita a Tamera (mas 2º contacto) pude conhecer pessoalmente o projeto e ouvir a apresentação do mesmo pelos próprios. Pude também explicar o que pretendia estudar e “pedir autorização” para utilizar Tamera como objeto de estudo. Neste dia tive também conhecimento da conferência anual do GEN que iria decorrer em Julho em Tamera. Por ser uma oportunidade privilegiada de contactar com o movimento a nível global, dois meses depois voltei a Tamera durante uma semana, sendo o meu foco de atenção o GEN pelo que para além de participar na conferência, tive oportunidade de estar com residentes de várias ecoaldeias e assim alargar o meu conhecimento das mesmas. Pela riqueza do contacto informal, durante a semana realizei apenas três entrevistas formais, nomeadamente a Macaco Tamerice (presidente do GEN Europa, residente na ecoaldeia italiana Damanhur), a Lua Beshana-Kekana (GEN-África, ativista a construir uma ecoaldeia no Congo) e a Martin Winiacki (responsável pelo projeto político de Tamera). Para além disso, tive uma ótima oportunidade de conhecer vários dos

¹ Programa e informação disponível em:

<http://www.quercus.pt/scid/webquercus/defaultArticleViewOne.asp?categoryID=689&articleID=3348>

projetos de transição e permacultura em Portugal (p.e². a Aldeia das Amoreiras, O Fojo), e de assistir a duas reuniões com participantes nos vários projetos portugueses e espanhóis com o objetivo de se criar uma rede ibérica mais coesa e participativa.

Mais tarde, em Novembro e Dezembro de 2011, surgiu a oportunidade de visitar e ficar cerca de 20 dias na ecoaldeia Los Angeles Ecovillage - LAEV. Aqui tive também ótimos contactos informais principalmente com a fundadora da ecoaldeia – Lois Arkin e o Julio Santizo, residente na casa do qual fiquei hospedada. Pude também assistir a várias atividades da ecoaldeia: reuniões semanais, de mudança de políticas, com outros grupos externos à ecoaldeia, jantares comunitários, uma visita guiada, um workshop e os vários espaços e atividades da ecoaldeia em diferentes momentos dos dias. Durante a minha estadia realizei 3 entrevistas, nomeadamente: a Yuki residente em LAEV há 10 anos, japonesa, 34 anos; Lara, residente em LAEV há 12 anos, americana, 56 anos, a trabalhar a tempo inteiro na ecoaldeia e Julio, residente na LAEV há 11 anos, guatemalteco, 63 anos.

Entretanto, entrevistei a Inês, ativista da assembleia popular da Graça e de movimentos de transição, que tinha estado a estudar em Tamera e estava prestes a regressar durante 6 meses. Comecei também a participar em assembleias populares no Porto e em Lisboa, e em projetos comunitários como as Hortas Musas da Fontinha e o Es.Col.A (Espaço Coletivo Autogestionado) no Porto e jantares da RDA69 em Lisboa. Estes contactos permitiram-me perceber a semelhança que havia entre eles e as ecoaldeias, principalmente com a LAEV em que as propostas eram muito semelhantes (ênfase no comunitário, criação de alternativas locais de mobilidade, alimentação e economia, organização para pressão política), talvez pela sua localização em meio urbano.

O último contacto físico com o terreno (exceto com os movimentos populares) foi em Março de 2012, em que estive 9 dias em Tamera. Como para estar em Tamera tenho de estar incluída em alguma das atividades a decorrer para visitantes, inscrevi-me e frequentei o Curso Semana Introdutória: “Ideias Básicas para a Criação de Modelos de Paz³”, pois as possibilidades de visita implicavam a estadia mínima de um mês (grupo “A votre service” – Colaboração no Modelo Tamera) ou eram só para convidados (“Trabalho com o Projeto Cavalos”). Como esta semana foi bastante intensiva, pois para além de estar a ser formada,

² P.e. abreviatura de por exemplo

³ Informação sobre o curso em: <http://www.tamera.org/index.php?id=763&L=2>

estava em constante reflexão com os meus colegas de curso, e em diálogo com residentes de Tamera, decidi não realizar entrevistas formais.

Apesar de haver um *design* inicial de guiões de entrevista, estas foram realizadas de forma totalmente aberta, pois a certa altura apercebi-me que este influenciava os entrevistados e com isso perdia a riqueza que é a descrição do projeto pelo próprio tendo em conta as suas referências. A vivência em ecoaldeias antes de ser um projeto coletivo é um projeto pessoal, e isso ficou bastante explícito nas entrevistas em que acerca do mesmo objeto e tema tive diversos relatos que focavam diferentes pontos, o que enriqueceu a análise. Por outro lado, esta opção metodológica permitiu-me aceder à contemporaneidade do movimento. A este respeito, a própria Lois Arkin, referindo-se à fase de transição que a LAEV vivia, disse-me que se eu voltasse a entrevistar as mesmas pessoas 6 meses antes e 6 meses depois, ia ter relatos bastante distintos.

A observação *online* foi efetuada durante todas as fases do projeto. Esta realizou-se através da visita regular aos *sites* (GEN, Tamera) e blogs (LAEV) dos movimentos em questão e outros relevantes (*Transition Culture, Occupy, Simplicity Forum, etc.*) pela receção de newsletters (de Tamera) mas também de interessantes conversas, interações e notícias após inscrever-me na lista de emails do GEN.

A pesquisa bibliográfica também foi realizada ao longo de todas as fases do projeto, e a sucessão de temas e tópicos em análise coincidiu com os diferentes focos e fases de amadurecimento do mesmo. Assim se inicialmente me preocuparam questões relacionadas com ambiente, ética ambiental e ecoaldeias, seguidamente passei para temas relacionadas com globalização, movimentos sociais e economia solidária. Com este background redirecionei a minha atenção para questões mais políticas que me permitiram perceber a importância e relevância do conceito “cuidado” numa perspetiva não apenas caritativa ou assistencialista mas de participação e responsabilidade.

Em termos de dificuldades, a maior dificuldade que senti foi sem dúvida abarcar numa tese de 80 páginas o complexo modelo das ecoaldeias. Enquanto modelo holístico, toca grande parte das áreas humanas pelo que exigiria uma maior dedicação temporal e disponibilidade de espaço para descrever o projeto de forma mais pormenorizada. “*Qualquer trabalho de campo tradicional define uma tarefa massiva comparativamente com o que um*

investigador pode esperar fazer com o tempo e discursos disponíveis. Assim, a retórica da incompletude é muito comum na retórica da etnografia” (Marcus, 2009:28).

Outra dificuldade sentida numa fase inicial, foi o facto de estar a lidar com pessoas que tinham o mesmo background sociocultural que eu, e que dominavam certos conceitos que eu só conhecia perifericamente. Por esse motivo, a certa altura da minha pesquisa, apercebi-me que não poderia compreender o terreno se não percebesse os princípios que o regem, pelo que dediquei algum tempo a estudar temas como: permacultura, holismo, energias renováveis, etc. Outro desafio foi o fato de estes movimentos “se moverem” no tempo e no espaço, ou seja, longe de serem estáticos e isolados, são movimentos em constante transição o que implica o questionamento das próprias práticas de trabalho de campo (Marcus, 2009).

Objetivos

Dado o referido anteriormente e as características do meu terreno torna-se pertinente (1) contextualizar o movimento das ecoaldeias através de contributos multidisciplinares de áreas como a história, a sociologia, a psicologia e a economia. O conceito de globalização é central neste trabalho, pelo que pretendo (2) aprofundá-lo e debatê-lo para problematizar novas expressões, manifestações, especificamente (3) o movimento das ecoaldeias enquanto espaços de resiliência em contexto de crise(s), à luz das perspetivas de economia solidária. Neste sentido é importante (4) conceptualizar as ecoaldeias enquanto projetos políticos, (5) debater e problematizar os conceitos ética ambiental e cuidado que se traduzem em sustentabilidade nesta realidade social específica, e (6) identificar limites e desafios do movimento.

Tendo em conta não apenas o movimento global mas também os exemplos locais, vou (7) analisar o movimento das ecoaldeias tendo como referência a sua filosofia e visão de uma forma geral, e as suas idiossincrasias dependendo do contexto em que emergem e se constroem. Num mundo global e numa perspetiva de continuidade histórica pretendo também (8) pensar o movimento social das ecoaldeias numa lógica inclusiva e em relação com outros movimentos passados e contemporâneos.

CAPÍTULO I - ECOALDEIAS EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÕES

1.1) Ecoaldeias

1.1.1) Emergência

As ecoaldeias são comunidades intencionais, herdeiras de ideias e práticas comunitárias, que surgem no atual contexto técnico-científico-informacional, como resposta ao atual paradigma capitalista e consumista e sua consequente insustentabilidade ambiental e social (Santos Júnior, 2006).

No início dos anos 90, a fundação Gaia Trust⁴ promoveu várias discussões pelo mundo para promover o conceito de ecoaldeias. Com o objetivo de unificar o conceito formaram redes internacionais que unissem estas comunidades. Estes encontros coincidiram com a emergência e massificação da internet, o que potenciou a criação do Global Ecovillage Network em 1994 - uma plataforma transnacional que funcionasse como base de dados de comunidades/ projetos ecológicos já existentes ou em formação. O casal Gilman⁵, envolvido com estas temáticas desde a década de 70, teve uma grande influência na emergência deste movimento, sendo uma referência fundamental para as ecoaldeias. Envolvidos no estudo da sustentabilidade global e ativismo, criaram em 1979 o *Context Institute* e o Jornal *In Context* em que ao longo de 13 anos publicaram diversos artigos orientados para a divulgação destes temas e com orientações para a criação de comunidades sustentáveis ou ecoaldeias (Context, 2012⁶).

1.1.2) Definindo Ecoaldeias

Motivados pelas crises, começaram a surgir os primeiros fluxos para “comunidades alternativas” baseados no comunitarismo e naturalismo deixando para traz o artificialismo

⁴ Associação dinamarquesa fundada em 1987 por Ross e Hildur Jackson para apoiar a transição para um futuro mais sustentável e espiritual através de subsídios e iniciativas proactivas. Para mais informações www.gaia.org

⁵ Robert Gilman é considerado um dos pais da sustentabilidade. Em 1979 construiu o Instituto *Context* para " se focar diretamente na sustentabilidade, lidando com várias dimensões de desenvolvimento de comunidade (humano, construção, economia, etc.) no contexto de tendências globais (população, uso de recursos, mudança tecnológica, etc.) Para mais informações consultar <http://www.context.org/index.html>

⁶ Informação disponível em: <http://www.context.org/iclib/>

urbano e industrial. É por este impulso para viver em comunidade, que não é definido pelo parentesco ou etnia, mas pela partilha de valores e de uma missão que estes coletivos se designam de *comunidades intencionais* (Metcalf, 1995). Contudo apesar de este movimento não ser contemporâneo (remonta inclusive à pré-história mas também aos anos 1960/70), e de a sua presença ter variado ao longo dos séculos, atualmente vivemos uma época de crescimento e dinamismo, devido fundamentalmente à perda de sentido coletivista, e de ameaças sem precedentes aos ecossistemas a nível mundial (idem). As preocupações ambientais aliadas a avanços científicos e tecnológicos na área da sustentabilidade, impulsionaram a evolução para ecoaldeias.

De acordo com o Global Ecovillage Network (GEN, 2011⁷):

As ecoaldeias são comunidades rurais ou urbanas de pessoas que lutam para integrar um ambiente social de apoio com um estilo de vida de baixo impacto. Para conseguir isto, eles integram vários aspetos de design ecológico, permacultura, construção ecológica, produção verde, energia alternativa, práticas de construção de comunidade, e muito mais.

Para Dawson (2010) há uma grande heterogeneidade e diversidade no interior da família das ecoaldeias, contudo é possível ressaltar alguns pilares comuns nomeadamente, o impulso comunitário, a iniciativa cidadã de resistência e ação, a partilha de valores comuns em comunidade, agem como centros de investigação e formação. Por estes pilares é possível sentir alguma intencionalidade e sentido de visão, nomeadamente: a redução da pegada ecológica, ativismo e pressão política e influência da população através da educação. Estes fatos foram também realçados por Macaco Tamerice⁸:

I think ecovillages are valuable alternatives, because in ecovillages is really like a mini society, where you have... according to the four core rooms of the Gaia Education Mandala⁹ you have the social, you have the economical, you have the ecological and you have culture. So it is a holistic approach to life, where... where it becomes so cutting edge its really that we are looking for new solutions, so we are trying to combine old knowledge, traditional knowledge with new ways of living, of thinking and of approaching... because in this time, what is really needed is to make a shift of paradigm, to find new models, something new.

⁷ Referência disponível em <http://gen.ecovillage.org/ecovillages/whatisanecovillage.html>

⁸ Entrevista a Macaco Tamerice, presidente do GEN-Europa, residente em Damanhur – ecoaldeia no norte de Itália, 8 de Junho de 2011.

⁹ Ver Mandala na Fig. 2, Anexo A.

As Nações Unidas incorporaram o conceito de ecoaldeias no programa para o desenvolvimento comunitário sustentável (SCDP) e em 1998, as ecoaldeias foram nomeadas oficialmente na lista da ONU, como uma das 100 melhores práticas para o desenvolvimento sustentável e como modelos excelentes de vida sustentável (Costa, s/a). Atualmente existem no mundo, mais de 15.000 comunidades sustentáveis, entre as quais, cerca de 1500 são ecoaldeias. Algumas destas foram mesmo nomeadas como património da humanidade, pela UNESCO. Neste momento há vários casos bem-sucedidos e estruturados de ecoaldeias pelo mundo, como é o caso de Auroville na Índia, com mais de 40 anos e 2160 residentes (idem).

Em Portugal existem várias ecoaldeias e pequenas comunidades (Tamera, Biovila, O Fojo, etc.), e há também várias intenções como é o caso do Boom Festival. Após um contacto via email, um dos organizadores do festival respondeu-me “*nós temos o projeto de criação de uma ecoaldeia que está barrado pela burocracia portuguesa, por dificuldades económicas e proprietários com uma visão limitada... Ainda não conseguimos adquirir o terreno mas temos toda a tecnologia e conhecimento...*” O que demonstra, que apesar do seu objetivo alternativo, construir uma ecoaldeia não é um processo simples nem desburocratizado.

1.2) Globalizações: Crise(s) e alternativas

A Globalização é um fenómeno multifacetado em que as dimensões económicas, sociais, políticas, culturais e religiosas se interligam de forma complexa (Sousa Santos, 2006). Neste sentido, diz respeito à intensificação da interconexão global e dos fluxos de pessoas, capitais, ideias, imagens, etc. Appadurai (2004:51-54) define cinco *scapes* ou paisagens, que á semelhança das culturas são dinâmicas e estão em constante mudança, nomeadamente: etnopaisagem, tecnopaisagem, financiopaisagem, e ideopaisagens. De acordo com esta perspetiva as ecoaldeias podem ser conceptualizadas como uma *etnopaisagem* – as paisagens de identidade do grupo. Para o autor as *etnopaisagens* já não são “*objetos antropológicos familiares, na medida em que os grupos já não são rigorosamente territorializados, delimitados espacialmente, historicamente assumidos ou culturalmente homogéneos*” (idem:72). No caso das ecoaldeias existe a produção espacial e social de localidade, isto é a transformação social e consciente de espaços em lugares. São contextos pois fornecem cenários para a ação humana e têm o potencial de produção de novos contextos (materiais, sociais e imaginativos) pelas contingências históricas, ambientais e imaginativas.

Estes fluxos não devem ser vistos de forma isolada e desarticulada, pois influenciam-se e relacionam-se mutuamente e contribuem para a troca de informação a nível global. Pelo que, longe de ser o fenómeno unilateral, homogéneo e estático que continua a fazer parte das narrativas científicas e políticas e do imaginário das pessoas, é um fenómeno complexo e multifacetado, ou seja, não existe uma Globalização mas sim *Globalizações* (Sousa Santos, 2006).

No que diz respeito às ecoaldeias, a título de exemplo, Tamera acolhe anualmente estudantes de várias partes do mundo para lhes transmitir conhecimentos relacionados com paz, ambiente e comunitarismo que possam ser posteriormente replicados pelos estudantes, nos seus contextos de origem. Por este motivo podemos falar de ecoaldeias como espaços transnacionais ou espaços nodais (Gupta e Ferguson, 1997) pois são constituídas por residentes (temporários ou a tempo inteiro) de múltiplas nacionalidades, unidos por uma causa comum.

Vários autores falam em duas (ou mais) sub-categorias de Globalizações, cuja divisão assenta claramente no conceito de poder. Assim há a globalização hegemónica e a globalização não/alter-hegemónica. Por sua vez, no seu livro Gupta e Ferguson (1997), defendem que a Globalização assenta em múltiplas contradições: assim se para uns representa o triunfo da racionalidade, liberdade e progresso, para outros significa miséria, exclusão e destruição ambiental; se para uns demonstra o poder e supremacia do capitalismo, outros aproveitam algumas das suas potencialidades para desenvolver e expandir movimentos transnacionais de solidariedade e lutas anti-capitalistas (idem).

Em relação à Globalização hegemónica o fim dos anos 60 início dos anos 70 marcaram o final de uma era de grande prosperidade e crescimento sem precedentes históricos designada por “*Anos Dourados*” - período que vai desde o fim da 2ª Guerra Mundial até à crise do Petróleo em 1973. Para Franco Cazzola (2010:68), este marco é paradigmático

(...) porquanto é depois da crise petrolífera que começam a fazer o seu caminho, na literatura científica como no debate político ou parapolítico, a proposta e a realização de novos modelos económicos e políticos (...) No plano prático começou então a ganhar visibilidade o papel cada vez mais importante desempenhado por agências internacionais, como o Banco Mundial ou o Fundo Monetário Europeu.

Para além deste marco, com o final da Guerra Fria em 1974 e posterior desmantelamento da União Soviética em 1991, passou-se de um mundo bipolar – Capitalismo

Keynesiano (Social Democrata) vs. Socialismo/ Comunismo para uma ideologia única – Neoliberalismo (a vitória do capitalismo), que defende uma regulação intervencionista do mercado, anunciando o desmantelamento e redução estratégica do Estado-Providência (Mattos, 2009).

Resumidamente, o capitalismo¹⁰ é o modo de produção em que os meios de produção e distribuição, e a força de trabalho se tornam mercadorias apropriadas e reguladas privadamente. Este modelo, que aparentemente assenta na ideia de mercado livre para todos, acaba por acentuar as desigualdades sociais pois na verdade este é acessível aos que têm capital para investir (mercado livre para alguns). Neste sentido, permite aos mais poderosos a privatização da terra e outros recursos naturais nos seus países e noutros, através de poderes coloniais e pós-coloniais, acentuando a pobreza e a desigualdade e causando danos ambientais (Robertson, 2007).

De acordo com Negri e Hardt (2000) partir da 2ª metade do séc. 20, com a vitória do capitalismo, as empresas multinacionais e transnacionais e as corporações financeiras organizaram-se tendo já em vista o global. Assim, a globalização hegemónica remete para a globalização levada a cabo pelo sistema neoliberal, assente nos ideais de desenvolvimento, progresso, modernidade, consumismo. Por esse motivo, é operatória no estabelecimento de hegemonias e na diferenciação entre países desenvolvidos de países sub-desenvolvidos. Esta diferenciação é ilusória no sentido em que se estabelece tendo como referência uma única forma de economia – a capitalista (ibidem). De acordo com Sousa Santos (2006:5) “*A divisão internacional da produção da globalização tende a assumir o seguinte padrão: os países do centro especializam-se em localismos globalizados, enquanto os países periféricos apenas resta-lhes os globalismos localizados*”. Neste contexto o dinheiro assume-se como “energia vital”, fonte de poder e é quem o tem que dita as regras, o que representa a submissão da sociedade ao capital. Assim, estruturam-se territórios e pessoas e instrumentalizam-se

³Apesar de o capitalismo ser conceptualizado como uma entidade estática, convém realçar que ao longo do tempo este passou e passa por mutações e transformações. Assim se no período pós- 2ª Guerra Mundial, o capitalismo numa época de prosperidade seguia a ideologia de Keynes, que seguindo uma lógica de preocupação coletivista enfatizava o Estado-social, ou Estado-Providência, isto é, O Estado-Cuidador. A partir da crise do Petróleo, as ideias do Keynes foram sendo abandonadas como inviáveis sendo enfatizadas ideias do liberalismo clássico, surgindo o Neoliberalismo como alternativa.

estados-nação para inscrever fluxos de mercadorias, dinheiro, populações e subjetividades (Negri e Hardt, 2000). Neste contexto, a globalização assume-se como uma nova forma de Império que vem substituir a anterior dominância do Estado-Nação. O projeto capitalista aliou, portanto, o poder político ao poder económico, utilizando o direito e a lei enquanto agentes reguladores e facilitadores da sua globalização e mercado global, justificando por vezes intervenções militares, jurídicas e morais. Este estratégico “apoio legal” facilita a aquisição capitalista de poderes e bens comuns, reflectidos nas políticas de privatização, actualmente divulgadas quase diariamente pelos *media*. Esta tendência de privatização da propriedade pública que está nas mãos do Estado, enfatiza o individual em detrimento do coletivo e “politiza” a economia e o consumo (idem:304). Assim, o sistema constitucional tradicional entrou em declínio, enquanto no contexto supranacional não há uma governança que represente as pessoas/ povo.

A Governança Global é cada vez mais vista pelos cientistas sociais como autoritária e com falta de legitimação democrática, pois não favorece a participação dos cidadãos num diálogo democrático e decisão, e para a responsabilidade pública dos decisores políticos. (Splichal, 2009:39).

A sociedade de controlo utiliza a comunicação social e os *media* como forma de afirmar a autoridade e poder, através do reforço, produção e reprodução de metanarrativas, com principal ênfase nas políticas do medo (Negri e Hardt, 2000). Reparemos no exemplo contemporâneo, a sombra da crise e o fantasma do desemprego, levam as pessoas a aceitarem as políticas da austeridade pois pelo menos “*têm emprego*”. Para além disso, “*o discurso político é um discurso de vendas articulado, e a participação política reduz-se à seleção entre imagens consumíveis*” (idem:323), manipulando a opinião pública e mantendo o desinteresse e a apatia política.

De acordo com Giddens (1991), a globalização dos sistemas sociais modernos conduz a novas consequências de alto risco nomeadamente: destruição ambiental, colapso dos mecanismos de economia global, armas nucleares, desigualdades sociais, o crescimento de super-estados totalitários. Assim, a modernidade produz diferença, exclusão e marginalização e diminui a possibilidade de emancipação. Para Brecher et al. (2000:5) “*As globalizações a partir do topo globalizaram estes problemas*”.

Em grande parte, estes problemas devem-se à construção moderna do conceito de *prosperidade*. “*a fórmula convencional para adquirir prosperidade baseia-se no pressuposto*

de crescimento económico. De acordo com este ponto de vista, rendimentos mais elevados aumentam o bem-estar e levam à prosperidade” (Jackson, 2009:20). Esta associação torna-se paradoxal, pois o crescimento económico tem implicações negativas a nível ambiental, social e económico (Jackson, 2009). *“Crise e declínio não são bases ocultas nem um future ameaçador mas uma clara e óbvia atualidade, um evento sempre esperado, uma latência sempre presente”* (Negri e Hardt, 2000:387).

Em contexto de recessão económica e crise, desenvolvimento sem crescimento é sem dúvida uma questão que ocupa a atenção de vários investigadores e economistas. Por todos os indicadores de recessão económica, social, política (entre outros), torna-se fundamental redefinir o conceito de prosperidade incluindo as dimensões social, política, ambiental e psicológica. Esta redefinição entraria em confronto com a estrutura das economias de mercado pois subentende o abandono do pressuposto de crescimento material como base da estabilidade económica e o fim da separação entre a economia por um lado e a sociedade e ambiente por outro. Assim, exigiria um paradigma de economia alternativo ao capitalismo, baseado em tecnologias renováveis e manutenção dos ecossistemas, num equilíbrio diferente entre bens privados e públicos, e num reenquadramento dos conceitos produtividade e rentabilidade. *“Em particular, precisamos de identificar oportunidades para a mudança dentro da sociedade – mudanças nos valores, nos estilos de vida, nas estruturas sociais – que nos irão libertar da danosa lógica social do consumismo”* (idem:65).

Contemporaneamente, num cenário em que cada vez mais se fala em crise de paradigma - “a Crise do Capitalismo” – convém referir que o que assistimos é a crise de uma forma de capitalismo – que já não se baseia em produtos mas em jogos financeiros. De facto, o(s) capitalismo(s) representam um paradigma que se caracteriza por crises ou pela sua iminência principalmente pela relação desigual entre o trabalhador enquanto produtor e o trabalhador enquanto consumidor (Negri e Hardt, 2000).

Por outro lado, este modelo económico conceptualiza a prosperidade numa lógica materialista, não apenas pela dominância do mercado, mas também a nível social e individual, pois imbuiu estas dimensões de uma lógica de consumismo (Jackson, 2009). No modelo neoliberal a lógica social baseia-se em competição e comparação em que o sujeito é avaliado em função do seu posicionamento económico e participação materialista na vida em sociedade. A nível individual, para além dos bens de consumo garantirem *estatuto*, são também integrados na identidade, experiência, pertença e esperança. Paradoxalmente “a

sociedade ocidental moderna parece estar na grelha de uma `recessão social`”(Jackson, 2009:86), pois apesar de terem riqueza material surgem cada vez mais casos de depressão, alcoolismo, falta de moral no trabalho, perda do sentido de comunidade (idem), menos confiança na sociedade e aumento da apatia e desinteresse político (Cazzola, 2010).

As metanarrativas crise e políticas de austeridade, que actualmente fazem parte do nosso quotidiano, parecem representar uma espécie de resiliência que desinveste ou decresce o valor do público para a manutenção do projeto capitalista. Assim, o que foi conquistado no passado – voto livre, liberdade de expressão e cidadania, direito à saúde e educação – está a ser progressivamente posto em causa (Cazzola, 2011). Se tivermos em conta o panorama político e histórico, este desinvestimento no público e colectivo relaciona-se com a crise da esquerda. No seu livro *“O que resta da Esquerda”* (Cazzola, 2011) o autor refere que esta regressão envergonhada e amendrontada da esquerda é problemática numa altura em que o capitalismo e o liberalismo dão provas da sua falência e em que as desigualdades sociais são mais acentuadas do que há 30 anos atrás. Em entrevista à antena 1¹¹, o autor nega uma visão derrotista afirmando que não é apenas a nível institucional que a esquerda age ou pensa, mas existe também uma Esquerda Social pouco ou nada organizada em partidos mas que está presente na sociedade, nas pessoas, que dão vida a movimentos de protesto mais ou menos duradouros e que reivindicam direitos, esperanças, trabalho, redistribuição de riquezas. O problema, atualmente, é que a Esquerda Social não está em comunicação com a Esquerda política, o que dificulta ambas pois a esquerda política no essencial desaparece e a esquerda social não consegue alterar as relações de poder. Esta preocupação pela fusão de ambas as tendências esquerdistas, apareceu explicitada por Inês Subtil¹², ativista nos movimentos de Transição da Graça (Lisboa) e representante nas assembleias públicas da mesma zona que defende que *“mesmo que os movimentos sejam apartidários, é precisa a presença de pessoas ligadas à política, são eles que sabem como comunicar numa linguagem política, e são eles que podem influenciar”*.

¹¹ Entrevista disponível em <http://tv1.rtp.pt/antena1/index.php?t=Entrevista-a-Franco-Cazzola.rtp&article=4628&visual=11&tm=16&headline=13>

¹² Entrevista a Inês Subtil, ativista no movimentos de transição da Graça, Primavera Global e residente temporária em Tamera, Lisboa, 23 de Fevereiro de 2012.

Para além disso, o estandarte democracia associada à ideia de liberdade (e das políticas sociais-democratas), tantas vezes apregoado pelos modelos capitalistas, começa também a ser posta em causa.

Tanto dentro dos estados individuais como ao nível internacional, esta esfera limitada de “democracia” imperial configura-se como para um Povo (uma particularidade organizada que defende os privilégios e propriedades estabelecidos) em vez de uma multidão (a universalidade de práticas livres e produtivas) (Negri e Hardt, 2000:316).

Esta perda de democracia é explícita se pensarmos que, por exemplo atualmente em Portugal, os eleitos numa lógica de democracia representativa obedecem a uma agenda transnacional imposta pela tão falada Troika. Para além disso torna-se importante questionar até que ponto as medidas de austeridade são compatíveis no plano político, jurídico e social com o conceito de Estado de Direito democrático, tendo em conta o impacto que têm tido nos direitos fundamentais sociais.

Apesar da sua conotação tendencialmente negativa, a crise pode ser um momento privilegiado de criatividade e implementação de uma agenda transformativa.

Outros futuros e globalizações solidárias são possíveis, e outros movimentos de base e lutas são contributos cruciais para o projeto de um mundo multicultural e cosmopolita, um mundo construído com base na justiça social e ambiental, solidariedade, cidadania ativa e alta intensa democracia (Sousa Santos, 2004:3).

(...) it's obvious that our financial systems and economic systems aren't functional, and our relationship to the environment right now is dysfunctional, and what they say is that things can go like this forever, won't, so is like all these dominant structures they are really dysfunctional, and they will not going to last, and so we need something that is workable in a long run, to replace it, and I think that a lot of what we are doing here is in line with... (Yuki¹³).

Para Negri e Hardt (2000:324) apesar da globalização neoliberal se impor de forma imperial, as características do mundo pós-moderno criam condições que estimulam a criação e organização de novas formas de “luta” e emancipação. Com Giddens (1991:9) acrescento *“ainda que a repressão de questões existenciais não seja completa e na alta modernidade,*

¹³ Entrevista realizada a Yuki, residente na ecoaldeia LAEV desde 2000, Los Angeles, 22 de Novembro de 2011

onde os sistemas de controlo instrumental se tornaram mais expostos do que antes e as suas consequências negativas mais aparentes, muitas formas de contra-reação aparecem”. Assim, têm emergido novas energias emancipatórias sob a forma de movimentos de oposição, resistência e solidariedade alternativos à globalização neoliberal. Estes movimentos alternativos são designados por Globalização não-hegemónica, globalização contra-hegemónica, globalização de baixo para cima, ou Globalização da cidadania (Gadotti, 2005). Para Brecher et al. (2000) a globalização não-hegemónica representa um movimento global de resistência e oposição, baseado na solidariedade e mutualismo, em que diferentes interesses e reivindicações acabam por confluir. Boaventura Sousa Santos (2006) utiliza a expressão cosmopolitismo insurgente para se referir a formas organizadas de resistência transnacional contra as desigualdades potenciadas pela globalização hegemónica. Contudo este tipo de globalização é normalmente conceptualizado como movimentos transnacionais da sociedade civil, assumindo uma forma de resistência, oposição, reivindicação, solidariedade. A este respeito Gustavo Lins Ribeiro (2006) chama a atenção para o facto de que há outras formas de globalização não-hegemónica, assim refere os vendedores de *gadgets* ilegais e outros símbolos globais de *estatuto*, como uma forma de globalização económica não hegemónica, resultante de uma tentativa de inserção no mercado de trabalho e nem tanto por ativismo.

Para Drago (2004:2) os eventos em Seattle¹⁴ e a realização do I Fórum Social Mundial marcaram a emergência de um “novo tipo” de ação coletiva conflitual.

Dizemos inovadores não só porque tendem a gizar os seus momentos de contestação e os seus objectivos em escalas transnacionais, abandonando o espaço nacional como plataforma única ou principal de referência da sua acção, como a sua articulação parece estar a redefinir o próprio campo do conflito político, ao apontar os processos de globalização como espaço da produção do conflito e do antagonismo.

Contudo, apesar de os confrontos de Seattle se terem caracterizado pela violência, o conflito pode fazer-se valer através de diferentes formas de comunicação. Assim, a título de exemplo, têm vindo a emergir movimentos contemporâneos que defendem cada vez mais formas de comunicação não violentas, como é o caso da ocupação de espaço público ou pela construção ativa de alternativas. Neste contexto é importante ter um olhar sociopolítico sobre esta realidade, que não se deixa hegemonzar pela política representativa ao reconstruir

¹⁴ Boicote e bloqueio da cimeira OMC através de ocupação de espaço público, que impediu os representantes dos diferentes países de participarem nas sessões e culminou num violento confronto com a polícia.

espaços de participação e cidadania. De acordo com Liftin (2009:126) as ecoaldeias podem ser consideradas um movimento pós-modernista construtivo que enfatiza o organismo e os sistemas, como reação à visão atomista e mecânica e às consequências nefastas do modernismo. “*O movimento das ecoaldeias deve ser compreendido como uma resposta consciente e pragmática à crise ideológica e material da modernidade, a resposta que se fundamenta numa ontologia holística*” (idem). Contudo, esta reação não se expressa através da mera desconstrução da modernidade mas através da construção ativa de alternativas viáveis.

Combinando um ambiente social de apoio com um estilo de vida de baixo impacto, as ecoaldeias estão conscientemente a procurar criar novas formas de viver que transcendem as dicotomias da modernidade rural vs. urbano, privado vs. público, cultura vs. Natureza, local vs. global, expert vs. leigo, riqueza vs. pobreza, corpo vs. mente (Liftin, 2009:127).

Apesar de os novos movimentos e protestantes se unirem em oposição à globalização capitalista, na verdade eles não são contra os processos e forças da globalização.

É neste contexto de mudança social acelerada e de mutações profundas nos marcadores e nas narrativas que constituem o campo de sentido da acção política, que assistimos, então, à emergência do que os media apelidaram de movimento “anti-globalização”. Estes novos contestatários têm vindo, contudo, a definir-se por “movimentos alterglobalização”, indicando assim a sua vontade propositiva de construir uma nova globalização, alternativa e solidária, ou como “movimento dos movimentos”, sublinhando nesta designação a multiplicidade de organizações e movimentos sociais que têm vindo a coligar-se neste tipo de protestos (Drago, 2004:2).

O conflito não é resultado apenas de contradições e oposições à ordem vigente, mas resulta fundamentalmente de um processo reflexivo e criativo de produção colectiva de identidades, conhecimentos, valores (Melluci et al, 1996 in Drago, 2004). “(...) *as lutas, elas próprias são demonstrações da criatividade do desejo, utopias de experiência vivida, o trabalho da historicidade como potencialidade*” (Negri e Hardt, 2000:52).

No que diz respeito ao “deficit democrático”, Splichal (2009) define o conceito “*governança global*” para conceptualizar novas formas de resolução de problemas democráticos na mudança do ambiente económico e político. Assim, torna-se importante conceptualizar o Público

(...) como uma rede de indivíduos e grupos discursivamente comprometidos com questões globais que afetam seriamente uma parte significativa da população, de forma a encontrar uma solução e/ou chegar a uma decisão, a qual deve mesmo ser baseada em racionalidade argumentativa (idem:41).

Em relação às ecoaldeias, para Kirby (2001) estas são criadas espacialmente, imaginativamente e socialmente por pessoas com vidas, personalidades e disposições diferentes mas que partilham um sentimento descondicionamento e alienação com as sociedades convencionais e expressam a necessidade de desenvolver um outro tipo de relação com os outros e com o mundo como motivação para a mudança. No seu estudo sobre a Ecovillage em Ithaca (EVI) Fichetti (2008) conceptualiza as ecoaldeias como espaços de resistência ao capitalismo e ao consumismo. Esta resistência tem carácter ativista, não apenas ao nível da ecoaldeia em si, mas também ao nível individual dos seus residentes. Para a autora o facto de as pessoas optarem por um estilo de vida mais simples, é só por si um ato político, de resistência e ativismo. Apesar de concordar com a autora prefiro conceptualizá-las enquanto espaços de resiliência, espaços de criação e experimentação e criação, baseadas no cuidado e mutualismo, e cujo diálogo com as estruturas dominantes se faz pela construção de alternativa e não pelo confronto. Ao se apresentarem como “um modelo para o futuro” (Dregger, 2010), as ecoaldeias estruturam-se como um tipo de alter-globalização. Dawson (2010:39) utiliza como título para o 3º capítulo do seu livro “*Dizer sim: para além da política do protesto*”, enfatizando a respeito da eco-aldeia Stirling “*o dom essencial que possuem as eco-aldeias para benefício da mais ampla família da sustentabilidade; designadamente, o impulso para ir além do protesto e criar modelos de formas de viver mais saudáveis, justas e sustentáveis*” (idem:40). Por outro lado, além de serem críticos em relação ao sistema hegemónico, dialogam com este, apresentam um carácter institucionalizado e estão recetivas ao diálogo com estruturas político-institucionais de decisão locais, regionais, nacionais e internacionais (Santos Júnior, 2006).

CAPÍTULO II - SEMENTES PARA A TRANSIÇÃO (?)

2.1) Os “Novos Movimentos Sociais”

A militância hoje em dia é uma atividade positiva, construtiva e inovadora. Esta é a forma em que, atualmente, nós e todos aqueles que estão revoltados contra a regra do capital se reconhecem enquanto militantes. Os militantes resistem ao comando imperial de forma criativa. Por outras palavras, a resistência está ligada a um investimento constitutivo no domínio biopolítico e na formação de aparelhos cooperativos de produção e comunidade. Esta é a grande novidade da militância hoje em dia: ela repete as virtudes da ação insurrecional de duzentos anos de experiência subversiva, mas simultaneamente está ligada a um mundo novo, um mundo que não conhece exterior. Apenas conhece o interior, uma participação vital e inevitável no contexto das estruturas sociais, sem possibilidade de as transcender. Este interior é a cooperação produtiva da intelectualidade em massa e redes afetivas, a produtividade das biopolíticas pós-modernas. Esta militância torna a resistência num contrapoder e torna a rebelião num projeto de amor. (...) Esta é uma revolução onde nenhum poder irá controlar – porque o biopoder e o comunismo, cooperação e revolução permanecem juntos, no amor, simplicidade e também inocência. Esta é a irresistível luz e alegria de se ser comunista (Negri e Hardt, 2000:413).

Definir de forma objetiva e definitiva movimento social é uma tarefa bastante árdua e complexa, pois dada a sua complexidade e dinâmica temporal qualquer tentativa de definição arrisca ser redutora. Assim, vou recorrer a um exercício realizado por Crossley (2002), que utiliza 4 diferentes definições de “movimento sociais”, para realçar algumas das suas características. Um movimento social é uma iniciativa coletiva motivada pela procura de alternativas/ novas perspetivas e por crenças e solidariedade partilhadas potenciando espaços públicos temporários de criação e criatividade que podem levar a interações sustentadas com os oponentes. Assumem uma dimensão *ascendente*¹⁵ e iminentemente de resistência por porem em causa as decisões, valores e práticas do sistema hegemónico.

As abordagens clássicas a respeito dos movimentos sociais abordavam os movimentos operários e democráticos que derivavam do marxismo, contudo a partir dos anos 70 começaram a surgir outros tipos de organização colectiva (“novos movimentos sociais”), com outras causas e outras reivindicações, como é o caso de movimentos feministas, pacifistas, ecológicos (Crossley, 2002). Para Giddens (2002) estes novos movimentos sociais fundamentam as suas causas com base no crescimento de elevadas consequências associadas

¹⁵ Tradução do original *bottom-up*

respectivamente à deflagração da guerra e ao desenvolvimento industrial e efeitos do ambiente criado. Para além do carácter de oposição podem ter o também o potencial para a mudança, inovação e experimentação social, política e cultural (Crossley, 2002; Jackson, 2009). Estes movimentos emergentes expressaram-se de duas formas: a) seguindo a trajetória política, b) outros enfatizando a renovação espiritual através do cultivo da espiritualidade interior (Roznak, in Zandbergen, 2010). Assim, surgiram movimentos de índole mais política e social como os *Black Panter* cuja causa era a discriminação racial, e os movimentos de nome “contracultura” (Roznak, 1969, in Santos, 2006). Estes eram constituídos por jovens americanos brancos e de classe média que na década de 60 protestavam contra a guerra do Vietnam, discriminação da mulher, de pessoas de cor e poluição ambiental. Neste sentido acusavam os valores e estilos de vida das gerações precedentes e questionavam a organização política e social, as ideias, hábitos, arte, espiritualidade e tecnologia. Procuravam construir modos de agir, sentir e pensar distantes do dualismo hierárquico – *holísticos*¹⁶ - através de valores integradores como a vivência comunitária, a aliança com a natureza e a reconciliação entre o corpo e a mente.

Contudo não devemos pensar estes movimentos como estando temporalmente localizados como se fossem estanques ou imutáveis, mas sim em continuidade. Zandbergen (2010) explica que houve uma evolução dos movimentos de contracultura na década de 60 e 70 aos movimentos contemporâneos. Na altura, os hippies viviam o desencanto com o materialismo e a racionalidade ocidental, sendo contra a tecnologia pela sua relação com a industrialização e com os problemas do mundo. A partir da década de 90, houve um aumento e popularização das tecnologias de comunicação e informação a nível global, que rapidamente se tornaram forças naturais e necessárias na vida. Através do movimento *New Edge* – resultante da fusão de ideais *New Age* (espiritualidade) com a tecnologia digital (*hi-tech*) – Zandbergen (2010) demonstra que apesar de herdarem os ideais dos 60/70s, atualmente os movimentos aceitam e inclusive incorporaram a tecnologia como essencial ao cumprimento das suas agendas emancipatórias. Em relação às ecoaldeias, pelo seu carácter experimental, não negam os avanços técnico-científico-informacionais, mas pelo contrário, utilizam-nos de forma criativa, construtiva e sustentável (p.e. arquitetura ecológica, energias renováveis, reabilitação paisagística, comunicação e difusão de boas práticas em rede...). Este

¹⁶ Esta ideia de holismo é bastante influenciada pelo trabalho de James Lovelock, que na década de 70 designou de Gaia o sistema de auto-organização da terra no qual conceptualizava todas as funções da matéria viva como um único organismo (Zandbergen, 2010).

conhecimento é aliado às práticas e saberes tradicionais, pelo que neste contexto se esvanecem as fronteiras, tradicionalmente estabelecidas, entre científico e não científico (Liftin, 2009). Assim, em relação aos movimentos dos anos 60/70 houve uma “reconciliação” com a tecnologia, pelo que atualmente as ecoaldeias não devem ser vistas simplesmente como um movimento “*regresso às raízes*” ou “*regresso à terra*”.

Recentemente têm vindo a emergir movimentos e manifestações sociais mas massificados, criados e facilitados pela internet. A este respeito, Appadurai (2004) chama atenção para a emergência de territórios virtuais que não sendo delimitados por fronteiras físicas, passaportes, etc., potenciam a *desterritorialização*.

Apesar de tradicionalmente os movimentos sociais serem prevalentes em sociedades ocidentais (Crossley, 2002), estas organizações colectivas têm começado a globalizar-se como é o caso da *Primavera Árabe*. Este movimento inspirou a emergência de outros movimentos e manifestações sociais noutros locais, como por exemplo o movimento contemporâneo “*Occupy*” que pretende, através de assembleias gerais em espaço público, reflectir e discutir novas formas de socialização. “Este movimento empodera pessoas reais para criar mudanças reais a partir da base¹⁷” (Occupytheearth.net, 2012¹⁸). Atualmente, também em Portugal se podem ver iniciativas deste tipo “*a aparecerem como cogumelos*” (Inês Subtil). De facto, cada vez surgem mais movimentos como é o caso dos Indignados, Transição, 12 de Maio, etc. que dialogam e agem entre si no debate de temas e tentativas de solução. Caracterizam-se também por Assembleias públicas onde se debatem temas contemporâneos, e se pensam/apresentam soluções. Para além disso os diferentes movimentos interagem entre si e apoiam-se mutuamente. Assim, a título de exemplo, dia 24 de Março decorreu em Lisboa um encontro de ativistas designado de “Primavera Global” e que pretende juntar todos os grupos em ação para desenharem o protesto/acampada a partir do dia 12 de Maio. Outros exemplos são, após a ordem de despejo do projeto Es.col.a¹⁹ pela Câmara Municipal do Porto vários ativistas de diferentes partes do país combinaram aderir ao movimento “Ocupai Es.col.a”; ou o movimento Actua²⁰ no Vale do Tua. O Actua é também uma acampada com diferentes

¹⁷ No original “*from the bottom up.*”

¹⁸ Citação em: <http://occupytheearth.net/index.php/occupy/occupy-movement/item/95-occupy-movement>

¹⁹ Blog do movimento: <http://escoladafontinha.blogspot.pt/>

²⁰ Site do movimento: <http://acampamentoactua.wordpress.com/>

atividades que se estruturou como uma comunidade, nos processos de organização e decisão. Pode observar esta mesma estrutura no Occupy LA (Los Angeles), em que os ativistas funcionavam com uma comunidade, com grupos de trabalho e também partilha de recursos e/ou competências.

No que diz respeito à minha pesquisa, contactei com estes movimentos após a minha estadia em ecoaldeias, e apercebi-me que para além de terem as mesmas reivindicações tinham também soluções e organização bastante semelhantes. Por esse motivo, não é de estranhar que se relacionem entre si e que dialoguem. Por exemplo, durante a minha 2ª estadia em Tamera conheci dois dos mentores do movimento 12 de Março, que vieram a Tamera descansar e buscar inspiração. Também a LAEV esteve fortemente envolvida no movimento *Occupy LA*. Além disso, Ross Jackson, um ativista global, co-fundador do movimento das ecoaldeias, esteve dia 28 de Março de 2012 na LAEV para falar do seu novo livro: “Ocupar as Ruas do Mundo: Um Roteiro para uma Reforma Económica e Política Radical”²¹.

É também interessante perceber que as expressões mais usadas por estes movimentos são a ocupação de espaço público (vs. propriedade privada), a responsabilidade e participação (vs. dependência); o comunitário e coletivo (vs. Individualismo). De acordo com Inês Subtil “*o que é interessante nesses movimentos Occupy, nas assembleias populares, o que está a acontecer no Porto, em Lisboa e em todo o mundo é a forma como as pessoas voltaram a tomar um bocado a responsabilidade nas mãos, a se unirem, voltaram a dialogar*”.

Nós devemos ser capazes de reconhecer, por outras palavras, as novas características fundamentais que estes movimentos apresentam, apesar da sua radical diversidade. Primeiro, cada luta, ainda que enraizada em condições locais, salta imediatamente para o nível global e ataca a constituição imperial na sua generalidade. Segundo, destroem a distinção tradicional entre lutas económicas e políticas. As lutas são de uma só vez económicas, políticas e culturais – e por isso são lutas biopolíticas, lutas sob a forma de vida. Elas são constituintes, criando novos espaços públicos e novas formas de comunidade (Negri e Hardt, 2000:56).

Com Appadurai (2004:48) acrescento o papel que a imaginação tem na vida social e na acção, assim já não se trata de um processo de fuga, fantasia ou passatempo das elites, a “*imaginação tornou-se um campo organizado de práticas sociais, uma maneira de trabalhar (tanto no sentido do labor como na prática culturalmente organizada) e uma forma de*

²¹ Título original: “*Occupy World Street: A Global Roadmap for Radical Economic and Political Reform*”

negociação entre sedes de acção (indivíduos) e campos de possibilidade globalmente definidos”. Isto implica a emergência de novas políticas, novas formas de expressão colectiva, novas necessidades de disciplina social, pelo que a etnografia deve ser sensível à natureza histórica dos acontecimentos contemporâneos.

2.2) Economia solidária: economia alternativa?

Ao nível económico, as ecoaldeias são também ativistas, no sentido em que tentam criar alternativas ao sistema económico hegemónico. Assim, propõem uma economia solidária centrada não apenas no ser humano mas também na Terra no seu todo.

So, inside of ecovillages some of the very important tool of that part that really create a model is that ecovillages have participatory decision making processes and that they have lots of tools for conflict resolution, they are sustainable... and so all this lead to a new way of living a sustainable life, sustainable in all senses, social sense, ecological sense and economic sense. (Macaco Tamerice).

A economia do século XX deu prioridade aos interesses das empresas e das finanças, dos empregadores e dos sindicatos, do governo e outras organizações assumindo que as pessoas têm que depender deles como consumidores e como empregados numa cultura de dependência centrada na produção (“Vou às compras logo existo”, “Tenho um emprego, logo existo”) (Robertson, 2007:18-19).

Desta forma quem estivesse fora destas relações de trabalho e consumo simplesmente não existia ou era excluída do sistema. Assim, na reflexão e estruturação de uma nova economia, torna-se necessário olhar as pessoas não como dependentes mas como cidadãos, enquanto agentes políticos com necessidades, direitos e responsabilidades (idem). Esta estrutura deveria, portanto, capacitar e incentivar as pessoas, as comunidades e as nações a assumirem maior controlo sobre os seus próprios destinos económicos, a tornarem-se economicamente mais auto-suficientes e a viver de formas ambientalmente sustentáveis. Para isso seria necessário mudar as relações entre o estado, o mercado e o cidadão e deixar de conceptualizar a economia meramente em termos financeiros, mas incluir também as dimensões políticas, ambiental, social e cultural. A respeito da sua vivência na LAEV, Yuki refere:

“(…) so, for me I think what is important is that diversity of causes. I think that, we can say diversity of activities working towards building a... not just sustainable but... kind of nurturing environment both, at the community social level and also at the ecological health and social justice level.”

“A economia solidária surge como modo de produção e distribuição alternativo ao capitalismo, criado e recriado periodicamente pelos que se encontram (ou temem ficar) marginalizados do mercado de trabalho” (Singer, s/a, p.13). Por esse motivo, por exemplo no Brasil a emergência deste tipo de economia alternativa deve-se fundamentalmente à crise dos mercados de trabalho, às reivindicações dos movimentos sociais, entidades sindicalistas e entidades civis, que motivam a procura de soluções colectivas (Gaiger, 2004). Esta economia caracteriza-se pela unidade entre a posse e o uso dos meios de produção e distribuição. A unidade típica é a cooperativa de produção baseada na gestão democrática ou participação directa (ou representativa quando o número de colaboradores é grande) na organização que decide a repartição da receita líquida pelos colaboradores bem como o destino do excedente anual. O que é particularmente interessante na economia solidária, é que apesar de ter alguma inspiração de autores socialistas, surge como uma alternativa anti-capitalista emergindo por vezes em grupos de “não-capitalistas”, ou seja, ativistas ou “*de pessoas excluídas da posse dos meios socializados de produção e distribuição*” (Singer, s/a:14). Por esta posição, assume-se não apenas como uma opção económica mas também uma opção político-ideológica e portanto mais ou menos activista e intencional (dependendo da organização). É este potencial emancipatório que torna esta alternativa particularmente interessante pois assume-se “*contra os valores dominantes da competição individual da primazia do capital sobre o trabalho*” (idem:21-22). De acordo com Gaiger (2004:802)

(...) o solidarismo económico popular decorre, em boa parte, das contradições e insuficiências oriundas do mercado e do Estado, sinalizando o desejo de um arranjo emancipador dessas duas entidades históricas, mediante a constituição de um espaço público não-estatal.

Este espaço público não-estatal permite desenvolver novas contradições ao reposicionar os diversos actores, permitindo a expressão e discussão de problemas já latentes. “*A economia solidária é projetada em cena como peça de resistência e como ensaio de outro projeto de sociedade, de uma globalização alternativa calcada na democratização da economia e na cidadania*” (idem:799).

As organizações solidárias são também comunitárias pois “*quem se associa a ela não faz um contrato de trabalho mas entra numa união em que o seu destino individual se funde com os de seus companheiros*” (idem:22). Cooperativismo, participação e transparência são, portanto, palavras-chave nestas organizações, pois o colaborador pode participar nas decisões o que implica a sua tomada de responsabilidade. Contrariamente às empresas capitalistas

caracterizam-se por um modelo de autogestão ou gestão democrática, em que os conflitos entre interesses seccionais são, tendencialmente, menores por serem discutidos e negociados, de forma aberta e participada por todos os intervenientes. Assim, as decisões são colectivas, tendo como vantagem serem mais adaptadas, e como desvantagem a demora do processo de decisão pois é preciso ouvir todos os pontos de vista e negociar as diferenças (Singer, s/a).

To me I didn't know how the community worked, I didn't know about the meeting, I didn't know that, and then I came to my first two meetings and I said "this is a communist, this is a communist", and then I said "this is exactly communism"... Communism based on democracy, and I was happy, people giving their opinions, people had to listen other opinions, and then go a consensus what is important, to keep the community together because if somebody doesn't like that, we don't create problems because he is a member of the community and we should be together in order to get a good decision (Julio Santizo²²).

²² Entrevista realizada a Julio, residente na ecoaldeia LAEV desde 2000, Los Angeles, 22 de Novembro de 2011

CAPÍTULO III - A QUESTÃO AMBIENTAL

3.1) “Ambiente: uma questão de Ética”¹

Ética Ambiental “é a disciplina em filosofia que estuda a relação moral dos seres humanos, e também o estatuto de valores e moral do ambiente e outros não-humanos” (Andrew e Yeuk-Sze, 2011²³). Para além da análise de autores clássicos, esta disciplina desenvolveu-se durante as décadas de 60 e 70 tendo como inspiração autores como: John Muir (“pai da conservação americana”) que no início do século XX teve uma ação fundamental na definição e conservação de Parques Naturais (*Yosemite* e o *Sequoia National Park*); Aldo Leopold (2008) perspicaz observador e apreciador da natureza, que na década de 40, ao analisar as mudanças na fauna e flora provocadas pela ação humana, enfatizava a importância de preservar o selvagem e livre. No seu livro “Pensar como uma Montanha”²⁴ (2008) Leopold utilizava já expressões como “ética da terra” e comunidade biótica, realçando questões relacionadas com ética, estética e o valor da natureza. Por outro lado, a maioria das perspectivas sobre ética ambiental preocupam-se principalmente com a vida selvagem e sua preservação, relacionando-a com a *psyche* humana por ter o poder de encantar a vida humana. (Andrew e Yeuk-Sze, 2011; Varandas, 2010). Contudo, a apreciação da vida selvagem levanta algumas questões como o custo ambiental do acesso turístico massificado.

Em ética ambiental a distinção entre valor instrumental e valor intrínseco (ou seja não-instrumental) da Natureza é bastante importante (Varandas, 2010; Andrew e Yeuk-Sze, 2011). “A primeira refere-se ao valor das coisas enquanto meios para alcançar fins, enquanto a segunda diz respeito ao valor das coisas enquanto fins elas próprias independentemente se são também meios úteis para outros fins” (Andrew e Yeuk-Sze, 2011). Assim, para além do seu valor utilitário para o ser humano, a Natureza é portadora de um outro tipo de valor que é necessário preservar. A ênfase ocidental no valor instrumental da Natureza está embebida numa visão antropocêntrica, sendo o ser humano considerado portador de muito mais valor intrínseco do que outras coisas não-humanas (seres vivos e não só), e portanto merecedor de proteção e promoção dos seus interesses e bem-estar em

²³ Informação disponível em: <http://plato.stanford.edu/entries/ethics-environmental/>

²⁴ Nome original: “A Sand County Almanac”

detrimento do resto. Neste sentido, a ética ambiental desafia o tradicional antropocentrismo questionando a assumida superioridade moral do ser humano e justificando de forma racional o valor intrínseco à natureza não-humana. O objetivo da ética ambiental enquanto disciplina é apresentar razões morais para as políticas sociais que pretendem proteger o meio ambiente e remediar a sua degradação. Assim tornou-se (e torna-se) necessário remediar e repensar a relação entre os seres humanos e o ambiente natural e a percepção generalizada, a partir da década de 60, de que o século XX enfrentava uma "*bomba-relógio populacional*" e uma séria crise ambiental (Andrew e Yeuk-Sze, 2011; Varandas 2010).

O feminismo influencia de forma radical não apenas o pensamento político e as perspectivas de ética tradicionais mas também o pensamento ambiental. Durante a década de 70, algumas autoras feministas enfatizavam que o pensamento patriarcal, para além de colonizar a mulher colonizava também as pessoas de cor, os animais e a natureza de forma geral (sexismo, racismo, exploração de classes, especismo²⁵, e destruição ambiental). O patriarcado estrutura-se em função do dualismo (p.e. homem/ mulher, humano/ animal, cultura/ natureza), pensamento hierárquico assente numa lógica da dominação, que no caso da natureza se traduz em domesticação, exploração e destruição. Neste sentido nasce o conceito de *ecofeminismo* que combina a pressão em relação às políticas ambientais com análise feminista. Contudo, do ponto de vista analítico este conceito é problemático pela variedade de argumentos e desacordos dentro das teorias feministas (Andrew e Yeuk-Sze, 2011; Varandas 2010).

O progresso do conhecimento e bem-estar material implica o consumo e controlo da natureza, que passa a ser estudada e manipulada pela ciência de forma a ser utilizada e dominada.

De acordo com os teóricos críticos, a opressão da `natureza externa´(i.e., o ambiente natural) através da ciência e tecnologia pagou um preço muito caro: o projeto de dominação requer a supressão da nossa própria `natureza interna´(i.e., natureza humana) – por exemplo, criatividade humana, autonomia, e as múltiplas necessidades, vulnerabilidades e anseios centrais na vida humana (Andrew e Yeuk-Sze, 2011).

Assim, torna-se necessário reformular o pensamento positivista e instrumentalista embebendo-o de uma lógica mais humanista, em que se enfatizem valores como a estética,

²⁵ Conceito difundido principalmente pelo filósofo Peter Singer, no seu livro "Libertação Animal"

moral, sensibilidade e expressão (ibidem). De acordo com Kirby (2001) a vivência numa ecoaldeia leva as pessoas a experienciarem um sentido de pertença e de re-conexão espacial, ambiental, social e intrapsíquica.

As ecoaldeias para além de atribuírem um valor intrínseco à natureza e procurando preservá-la, procuram também “curá-la”.

First of all, all ecovillages really try to re-establish the contact and the harmonious exchange with the nature. We are all part of the same world; we are all part of Gaia, this planet. So what is important is to go back to a harmonious relationship with nature, without exploitation, without trying to harm our planet. So, this means to have... the use of renewable energy, to cut our carbon footprint, to grow your own food organically, without exploiting, permaculture with all the different things that you can imagine (Macaco Tamerice).

Assim, a lógica presente nas ecoaldeias reflete uma modernidade técnica e acima de tudo ética, visto que esta não se reduz apenas à realidade humana mas abre-se ao campo mais amplo da Natureza. Assenta, portanto, na compreensão e reflexão a respeito do mundo em que vivemos mas também no compromisso e na responsabilidade de agir para preservar o ser humano e o mundo natural (Bartholo, in Santos, 2006). A este respeito, Kirby (2001) refere que o comunitarismo que as pessoas encontram nas ecoaldeias lhes permite descentrarem-se do seu próprio self, individualista conectarem-se e comprometerem-se com o mundo, assim as suas vidas ganham um sentido “sagrado e expressivo” e não unicamente instrumental. Desta forma a sustentabilidade é um conceito que se centra nas pessoas e na conservação da natureza, no sentido em que terá de se melhorar a qualidade de vida humana enquanto se mantém a vitalidade e diversidade dos ecossistemas e vida natural (Holdgate, 1996).

Ghai e Vivian (1995) usam a expressão “*grassroots environmental action*” para se referirem a uma participação, a nível local, que pode prevenir ou reverter a degradação ambiental num contexto em que as políticas continuam a implementar medidas que destroem a natureza. Neste sentido dão o exemplo de vários projetos de ação social em países de terceiro mundo, e que visam aliar a manutenção e/ou reabilitação ecológica, ao desenvolvimento social e qualidade de vida. De acordo com os autores, em todas as situações de ameaça de degradação ambiental a participação popular aliada aos sistemas tradicionais de gestão de recursos são fundamentais. “*I think one of the things that I really appreciate in ecovillages is emphasizing affordability, accessibility to the way we practice environmental or ecological living, because I feel that is a lot of what is promoted, you know...*” (Yuki).

3.2) Emergência institucional de preocupações ambientais

A mudança de paradigma simbolicamente assinalada pela *crise do petróleo* em 1973, teve outros indicadores de mudança, para além dos indicadores de ordem económica e política, nomeadamente: a emergência das primeiras preocupações e movimentos sociais relacionadas com o meio ambiente. Contudo já antes havia preocupações com o meio ambiente, expressas por marcos como o 1ª Dia da Terra em 1970 nos EUA, o surgimento de ONG como *Friends of the Earth* (1969) e o *Greenpeace* (1971), com o objectivo de pressionar as figuras de poder para mudanças na política ambiental, chamar a atenção de cientistas, jornalistas e comentadores e sensibilizar e consciencializar as pessoas através de campanhas (Yearley, 2006).

Durante esta fase, começaram a emergir institucionalmente, as primeiras preocupações ambientais tendo como marco simbólico a 1ª conferência das Nações Unidas sobre este tema: a Conferência de Estocolmo para o Meio Ambiente Humano em 1972, que motivou a emergência do conceito gestão ambiental (Calmon de Passos, 2009). Foi a partir deste momento simbólico que começam a multiplicar-se as convenções, reuniões, assembleias, projectos e relatórios para debater temas específicos (p.e. Conferência das Nações Unidas sobre Desertificação), políticas ambientais (p.e. Tratado de Amesterdão, 1977) e/ou compromissos (p.e. Protocolo de Quioto) exacerbadas pelos incidentes ou catástrofes ambientais que iam acontecendo (p.e. derrames de petróleo) (Tozoni-reis, 2004, Hays, 2000). Estas discussões potenciaram a transição de uma fase de crescimento económico sustentado para uma fase de crescimento económico sustentável, durável e compatível com as gerações seguintes. Esta passagem foi formalizada com a emissão do Relatório Brundtland (1987) pela Comissão Mundial da ONU sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (UNCED), que definiu desenvolvimento sustentável enquanto “*desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as futuras gerações satisfazerem as suas próprias necessidades*” (Brüsek, in Cavalcanti et al, 1994:16).

Em Junho de 1992 realizou-se a conferência da ONU sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (UNCED) no Rio de Janeiro, também conhecida como ECO-92 (1992) em que, entre outros, participaram 106 chefes de governos. Neste evento emergiu a *Agenda 21* que visava ser um instrumento de reconversão da sociedade industrial rumo a um novo paradigma, que exige a reinterpretação do conceito de progresso, contemplando maior harmonia e equilíbrio holístico entre o todo e as partes, promovendo a qualidade e não apenas

a quantidade do crescimento. Assim, “a interligação entre o desenvolvimento socio-económico e as transformações no meio ambiente, durante décadas ignorada, entrou no discurso oficial da maioria dos governos do mundo” (idem:17). Apesar de ter entrado no discurso e nos compromissos, ainda não entrou nas práticas. Como prova, destaca-se a dificuldade ou resistência em cumprir as metas propostas pelo Protocolo de Quioto, pois por exemplo a União Europeia apenas cortou 3% das emissões de gases contra o efeito de estufa, entre 1990 e 2006, contrariamente aos 30% previstos pelo protocolo de Quioto até 2012 (Decoproteste, 2009). Outra prova é o recente falhanço da Cimeira de Copenhaga em 2009, pois em vez de um acordo legalmente vinculativo contra o aquecimento global pelos países da ONU, o que se conseguiu foi um acordo voluntário, o que pressupõe a intenção de combater as alterações climáticas sem compromisso legal (Garcia, 2009). Este falhanço pode ter outras consequências, pois a descida de expectativas resultante esta conferência pode influenciar negativamente a próxima grande conferência ambiental RIO+20.

Esta resistência ou dificuldade de negociação deve-se principalmente ao facto de um maior compromisso com a causa ambiental se opor de forma directa ao paradigma vigente, assente na lógica de crescimento económico. Assim, em vez de acções comprometidas assume-se uma lógica de *redução de riscos* como a criação de fundos para lutar contra a desflorestação e reflorestação para promover uma maior absorção dos gases da atmosfera e incentivos a empresas e investigação para o desenvolvimento e aplicação de formas de produção com menor impacto ecológico.

3.3) Sustentabilidade: um conceito “eco-chic”?

As preocupações ambientais aliadas potenciaram a emergência de movimentos baseados em estilos de vida “verdes” e consumo ético. “*Onde anteriormente o movimento ambiental considerou o consumo excessivo como um problema global, atualmente o consumismo verde coloca o consumo no coração da solução*” (ESF, 2011²⁶).

A European Science Foundation (ESF) define como eco-chic:

“(…) uma combinação de políticas de estilo de vida, ambientalismo, espiritualidade, beleza, saúde frequentemente combinadas com uma chamada para voltar a uma vida simples. Esta combinação é cada vez mais parte do kit de identidade da classe média, dos novos-ricos e das elites tradicionais. Objetos culturais específicos são referências significativas no movimento eco-chic: local, natural e bens artesanais são remodelados em termos de estética e preço para permitir a gentrificação do “voltar ao

²⁶ Referência disponível em: <http://www.esa-consumption.org/about.php>

básico”, e nostalgia do local. (...)Eco-chic representa também políticas um pouco conservadoras na sua relação com o desenvolvimento sustentável. ‘Consumismo político’, - evidente em formas de consumo ‘sustentável’, ‘verde’ e ‘ético’ - tornou-se uma força global formidável, com as escolhas dos consumidores a emergir como uma forma de fácil acesso q políticas baseadas no mercado. Refletindo a transformação neoliberal, o Mercado tornou-se um espaço importante de política, ação coletiva e ética, onde os cidadãos-consumidores são mobilizados para incorporar valores não-económicos (como ambientalismo, justiça social, e direitos humanos) quando escolhem produtos e produtores” (ESF, 2011).

Muitos destes movimentos, pela procura consciente e intencional de produtos e/ou serviços percebidos como social e ambientalmente justos e sustentáveis, podem ser designados por “*buycott*”, para além destes movimentos há também os movimentos *boicote* que assentam na negação da compra (Wilson, 2010). O que é interessante nestes movimentos, é o facto de tentarem transformar o mercado numa arena dinâmica de protesto e reforma através das suas opções de compra, onde estas são vistas como atos políticos e participação cívica.

Apesar de algumas destas tendências de consumo poderem ser indicadores de mudança comprometida, outras acabam por ser contraditórias. No seu estudo, Wilk (2001) chama a atenção para a incoerência de comportamentos ditos verdes pois há pessoas que bebem café do comércio justo e no entanto conduzem um Land Rover, ou pessoas que optam pelo eco-turismo, em que a própria viagem é ambientalmente insustentável. O autor chama também a atenção para o facto de o consumo ético com tom moralista ligado ao discurso social, ser contraditório pois é uma tendência de consumo aliada às classes privilegiadas, em que o consumidor passa a ser visto como sofisticado, conhecedor, informado e ético. Por este motivo, por exemplo em Portugal, é usual associar os produtos biológicos ao mercado *gourmet*. Assim, reproduzem-se as relações de poder sem considerar as assimetrias na distribuição geográfica dos recursos pois estes consumidores agora vistos como sustentáveis e preocupados, pertencem aos 20% dos países mais ricos que se apropriam de 86% do consumo total privado; contrariamente os 20% dos mais pobres da população mundial têm apenas 2% (Niencheski, 2010), para além de produzirem menos resíduos poluentes.

(...) Primarily because there are a lot of corporations, commercial out there and then promoting them in a very profit motive ways, it’s create a really elite image of environmentalism, you buy your 50 dollars organic hemp t-shirt and you expend a lot of money in your food, and you expend a lot of money in electric vehicles and I feel like LA Ecovillage promotes and experiments with a lot more accessible, and I would say more sustainable, more sustainable ways and practices, so it doesn’t rely a lot of money or

lots of consuming, you know is like your ecological great is based in how many organic t-shirts you buy, or you know, how many green products you buy but the other way round (Yuki).

Atentas às tendências de mercado as empresas apropriam-se de preocupações contemporâneas incorporando-as no seu conceito, assim integram o conceito de sustentabilidade e responsabilidade social na sua comunicação. Foster (2008) reflete a respeito da apropriação do conceito sustentabilidade pela Coca-cola, que para além de “camuflar” todas as suas dimensões insustentáveis acaba por criar valor graças a parcerias improváveis e incompatíveis e contribuições financeiras a determinadas causas. De facto se por curiosidade entramos no *site* oficial da Coca-cola no marcador “sustentabilidade” vemos as suas ações e comunicação comprometida com causas como saúde, ambiente e sociedade. Assim, verifica-se que a adoção de práticas de menor impacto ambiental e social e/ou a associação a causas acaba por funcionar como uma estratégia de marketing empresarial, que visa manter ou ganhar novos consumidores e “seduzir” entidades certificadoras de selos de qualidade e sustentabilidade.

Desta forma o conceito sustentabilidade “*mainstrimizou-se*” como estratégia de resistência corporativa, política e social. Assim, para além de uma revisão dos paradigmas clássicos é necessário rever também o conceito “desenvolvimento sustentável”, pois atualmente é um conceito trivial e ilógico por ambos os termos que compõem o conceito serem incompatíveis e inconciliáveis (Gadotti, 2005).

As ecoaldeias são espaços “*eco-chic*” no sentido em que não são acessíveis a qualquer pessoa, pois mais uma vez estão disponíveis para as elites. “*Tamera não é um modelo perfeito, e também não é acessível a qualquer pessoa, é óbvio que tem de se ter dinheiro para estar em Tamera, só algumas pessoas têm condições para estar na ecoaldeia... mas lá está é uma experiência...*” (Inês Subtil). Por exemplo, se alguém pretende fazer um curso de permacultura com a duração de 1 mês numa ecoaldeia, p.e. Damanhur²⁷ o preço do curso é 1100€ (comida e estadia não incluídas), o que como se pode perceber não é um valor acessível para toda a gente. Contudo as ecoaldeias estão conscientes deste facto assim; há a possibilidade de as pessoas se candidatarem para uma bolsa Grundtvig, que mesmo assim exigem um determinado nível sociocultural para o preenchimento do formulário.

²⁷ Maior ecoaldeia europeia (com cerca de 1000 habitantes) localizada no norte de Itália, perto de Turim.

Apesar disso, as ecoaldeias criam também redes com produtores locais de forma a fortalecer uma rede de oferta alternativa (à industrial), socialmente e ambientalmente sustentável (manter e criar postos de trabalho enquanto se garante uma produção natural e biológica, sem saturação dos sistemas).

And the food, food issues, we have a food coop that started few years ago, and one aspect of it is bringing in local... building relationships with local farmers (...) so that in a kind of both healthy food and also minimizing... increasing sustainability by having local systems that are reliant and it's in not necessary to transport, you know, your food from the other side of the planet, and it is also fresher, its closer, and it is also building community because it's a volunteer, collective, collectively run... (Yuki).

Além disso, estão também envolvidas na produção dos seus próprios alimentos.

3.4) Para além do mercado: “hedonismo alternativo” e “simplicidade voluntária”

“Contra a onda de consumismo há já aqueles que resistem à exortação “vai ao shopping”, preferindo em vez disso dedicar o seu tempo a atividades menos materialistas, à sua família, ou a cuidar de outros” (Jackson, 2009:136).

Existem movimentos que adotam a “simplicidade voluntária” como filosofia de vida para viver de forma mais sustentável com o ambiente e com os outros. Neste contexto, o conceito simplicidade não é fácil de definir pois pode ter múltiplas motivações, formas e expressões (p.e. consumir menos, reutilizar, auto-suficiência). De acordo com alguns estudos, consumir menos pode aumentar o bem-estar subjectivo, e as pessoas parecem ser mais felizes (Jackson, 2009), o que acaba por contrariar as perspectivas que defendem que um comportamento ambientalmente responsável implica auto-sacrifício. Neste sentido, Goodman (2010) propõe um “hedonismo alternativo”, isto é a procura de fontes satisfatórias e sustentáveis de identidade, criatividade e significado que se encontram fora do mercado convencional, para cuidar do self e dos outros por um mundo pós-consumista. Assim, por exemplo cuidar de uma horta, andar de bicicleta ao fim-de-semana, dedicar-se a trabalhos manuais com reutilização de materiais, podem contribuir para a satisfação de algumas necessidades enquanto se estruturam como atividades de lazer.

I feel like is not just a doing without, it is not the idea that we have to suffer, like you can drive your car, but is like, you see, reframing like riding your bike is so fun, you know, you see the city in a different way, you see people, you see your local neighborhood much more than in your car, you metal glass box,

and it is good for your health, you exercise, is good for the planet, is good for many, many reasons, that's why it is a positive and joy thing (Yuki).

De acordo com Brown e Kasser (2005) o bem-estar pessoal é complementar com o bem-estar planetário, e relaciona-se com um maior “cultivo” dos valores intrínsecos (crescimento pessoal, envolvimento em relações e na comunidade) e menor dos valores extrínsecos (focados no sucesso financeiro, imagem e popularidade).

I feel like LA Ecovillage promotes and experiments with a lot more accessible, and I would say more sustainable ways and practices, so it doesn't rely a lot of money or lots of consuming, you know like your ecological great is based in how many organic t-shirts you buy, or you know, how many green products you buy but the other way round (Yuki).

Uma das formas mais eficazes e centrais para viver em simplicidades é viver em comunidade. Viver em comunidade implica esforço, relação, participação e cuidar da comunidade e dos outros (humanos e não-humanos) (The Simplicity Forum, 2011²⁸). De acordo com este fórum, o exemplo mais bem-sucedido deste tipo de práticas são as ecoaldeias, tema desta dissertação e no qual vou focalizar a minha atenção mais à frente.

3.4.1) Permacultura e *Transition Town*

O conceito de *permacultura* foi formalmente definido em 1978, na Austrália por Bill Mollison e David Holmgren e significa literalmente “cultura permanente”. Tendo como “fermento” o fim dos anos 60, Bill Mollison desenvolveu este conceito com o objectivo de propor uma ciência interdisciplinar, integrada e global da Terra. “*Permacultura (cultura permanente) diz respeito a um design consciente e à manutenção de ecossistemas agrícolas produtivos que incluem a diversidade, estabilidade e resiliência dos ecossistemas naturais*” (Mollison, 1990: xi). Para isso, interliga o clima, plantas, animais, ciclos de nutrientes, solo gestão da água e necessidades humanas em unidades produtivas e eficientes, com o objetivo de trabalhar em cooperação com a Natureza. Assim, relaciona-se com valores e ética voltados para o ambiente e enfatiza o sentido de responsabilidade de cuidar, reabilitar e criar. As bases éticas da permacultura são: a) cuidar da Terra; b) cuidar das pessoas; c) colocar limites à população e ao consumo. Em termos de aplicação, o *design* em permacultura tem em conta o

²⁸ Informação disponível em: www.thesimplicityforum.org

sistema, pelo que é fundamental: observar o sistema ou problema, perceber como as partes se relacionam, “repará-lo” se for ineficiente aplicando ideias de sustentabilidade a longo prazo (Mollison, 1990).

Apesar de aparentemente o seu foco ser a agricultura, a permacultura defende a importância da interligação entre pessoas e paisagens no planeamento, actualização e manutenção de sistemas de escala humana ambientalmente sustentáveis, socialmente justos e financeiramente viáveis. Por este motivo, é uma filosofia holística que abrange não apenas a área ambiental mas propõe formas alternativas de gestão social e económica, produção de energia, educação e saúde. É também um projeto político pois a auto-suficiência e autonomia das pessoas são enfatizados por este design, em oposição à dependência dos sistemas hegemónicos (idem).

O conceito permacultura tem inspirado e baseado a emergência de múltiplos movimentos sociais como é o caso da “*transition culture*”. Este movimento, criado pelo permacultor Rob Hopkins, propõe o conceito de “cidades em transição” – *Transition Town*, para o planeamento de cidades mais sustentáveis e auto-suficientes, tendo sido aplicado pela primeira vez na cidade de Totnes em Inglaterra em 2005/2006 (Transition Culture²⁹, 2011). Esta cultura de transição procura influenciar e incentivar a sociedade a adquirir estilos de vida, em comunidade, mais saudáveis e felizes e com menor impacto ecológico, através de ações locais e de uma rede transnacional de contacto e divulgação. Uma iniciativa de transição “é um local onde existem processos orientados por uma comunidade para ajudar aquela vila/aldeia/cidade/bairro/grupo a tornar-se mais forte e feliz” (Transition Network, 2012). Assim, incorpora movimentos de permacultura, projetos de construção natural, etc.

Estas comunidades iniciaram projetos em áreas como a comida, transporte, energia, educação, habitação, lixo, artes, etc. como respostas locais de pequena-escala a desafios globais como alterações climáticas, dificuldades económicas e diminuição de fontes baratas de energia. Juntas, estas respostas de pequena-escala formam algo maior, e ajudam a mostrar o caminho a seguir por governantes, empresas e todos nós (Transition Network, 2012³⁰).

Apesar de ter um foco local, têm um âmbito global graças à rede transnacional criada por Red Hopkins – Transition Network – que rapidamente disseminou a iniciativa pelo

²⁹ Informação disponível em: <http://transitionculture.org/>

³⁰ Referência disponível em: <http://www.transitionnetwork.org/about>

mundo e permitiu a emergência de mais projectos que se mantêm unidos e em interacção graças à plataforma virtual.

Em Portugal³¹, estes têm sido dois movimentos emergentes nos últimos anos, que inicialmente eram apenas conhecidos por um pequeno número de pessoas, mas cada vez são mais divulgados e cada vez têm mais adeptos e associados. Assim, existem já algumas iniciativas como a Biovilla, Despertar Portugal, O Fojo; Sintra em Transição, Pombal em transição, algumas das quais podem ser consultadas no Directório de Iniciativas de Transição Portuguesas (Transition Network, 2012³²). Existem também, já plataformas portuguesas como é o caso da Transição e Permacultura Portuguesa e vários movimentos no *Facebook*.

Estas práticas podem ser entendidas como uma forma de inovação social, estando em vários aspectos na vanguarda da mudança social. Assim, podem funcionar como laboratórios de mudança social, experimentando possibilidades para florescer dentro dos limites ecológicos (Jackson, 2009).

Para além destes movimentos, contemporaneamente, é possível ver a emergência e uma expansão de outros movimentos e actividades de sensibilização, consciencialização, formação e acção ambiental, mais ou menos formal. Por exemplo, para além dos citados anteriormente, de ressaltar os mercados de agricultura biológica, as hortas urbanas, as feiras de trocas, etc. Note-se que a afluência e o interesse crescente que estes movimentos inicialmente informais têm despertado, têm vindo a formalizar-se. Por exemplo Serralves na sua agenda de 2012 tem iniciativas como “Ciclo de conversas sobre o Ambiente” e ministra o “Curso de planeamento em permacultura” e o conjunto de cursos “Hortas em Transição” (Serralves, 2012³³). Estas temáticas começam também a ser incorporadas nos currículos académicos, a título de exemplo, recebi recentemente um e-mail da associação de sensibilização ambiental Campo Aberto com a seguinte divulgação:

“(…) vai ser desenvolvida no Instituto de Artes Visuais, Design e Marketing - IADE uma pós-graduação Arte e Sustentabilidade(…) procura-se aprofundar as tecnologias das Belas Artes segundo uma consciência holística, numa abordagem transversal com a Natureza, e estabelecer uma relação íntima entre arte e

³¹ Vídeo e mapeamento de projetos de transição em Portugal disponível em: <http://www.redeconvergir.net/?info=convergir>

³² Informação disponível em: <http://www.transitionnetwork.org/tags/portugal>

³³ Informação disponível em: <http://www.serralves.pt/actividades/detalhes.php?id=2057>

natureza, contribuindo para a criação de uma estrutura de projecto de investigação tendo em vista a harmonia com o todo no qual o homem se insere.”

3.4.2) “O Cuidado como fator de sustentabilidade”

Tendo em conta as questões contemporâneas referidas anteriormente e os movimentos que têm vindo a surgir nos últimos anos, pode-se verificar que o próprio cuidar se tem vindo a transformar e a multifacetar. Na pós-modernidade o cuidar tem vindo a aplicar-se a causas mais globais, assim ele não pode ser compreendido como um ato caritativo de cuidar de alguém e do seu bem-estar. Neste sentido, e utilizando como referências a Eng.^a Maria de Lourdes Pintassilgo, Heidegger e Jonas, Borges Duarte (2011:44) o “cuidado” define-se *“como exercício fáctico da responsabilidade – (...) que se desenvolve em ações concretas, a diferentes níveis institucionais e políticos, dando novos contornos àquilo que constitui a “democracia”, não tanto enquanto regime político, mas quanto a título de imperativo ético”*.

Atualmente, dada a redução do papel do Estado-cuidador, o cuidado a partir dos laços comunitários e redes informais pode assumir um importante papel.

In 2005 I was diagnosed with colon cancer. And then I... I was feeling like the sky fallen into myself, but it was great because the community help me a lot, I had a lot of support from the community, they help me with food, with entertainment... you know, support and take me to my appointment with the doctor, and then I... I survive, and then I was supported by the neighbors (...) (Júlio Santizo).

Por outro lado, *“I think that nature will go on because nature is very strong; the question is human being will be able to survive to all the changes that are going on? And I really hope, and I’m very positive that we will find solutions for humanity to stop this process”* (Macaco).

Neste trabalho, interessa-me o cuidado na sua componente mais política, isto é a participação e a construção de alternativas como uma forma de cuidar do *outro* (humano e não humano) e das futuras gerações. Neste sentido, o cuidado não se assume apenas como ato caritativo, mas como um acto político que implica participação e responsabilidade. As ecoaldeias, são espaços que pelas suas características parecem promover um maior sentido de responsabilidade e participação.

“(...) but I think that what we see in many people who came here is that the environment allows them to take responsibility, and support them in taking responsibility and gaining skills, and being leaders that

you really don't have the opportunity in many areas, work or living areas in the dominant culture” (Lara).

De facto, numa fase inicial do meu estudo, considerava as ecoaldeias espaços em que se cuidava e preservava a Natureza. Contudo, à medida que aprofundei o contacto com o terreno apercebi-me que a dimensão do cuidar era *cuidar da espécie humana* e isso é fundamental.

I mean, we live through environment, without nature we wouldn't have anything to eat. So the environment is extremely important and another thought that comes to all movement, and also to me personally, is really that we have to find ways to preserve nature, and environment to the future generations, because future generations have the right to have a planet like we do. And so if we are going on with exploitation and destroying, and destruction we really take away the possibilities of future generations (Macaco Tamerice).

Dado isto,

(...) em ambos os casos – cuidar do futuro e cuidar dos outros – a prosperidade tem muito em comum com o conceito de sustentabilidade” (Jackson, 2009:16) pois tornaria “possível aos seres humanos florescer, adquirir maior coesão social, encontrar maiores níveis de bem-estar e ainda reduzir o seu impacto material no ambiente (idem:30).

Is sad when the government support their armies against other countries, when government have discrimination, when the government try to cut all security, social security that is our money that we paid before, and we need to organize into the community in order to have health (Julio Santizo).

CAPÍTULO IV - DA TEORIA À PRÁTICA: NOTAS DE TERRENO

4.1) GEN – A comunidade de comunidades

O Global Ecovillage Network³⁴ (Logotipo Fig. 1, Anexo A) é uma plataforma transnacional de ecoaldeias em constante expansão, criada em 1995 com o objetivo de consolidar o movimento não apenas de ecoaldeias mas de eco-comunidades e outros projetos (p.e. projetos de permacultura e transição) e partilhar boas práticas. O GEN pretende “*apoiar a criação experimental e preservação de estilos de vida de baixo impacto a nível global*” e “*promover o diálogo e a troca, construir solidariedade e parcerias em todas as fronteiras*” tendo como visão “*a emergência de uma fonte de sabedoria diversa mas globalmente compartilhada para uma vida sustentável*” (GEN, 2012³⁵). De acordo com Macaco Tamerice:

GEN is really important because it creates a big net of... the feeling of being part of the same movement and it offers the possibility of exchange the practices of... lots of exchanges because as I said before, many of the different ecovillages have many different practices and all are very valuable, so it's really important not have to invent the wheel all the time but, of course according to specificities of ecovillages you can learn so much from other. And so GEN really offers, not only the possibility to exchange practices, or expertise, or knowledge, sustainable energies, permaculture, or growing food, or social tools but it also building awareness that together we can go somewhere.” (...) “Every ecovillage influence GEN because is a building part of GEN, but GEN is also something else it becomes like a new entity, that is really the sound of all ecovillages together but is also something different, so is something new... awareness and consciousness that we are living in one planet... it's all one planet it's all one human family.

Neste sentido, o GEN é uma plataforma *desterritorializada* que atua como uma rede constituída por cada uma das ecoaldeias associadas ao movimento. É uma rede global que cuja ação se baseia não apenas em preocupações globais mas também em ações. Neste sentido promove fluxos de ideias, dinheiro, tecnologias, conhecimento, valores e práticas, pessoas, etc. Os seus valores e visão são também alternativos aos do sistema dominantes, pelo que o GEN pode ser considerado um movimento de alter-globalização.

³⁴ Site do movimento disponível em: <http://gen.ecovillage.org/>

³⁵ Referência disponível em: <http://gen-europe.org/about-us/gen-international/index.htm>

O GEN é constituído por 4 polos, divididos por área geográfica: GEN-Europe, GEN-Oceania and Asia (GENOA), Ecovillage Network of the Americas (ENA) e o emergente GEN-África. Em termos de atividades, para além de agir virtualmente como uma base de dados de ecoaldeias, artigos e informação vária, promove também vários workshops e conferências, entre as quais a conferência anual “*Ecovillages and Sustainable Living*”. Em 2011 (7-11 de Julho) participei e realizei trabalho de campo nesta conferência, que foi realizada em Tamera e cujo tema foi “*Strategies for Resilience*”³⁶ (programa Anexo B). Num e-mail enviado alguns dias antes desta conferência era ditto:

As our experiences evolve in the contexts of traditional villages, North-South interfacing, urban communities, and alliances with other networks, also our understanding of who we are as ecovillages and what our impact might be, is developing. This theme will be one of the guiding quests throughout this year’s conference. Contemporaneously, the global incidents that influence us, move at impressive speed. Last the Arab spring impacting other European countries. This will be another red thread of our meeting” (Ulrike Shimmel, secretária GEN).

De facto, durante esta conferência os representantes do emergente GEN-Africa, foram as presenças mais valorizadas e reforçadas, durante toda a conferência e também no final com a atribuição do anual “GEN-Europe Excellence Award” a Lua Bashana-Kekana (a fundar uma ecoaldeia no Congo), e Philip Munyasia (promotor de projeto de permacultura no Quênia), apoiando o desenvolvimento dos seus projetos. Este interesse pelo desenvolvimento do GEN-Africa pode dever-se ao facto de “*we have a lot of approaches from German government are supporting and offered fundings for ecovillages projects in Northern Africa, so they are really asking us for advice (...)*” (Macaco Tamerice).

De acordo com Lua Beshana-Kekana³⁷:

(...) we want to build in Congo an ecovillage based at the same time in traditional design but also based in modern technologies, especially in terms of permaculture, solar energy and things like that. (...) The reason we want to build an ecovillage is because we believe that is the best model for sustainable community development in long term”.

A sua intenção é criar uma alternativa para as mulheres pois “*in Congo is more dangerous to be a woman than a soldier*” (idem), estas são vítimas de violação, rapto para

³⁶ Video sobre esta conferência disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=S9-MRwRvixY>

³⁷ Activista GEN-África, a fundar uma ecoaldeia no Congo. Tamera, 10 de Julho de 2011.

trabalho sexual e outras formas de humilhação. Assim apoiada pelo GEN, ONG a trabalhar nas áreas ambiental e direitos humanos e também pelo governo que “*is also interested in this model, even in urban areas*” (idem), está a criar uma ecoaldeia focada em auto-suficiência, sensibilização e educação.

Curiosamente, num e-mail com o assunto “*Open sharing*” uma residente de uma ecoaldeia russa, criticando o GEN por não ter respondido ao seu pedido para se tornar membro da rede e por não ter sido convidada para uma conferência que iria decorrer na Rússia, escreveu:

As I see, Deep Ecology, which is the real ecology to my mind is build upon supporting natural growth, which means to support initiatives from the bottom, not dancing by financing from upstairs. In this case on my mind GEN administration gone far away from real eco-approach”. Possibly Africa is main point now for GEN_Europe and small initiatives like our's is no more interested.

Para além da controvérsia, esta aproximação aos/dos sistemas políticos e outras instituições da sociedade dominante, demonstra a intenção do GEN de validar as ecoaldeias enquanto alternativa viável. De acordo com Macaco Tamerice, esta aproximação é intencional e estratégica e resulta de uma urgência de tentar influenciar a sociedade dominante, pois se esta não muda, os esforços deste movimento serão em vão. Este é também um dos desafios do GEN,

(...) because ecovillages are much more often being, to feeling, to living together, rather than try to influence the outside world. At moment this is one of the things that we ask to do and so, from the outside world, and so this is for sure one of the challenges: how to change our dress, in certain sense, without losing our identity but becoming ready to give the answers that we ask for.

A conferência do GEN contou com a participação de residentes de várias ecoaldeias, estudantes do curso EDE (*Ecovillage Design Education*³⁸), e participantes em outras iniciativas como por exemplo Toomas Trapido, um dos organizadores do movimento Limpar Estónia³⁹, que rapidamente foi aplicado a outros países como é o caso de Portugal. Por esse motivo, esta conferência contou com pessoas de vários países: principalmente da Europa mas também México, Índia, Austrália, Israel, Turquia, Brasil, EUA, Brasil, Quênia, Congo, Nicarágua e Rússia. Assim, e olhando para as teorias da globalização, este encontro pode ser

³⁸ Curso certificado pela Gaia Education, que decorre em várias ecoaldeias. O currículo pode ser visto em: http://www.gaiaeducation.net/docs/GaiaEdu-Manual_Portug.pdf

³⁹ Mais informações sobre o movimento em: <http://letsdoitworld.org/>

conceptualizado como um “espaço nodal” (Lins Ribeiro, 2006), isto é, um espaço-tempo transacional ligado a circuitos de pessoas, ideias, valores, práticas, conhecimentos, etc.

Durante as pausas da conferência e momentos de lazer as pessoas conversavam e trocavam experiências sobre a conferência mas também sobre os seus projetos. Assim, no início da conferência era comum as conversas se centrarem em torno de questões como “de onde és?”, “moras numa ecoaldeia?”. Com o passar dos dias, as conversas giravam em torno de questões mais profundas e existenciais, o estado do mundo, o modelo das ecoaldeias como alternativa, etc. Nos últimos dias, os iniciais estados mais racionais pareceram começar a mudar para estados e conversas mais emocionais manifestados não apenas em calorosos discursos mas também em abraços e lágrimas, relacionados não apenas com um maior conhecimento interpessoal entre os participantes mas também com a intensidade da conferência.

Durante a conferência, as sessões eram iniciadas e terminadas com momentos musicais e de dança ou outras performances, reforçando a importância da celebração - celebrar todos os pequenos atos, celebrar as pessoas, os dias, etc. Esta celebração parece reforçar a missão e ação do movimento e interlocutores, e abrir espaço para o convívio em comunidade.

And then there is the social aspect of building community, I'm talking about the conflict resolution process but also the celebratory aspect of living here, you know the peoples birthday, spontaneous barbecues, it's nice to kind of celebrate each other and occasions also, so that's nice. And we have weekly meetings, you know sharing food together, so it's nice (Yuki).

Quando questioneei Macaco Tamerice em relação às práticas de cuidado existentes no interior das ecoaldeias ela respondeu:

I think, in ecovillages we, first of all, cut on our footprint in a very, very concrete and very drastic way, because living together is so different because... if you just think on the electricity things you have, washing machines and all the machines... I mean the item if you live together in communities is you just save enormous amount of energy immediately, growing food in an organic way doesn't harm the nature and using renewable energies instead of... mainly renewable energy and going in a direction to really be self-sufficient as far as is our concern, helps and really to care of environment.

Neste sentido, as práticas de cuidado para com o ambiente estão associadas à ação e estilo de vida dos residentes e baseiam-se em participação, comprometimento e responsabilidade. A vivência em ecoaldeias parece facilitar todo este processo principalmente

pelo reforço no comprometimento, desenvolvimento e partilha de valores e práticas e, pela sua natureza e design que facilita a aplicação de estilos de vida mais verdes e sustentáveis.

Dentro do movimento das ecoaldeias, Diana Leafen Christen⁴⁰ é bastante valorizada pelo estudo e produção de linhas orientadoras que facilitam a emergência e continuidade das ecoaldeias. A título de exemplo, antes do início da conferência do GEN em Tamera, ouvi um grupo de jovens interessados em construir uma EV no sul da Alemanha conversar sobre os passos para construir uma ecoaldeia sugeridos pela autora. Também na LAEV para além dos livros disponíveis na sala de estar comunitária, durante uma conversa Lois Arkin manifestou a admiração que tinha por Diana, referindo inclusive que ia haver uma conferência na Colômbia para a qual não tinha disponibilidade para ir e que tinha sugerido o nome da Diana para a substituir. Durante a conferência do GEN e após assistir a uma apresentação sua, fiquei no mesmo turno que a Diana para lavar a loiça, pelo que tive um momento privilegiado de conversa com ela. Diana explicou-me que havia uma alta taxa de mortalidade dentro do movimento, isto é, que muitas não se chegavam a formar e a maioria das que se formavam se dissolviam antes de completarem 10 anos de existência. Explicou-me que este facto se devia em grande parte à falta de comprometimento e/ou visão e também ao pouco investimento na componente social - fundamental para a sua manutenção. Assim, pretendia criar linhas orientadoras que facilitassem a emergência e manutenção das ecoaldeias. Em anexo (Anexo B) seguem 4 linhas orientadoras que Diana me enviou por e-mail e que, como se pode ver, enfatizam bastante a questão social (tomada de decisão e resolução de conflitos, como angariar e manter novos membros) e como construir a visão, missão e objetivos da ecoaldeia.

Apesar de tentar constituir-se como uma entidade coesa e unida, internamente o movimento tem algumas divergências ideológicas ou até mesmo de visão. Vejamos um exemplo:

'Small is beautiful' I think GEN Europe needs consider this...no matter where the impetus for a system comes from (small top, giant bottom or even from the imaginal cells of transformation) when the system becomes large it becomes difficult for an individual to access it and 'feel' significant. Compare any

⁴⁰ Mais informações sobre a autora e obras em: <http://www.dianaleafchristian.org/>

National Health System and 'alternative therapy' ...it doesn't matter if your local surgery is as small as the wellness clinic, it will reflect the pattern (values?)⁴¹.

Este facto também é visível se tivermos em conta que uma mesma filosofia e visão, que é comunicada pelo GEN, acaba por ser aplicada a nível local de diferentes formas atendendo às características de cada contexto. Neste sentido, no sub-capítulo seguinte, vou descrever dois exemplos locais de aplicação do conceito ecoaldeias, nomeadamente: Tamera e Los Angeles Ecovillage. Quero também, antes de mais, reforçar que estes exemplos são meramente exemplificativos e não pretendo de forma alguma (e principalmente devido à heterogeneidade no interior do movimento) descrevê-los ou tratá-los como modelos do que é uma ecoaldeia em meio rural e em meio urbano. Se os meus exemplos fossem outros, com certeza teria diferentes práticas, ações, prioridades... apesar de a filosofia e de a missão serem partilhadas.

4.2) Dois exemplos locais

4.2.1) Tamera – Biotopo de Cura

Emergência e contexto

Tamera que significa “*junto à fonte primordial*” (Logotipo Fig.1 Anexo C), é uma ecoaldeia situada no Monte do Cerro (Alentejo) e que surge com o objectivo de criar “*um modelo para o futuro*” (Dregger, 2010) - uma forma alternativa de pensar e viver na Terra.

Considerando as actuais condições do mundo, não é possível ver uma perspectiva convincente para a convivência não violenta no nosso planeta. Para criar condições favoráveis, terão de surgir centros nos quais será possível pensar e desenvolver exemplos práticos sobre a convivência não violenta do ser humano com todas as co-criaturas. Tamera existe para apoiar o surgimento desses centros (Dieter Duhm, in Dregger, 2010:10).

As fases iniciais deste projecto foram desenvolvidas na Alemanha sendo o seu objectivo perceber se existiria alguma forma de terminar com a violência mundial. Inicialmente, alguns dos fundadores da ecoaldeia estiveram envolvidos em movimentos marxistas, contudo com o tempo foram percebendo que esta corrente era mais um dogma.

⁴¹ Email enviado para a lista de emails do GEN em 6 de Março de 2012, a respeito da atenção e expansão do GEN para África

Entretanto, de acordo com Zara (residente em Tamera e ativista no projeto desde as suas fases iniciais) esta experimentação começou em 1978, com a ideia de criar um projeto de paz, estruturando-se em 1982 como um projeto de pesquisa em direção à construção de uma nova cultura. *“Nós queríamos viver de uma forma diferente e criar uma alternativa para curar o mundo e as relações humanas”* (Zara), assim têm-se dedicado ao desenvolvimento e aplicação de ferramentas que tornem real a visão de vivência em comunidade e cooperação. No início três cientistas alemães deixaram a sua profissão, reuniram-se e fundaram uma organização de pesquisa interdisciplinar. Sabine Lichtenfelds (teóloga), Dieter Dum (sociólogo) e Charly Rainer Ehrenpreis (engenheiro e físico) fizeram da vida em comunidade e das questões fundamentais da humanidade o objecto da sua pesquisa. Iniciaram então uma “experiência social” de três anos, com cinquenta participantes, cujos resultados se tornaram o fundamento para a criação de comunidades estáveis. Desta experiência surgiram duas ecoaldeias: ZEGG⁴² na Alemanha e Tamera em Portugal. *“Os projetos são dois frutos da mesma árvore”* (Zara), cuja separação se justifica pelo facto de Tamera ser ainda mais radical. Pela sua proximidade, houve sempre bastante mobilidade de ideias e pessoas entre as duas ecoaldeias.

Nas fases iniciais de Tamera, nasceu o plano das Aldeias pela Paz, ou Biótopos de Cura que, em conjunto com parceiros internacionais (consultores de várias áreas), deveriam ser modelos de futuro em diferentes partes do mundo, e ecologicamente sustentáveis e auto-suficientes a nível regional e social (independentes das grandes indústrias e dos sistemas centrais de fornecimento). No centro do seu trabalho de investigação estão temas relacionados com o ambiente (permacultura, arquitectura ecológica, energia solar), organização social (comunidade não hierarquizada) e temas interiores do ser humano (amor, sexualidade, relacionamento). Neste sentido, Tamera foi fundada em 1995, fica no sudoeste de Portugal e ocupa 134 ha num terreno árido no Monte do Cerro (Distrito de Beja). A escolha do destino – Portugal, deveu-se às características geográficas e climáticas propícias à implementação do projeto e experimentação. *“A vantagem mais evidente é a riqueza de Portugal em luz solar, o que o torna o local perfeito para a autonomia energética. A situação climática e geográfica é muito apropriada para a construção de uma paisagem aquática para curar a natureza”* (Dregger, 2010:12). Em Portugal escolheram o Alentejo como alvo da sua intervenção devido à desertificação populacional e ambiental que sofre neste momento. *“Os jovens estão a deixar*

⁴² Mais informação em: <http://www.zegg.de/english.html?Itemid=112>

a região, as aldeias estão a ser abandonadas, as florestas estão a desaparecer e o deserto avança por todo o Sul da Europa” (idem). As características da população local também tiveram influência nesta escolha. *“A receptividade do povo, a cooperação das autoridades e a hospitalidade infinita dos nossos vizinhos sensibiliza-nos muito”* (idem). *“Portugal sempre recebeu refugiados, minorias e pessoas que pensam de modo diferente. O trabalho global em rede e a tolerância têm aqui uma longa tradição”* (idem).

Neste momento, estão em Tamera cerca 200 pessoas (este número depende da altura do ano, mais pessoas nos meses de Verão), dos quais cerca de 100 são residentes e os restantes estudantes ou visitantes sazonais/ temporários. Há uma grande variabilidade cultural em Tamera: 35 nacionalidades, a maior parte dos residentes são da Alemanha, Suíça e Áustria, mas também há pessoas da Colômbia, Brasil, Israel, Austrália, Quênia, etc. Estes têm em comum o fato de estarem a trabalhar, a estudar e/ ou a viver em Tamera para construir este modelo para o futuro.

Apesar de ser um modelo que está a ser localmente desenvolvido, Tamera associa o seu trabalho de investigação ao trabalho de rede político. Numa entrevista a Martin Winięcki⁴³ (residente em Tamera e um dos representantes da rede política) o trabalho político em Tamera está fortemente relacionado com a espiritualidade, assim está associado a peregrinações e meditações para a criação de um “campo morfogenético pela paz”⁴⁴; e ações de apoio e de paz em áreas de crise, comunicando e contribuindo para a criação de Aldeias pela Paz. Barbara Kovats (residente em Tamera desde o início do projeto, Coordenadora da Aldeia Solar) referiu durante o Curso Básico que havia o plano de construir vários Biótipos de Cura (sendo Tamera o Biótipo I) no mundo, que funcionariam como agulhas de acupuntura para curar a Terra. Por esse motivo, neste momento Tamera presta apoio a situações de crise como é o caso da comunidade San José de Apartado⁴⁵ na Colômbia, fortemente pressionada pelo narcotráfico e o fantasma da modernidade, e a criação de centros de paz em Israel/Palestina. Para além disso, promove e suporta a ida de “tamerianos” a esses locais levando a mensagem e o conhecimento que possam permitir o empoderamento dessas

⁴³ Entrevista não transcrita pela má qualidade da gravação.

⁴⁴ De acordo com Martin Winięcki, diz respeito a um sistema holístico de informação e comunicação, que pode despertar a nível global a memória coletiva das sociedades humanas, podendo influenciar a substituição de hábitos antigos (de guerra, competição) por outros mais adaptativos (paz, cooperação).

⁴⁵ Site da comunidade: <http://www.cdpsanjose.org/>

comunidades. Durante a conferência GEN em Tamera, um residente em Tamera dizia que a cultura dominante treinava soldados para a guerra, enquanto em Tamera procuravam treinar peregrinos para a paz. Desta forma, para além de enviar residentes a estes locais de forma a espalhar a mensagem e partilhar o conhecimento, Tamera recebe vários visitantes de África e Médio Oriente em cursos de Educação, para que depois eles possam voltar e implementar os conhecimentos nas suas terras. Para além disso, em Tamera desenvolvem-se experiências com agricultura (p.e. camas elevadas e colunas hortícolas, Fig. 9 Anexo C) para que possam ser aplicadas como forma de reutilização de resíduos orgânicos e produção de comida em bairros pobres e favelas. Neste sentido Tamera é portanto um *espaço Nodal* que promove a o fluxo de pessoas, ideias, valores, tecnologias, etc. para o desenvolvimento de ideias e partilha de práticas alternativas às práticas predatórias da sociedade dominante.

Desde 2006 Tamera oferece a possibilidade a pessoas do mundo inteiro de realizarem durante vários anos a formação pela paz “*Monte do Cerro Peace Education*”. Está em preparação um Campus Global⁴⁶: uma rede de iniciativas de formação de paz mundialmente interligada. Para além de procurar globalizar o seu conceito, Tamera incorpora influências de todo o mundo: “*impulsos provenientes da Índia, da África, do Budismo e de outras culturas também devem ser incluídos*” (Sabine Lichtenfels, in Dregger, 2010).

Curiosamente, atualmente perto de Tamera no Vale Rodrigo está a ser criada outra comunidade chamada “Associação 108”, que contava até Junho de 2011 com 20 pessoas. Assim como Tamera se diferenciou do ZEGG, esta foi fundada em 2009, por antigos residentes de Tamera (3 adultos e 2 crianças) que apesar de “*sentirem um profundo amor por Tamera*” (Ruti Jenzir, ex-residente de Tamera, fundadora da ecoaldeia Associação 108) não concordavam com certas ações de Tamera, mais concretamente os inúmeros visitantes que recebia, pois preferiam um estilo de vida mais calmo e caseiro. Ruti acrescentou que apesar da separação os laços mantêm-se estreitos com Tamera, pois além do apoio que lhes presta as crianças frequentam a sua escola. Em termos de planos para o futuro, estes são bastante semelhantes aos de Tamera (a cura da paisagem através da água e permacultura), e que em termos de angariação de fundos pretendem fazer eventos culturais e ecológicos (pontuais). Este fato aliado à elevada mobilidade de pessoas entre ecoaldeias, mostra que além de ser um projeto comunitário é também um projeto de vida para os residentes.

⁴⁶ Para mais informações: <http://www.tamera.org/index.php?id=698>

Estrutura organizacional e economia

Durante a apresentação da sessão sobre economia em Tamera, Petra (Residente em Tamera há 11 anos, responsável pelas questões financeiras e de economia) explicava que de forma a legalizar os sistemas estruturais e financeiros foi necessário criar o ILOS – Peace Research Ltd. (propriedade Monte do Cerro e Equipamentos), que é uma cooperativa gerida por todos os residentes em Tamera, proprietária de Tamera e que reinveste os seus lucros nos objetivos e projetos comunitários. O ILOS divide-se em dois sub-grupos, nomeadamente: Associação para um Mundo Humanitário⁴⁷ e Associação G.R.A.C.E (Grupo para a Reconciliação em Áreas de Crise e Educação). A primeira associação inclui as áreas de organização, logística e a pesquisa propriamente dita, a G.R.A.C.E é responsável pela educação e cursos (como a Universidade de Verão) e também pelo apoio na vinda a Tamera de pessoas de outros projetos de paz e ecoaldeias, principalmente de países pobres ou em crise.

Em termos económicos, Tamera não é autónoma, aliás depende bastante de dinheiro para a concretização dos seus projetos e atividades. Ainda de acordo com Petra nas fases iniciais de construção de Tamera, os seus residentes doavam todo o seu dinheiro e posses à comunidade, sendo que esta não era uma imposição mas sim uma vontade pessoal. Alguns deles construíram infraestruturas ou criaram projetos que mais tarde ficaram para a comunidade. Atualmente, Tamera gasta cerca de 2000€ por dia, mais ou menos 60000€ por mês em necessidades básicas (comida, telecomunicações, etc.) mas também nos projetos. Este dinheiro é gerado a partir dos visitantes, que vão fazer cursos ou voluntariado (voluntários estrangeiros pagam 15€ por dia, voluntários portugueses pagam 10€), ou simplesmente passar uns dias (mínimo 20€ por dia), os próprios residentes pagam uma renda (+/- 15€ por dia). A outra modalidade de financiamento é o que em Tamera se chama a “Economia da Dádiva” (*Giving Economy*) que diz respeito a um “círculo de suporte” de pessoas que mensalmente ou anualmente doam dinheiro a Tamera, ou financiam projetos específicos. O dinheiro gerado por estas fontes de rendimento é dividido de acordo com as necessidades de cada projeto, objetivos anuais e gastos no ano anterior. Se no final do ano os gastos de Tamera forem superiores ao dinheiro disponível, os residentes comprometem-se a, em conjunto, pagar o resto. Petra, referiu ainda que em Tamera o fator económico não é um assunto privado, e

⁴⁷ Em inglês IGP – *Institute for Global Peacework*. Mais informação disponível em: <http://www.tamera.org/index.php?id=39>

como tal é discutido e refletido de forma transparente. Quando precisam de dinheiro, Petra conta que refletem e pensam em formas criativas de “atrair o dinheiro”, e que até agora sempre conseguiram atrair a quantidade necessária. É também possível fazer um empréstimo a Tamera por tempo limitado, com garantia de devolução em qualquer momento. De acordo com Zara em vez de as pessoas depositarem as suas poupanças em bancos depositariam em Tamera, o que seria uma forma de “humanizar o dinheiro”.

Em Tamera, há interações com os locais e procuram criar-se dinâmicas e sinergias entre eles.

Tamera está a desenvolver um modelo para uma autonomia regional de géneros alimentares em cooperação com vizinhos, proprietários de cultivo biológico e pequenos produtores do Alentejo, criando uma rede de distribuição de produtos alimentares regionais. Os agricultores cultivam por encomenda, e os excessos de produção são também vendidos, tendo assim os seus lucros acumulados independentemente das oscilações de mercado. Desta forma as comunidades e aldeias podem tornar-se economicamente independentes (Dregger, 2010:41).

Neste sentido, quando questionado acerca da autonomia alimentar de Tamera (20%), Silvio (residente em Tamera há 5 anos) respondeu que, por vários motivos, esse não era o objetivo da ecoaldeia. Uma autossuficiência alimentar iria requerer que grande parte da força de trabalho fosse aplicada no campo, havendo portanto menos disponibilidade para as questões políticas, para além disso desta forma podiam fortalecer e manter redes de produção locais. Os produtos (alimentares e outros) que não são adquiridos localmente, são adquiridos através de redes de comércio justo, com produção biológica e de preferência biodegradáveis, neste sentido Tamera tenta tornar-se independente dos sistemas de produção dominantes.

Entre a Visão e as práticas quotidianas

Tamera é assumidamente um projeto político que se estrutura como um laboratório para a criação, experimentação e difusão de uma nova cultura, o que impõe a mudança de um paradigma de exploração para um paradigma de cooperação e sustentabilidade. De acordo com Silvio esta mudança deve ser holística o que implicaria também ao nível da mentalidade, relação com a natureza, amor, tecnologia, agricultura, nutrição. Em termos práticos é uma comunidade constituída por micro-comunidades, cada uma a trabalhar determinados temas/projetos (Fig. 2, Anexo C). Assim há a Aldeia Solar – tecnologia e ecologia, Aldeia da Luz – arte, medicina tradicional, a mulher; Espaço das Crianças – educação alternativa e crianças

em comunidade, o Campus Global – zona de estudantes e visitantes, Ashram político e o Instituto para a Paz Global – ação política e ativismo. Cada zona tem as suas próprias estruturas comunitárias físicas (cozinha, casa de banho, salas com computadores e livros, etc.) e sociais (fóruns, reuniões). Os residentes distribuem-se pelas várias zonas em função das suas competências mas também preferências, e há sempre a possibilidade de transitar de uma área para a outra, como é o caso de Fabien (residente em Tamera, alemão a residir em Portugal desde a infância) que inicialmente estava ligado às tecnologias, por ser engenheiro, mas entretanto transitou para as artes. Este é também um dos argumentos que um dos residentes me deu para justificar a sua mudança de ZEGG para Tamera, pois sendo advogado no ZEGG não tinha a possibilidade de estar noutras áreas da ecoaldeia, para além da área jurídica, enquanto em Tamera teve a possibilidade de mobilidade.

Em termos de temas e ação Tamera investiga questões: ecológicas, educacionais, amor e sexualidade, política da paz.

- *Ecologia*

Os projetos relacionados com a ecologia têm uma equipa própria – Equipa de Ecologia – que trabalha questões relacionadas com a água, o solo, a reflorestação, a reserva e cultivo de sementes, a criação de paisagens comestíveis, a vivência em paz entre o homem e a natureza.

A água é um tema central em Tamera, sendo venerada a nível espiritual e incorporada nos projetos políticos⁴⁸. Ao chegar a Tamera somos recebidos por um lago. Este faz parte de um conjunto de lagos, construídos seguindo os princípios de permacultura holzeriana⁴⁹ (Fig. 13 Anexo C), em que através de diferentes lagos, que atuam como reservatórios de água da chuva, se suprem as necessidades de água e se criam condições para garantir a “cura” da terra. Este projeto nasce da avaliação do potencial do local por parte de Sepp Holzer (permacultor austríaco e consultor deste projeto), que sugeriu a construção de paisagens aquáticas (Fig. 12 Anexo C). Estas, contrariamente às barragens, são soluções naturais e descentralizadas, sob a forma de um conjunto de bacias de retenção de água da chuva, construídas com materiais naturais sem recorrer a métodos artificiais de impermeabilização. Esta tecnologia permite prevenir as cheias de Inverno, evitar a erosão e perda de solo fértil (húmus), permitir a

⁴⁸ Vídeo sobre o projeto disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=4hF2QL0D5ww>

⁴⁹ Informações disponíveis em: <http://www.krameterhof.at/en/>

infiltração lenta de água no subsolo e portanto a reposição das bacias de água subterrânea, o restabelecimento da fertilidade e condições para a reflorestação (pela não perda de húmus e pela abundância de água subterrânea), a disponibilidade de água todo o ano. Assim, permitiria a “cura” da paisagem e garantindo condições para a agricultura. O primeiro lago foi construído em 2007, e demorou um ano a encher, entretanto foram construídos outros lagos, pelo que não é de estranhar que passeando por Tamera encontremos vários lagos pelo caminho. De acordo com a avaliação de impacto passados 4 anos, a vida selvagem começou a aparecer de forma mais sistemática (p.e. aves) e o aparecimento das primeiras nascentes de água. Alguns deles, atuam não apenas como reservatórios de água mas também como filtros, que garantem o tratamento e filtragem das águas cinzentas (do chuveiro, máquinas de lavar a roupa e loiça) após serem redirecionadas para um mesmo lago são “purificadas”, através de plantas específicas no interior do lago, e de um solo rochoso e arenoso (método inovador criado em Findhorn⁵⁰, outra ecoaldeia localizada na Escócia). Por esse motivo, os residentes apelam á responsabilidade dos visitantes, pelo que na receção estes são logo informados da necessidade de se usarem produtos de higiene pessoais biodegradáveis.

Durante o curso básico quando questionada a respeito do impacto da construção dos lagos de retenção de água, Sonja (residente em Tamera há 12 anos) respondeu que sim é claro que tinha um impacto, mas tendo isso em mente uma semana antes de as máquinas chegarem eles tinham pedido à vida animal para abandonar o espaço. Outro argumento dado foi que o impacto causado foi por uma boa causa, e mesmo a paisagem anterior deveria ser fruto de ação humana, pelo que não se estava a modificar um design ambiental natural. A este respeito, durante a visita guiada à paisagem aquática, Bernd Mueller (residente em Tamera, coordenador da Paisagem Aquática) referia que eles não estavam a implementar um sistema mas sim a entrar num sistema vivo, enfatizando bastante a cooperação com a Natureza e o potencial de cura do projeto. Pela sua inovação e eficácia o projeto “paisagens aquáticas” é um dos semifinalistas do Concurso Buckminster Fuller 2012⁵¹.

Por considerar que esta técnica pode inverter a ameaça de desertificação sobre o Alentejo, Tamera em parceria com outros projetos portugueses criou a iniciativa “1000 lagos para o Alentejo”, com o objetivo de tornar Portugal um “modelo para a Europa”. Neste

⁵⁰ Site da ecoaldeia: <http://www.findhorn.org/>

⁵¹ Mais informação em: http://www.tamera.org/fileadmin/PDF/PDF2/Tamera_Press_Release_SemiFinalists_pt.pdf

sentido, durante este ano (2012) está planeada uma atividade educativa intensiva – Modelo Portugal – especial para um grupo de portugueses convidados (fechado a outros interessados). A intenção é formar este grupo, que já tem contato anterior com Tamera, em trabalho de paz global e construção de comunidades. Por conversas informais que tive em Tamera, soube que esta parceria foi ideia do Hugo, um português a residir em Tamera há quase dois anos, e que os participantes serão maioritariamente membros do projeto de transição “Despertar Portugal”.

A partir das paisagens aquáticas, está-se também a reflorestar a área de Tamera. A ideia é construir uma agrofloresta, isto é uma floresta de árvores de fruto que para além de ecológico é também uma forma de subsistência alimentar. Seguindo as linhas orientadoras da permacultura, estas são plantadas em policultura (plantação de várias espécies) em oposição ao modelo dominante de monocultura (plantação de uma só espécie, responsável pela perda de fertilidade do solo e por favorecer os incêndios), o que para além de maximizar o desenvolvimento de cada espécie mantém a fertilidade. Para além disso, e de acordo com Silvia Belgardt (residente em Tamera) Tamera “convida” a vida selvagem a usufruir da sua abundância, pois este modelo está a ser construído visando a cooperação com a natureza e imitando-a. Por exemplo, durante a minha estadia trabalhei na Horta do Pastor (Fig.11, Anexo C). Durante as manhãs que trabalhamos neste terreno, a nossa (formandos) função era cavar cursos de água para rega, imitando o design da natureza, isto é, evitando formas demasiado horizontais e retas e criando pequenas bacias que permitissem a infiltração de água no subsolo. Quando Thomas, o “tameriano” que nos estava a orientar ligou a água no ponto mais alto, o efeito visual que tivemos foi o de um pequeno riacho natural.

Outro trabalho importante é a produção de sementes, com a intenção de produzir e trocar sementes para preservar as variedades locais e aumentar a autonomia alimentar regional. Este trabalho insere-se também no âmbito da campanha nacional e internacional “Sementes Livres”, uma campanha contra a proposta de legislação da União Europeia que visa patentear as sementes e portanto restringir a sua livre circulação e utilização⁵².

- *Energia e tecnologia*

⁵² Para mais informação: <http://gaia.org.pt/sosementes>

No Campo Experimental da Aldeia Solar⁵³, são testadas instalações solares descentralizadas. Possuem várias tecnologias que a partir da luz solar produzem energia térmica, elétrica e mecânica (Fig. 6,7 e 8 Anexo C). Para além da energia solar, estão a desenvolver um novo projeto que pretende aproveitar o biogás – gás produzido a partir de restos de comida – para cozinhar. Na minha primeira visita a Tamera, durante um Dia Aberto, Fabien dizia-nos que não é a tecnologia que é má mas sim o uso que dela se faz. Neste sentido, o que eles estavam a fazer em Tamera era humanizar a tecnologia, referindo a propósito da Bomba de Água Solar (Fig. 7 Anexo C) “*ouvem o coração dela a bater? É um ser vivo.*” Na Aldeia Solar, a tecnologia não é encarada como uma força contrária à Natureza, mas pelo contrário combina e relaciona ambas, assim “*a energia solar é transformada em som que é transformado em energia mecânica*” (Silvio, em relação à bomba de Água Solar). A respeito do uso da tecnologia, João (português reformado, residente em Tamera há 2 anos) referia que todos os residentes tinham o seu próprio telemóvel e que quando a internet falhava os residentes ficavam bastante agitados, ligando imediatamente para a empresa a pedir a resolução do problema.

A alimentação em Tamera é vegan, isto é, à base de vegetais e sem produtos de origem animal. Esta opção rege-se por um princípio de ética baseado no sofrimento animal, mas também no fato de a produção de carne exigir muito mais energia (solo, água, alimentos...) do que produção de plantas, sendo portanto uma opção de alimentação impossível a nível global e atualmente geradora de desigualdades.

Outra área de interesse é a *bioconstrução* (Fig. 10, Anexo C), que diz respeito à construção de casas e estruturas com base em materiais naturais regionais e técnicas tradicionais ao Alentejo (fardos de palha, argila, pedra, etc.). A principal construção é o Auditório feito a partir de madeira, fardos de palha e com telhado verde. Durante uma visita à Aldeia da Luz – espaço dedicado à arte, à mulher, produção de especiarias e infusões terapêuticas, constituída por 8 mulheres quase todas com mais de 60 anos – uma das responsáveis mostrou-nos algumas destas construções nomeadamente a “casa dos três arcos” (fig. Anexo). Ela referiu também que face à impossibilidade de construir habitações em Tamera, a maior parte dos residentes viviam nas suas roulotes.

⁵³ Vídeo sobre a Aldeia Solar disponível em:

http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=duuk_r--lqU

Amor e sexualidade

O amor, a sexualidade e a relação são questões políticas fundamentais em Tamera. Em relação a este tema, Brigit (residente em Tamera há 9 anos) explicava que não pode haver paz na Terra enquanto houver guerra no amor. Esta guerra fundamenta-se no amor estruturado em função do ciúme, competição e do medo da perda, que se aplicavam também à relação com a Natureza, com os animais, etc. Assim, é necessário ir à origem do problema pois só com um “coração aberto” se poderiam libertar a paz e os poderes de cura. A sexualidade é muito importante neste processo pois seria necessário libertar esta força primordial para perder o medo e incrementar a confiança. Em Tamera o amor é conceptualizado não apenas como um sentimento mas como um estado que está diretamente relacionado com a solidariedade e com o cuidado, necessários para uma cultura de parceria e cooperação. Em termos práticos, aplica-se a política do “amor livre”: amor sem ciúmes, sexualidade sem medos, fidelidade que se mantém mesmo se houver amor e desejo por outros, verdade e continuidade no amor (relação nunca termina) e experimentação de novos tipos de relação. Assim, aceita-se que uma pessoa pode amar várias e neste sentido pode ter vários parceiros. Quando questionada acerca da obrigatoriedade de se ser poligâmico em Tamera, Zara respondeu que se um casal quiser ser monogâmico pode ser sem problema nenhum, mas ela não conhecia nenhum casal residente que o fosse.

Para potenciar a transparência e a confiança o amor deixa de ser um assunto da esfera privada, neste sentido há grupos em que se criam espaços para discutir, estudar e explorar estes assuntos: grupos de mulheres, grupos de homens e grupos de jovens. No entanto o grupo mais valorizado ao nível da expressão era o grupo de mulheres, pois consideram que a mulher tem muitos traumas derivados da cultura patriarcal. O amor é também um tema de estudo e investigação, assim há cursos e formações específicas para este tema – “Escola do Amor” – estes cursos não são livres, pois as pessoas que participam são convidadas. Há também um espaço chamado “Bodega” destinado a experiências relacionadas com sexualidade. Quando questionados acerca do tipo de experiências sexuais que faziam (fetiches, orgias...) Brigit não respondeu diretamente, disse que faziam experimentações e tentavam trabalhar com os traumas e bloqueios, como por exemplo trabalhar a aproximação da mulher a um homem. Apesar de Tamera ser aparentemente bastante transparente em relação aos temas em que trabalha, em relação ao amor parece estar mais na defensiva o que pode ser uma estratégia de defesa pela controvérsia do tema. Contudo, é também o tema que desperta mais curiosidade

nos visitantes, pois para além de ser um tema frequente nas conversas, durante esta sessão, o grupo foi bastante maior pois, a seu pedido, juntaram-se os outros dois grupos de visitantes: “a Votre Service” e o grupo “Trabalho com o Projeto dos Cavalos”.

Crianças e educação

A preocupação com as crianças inicia-se logo durante a gravidez. Nos últimos meses de gravidez, a mulher passa a viver numa casa localizada na zona da Escola do Amor. Ela pode decidir se quer ter o bebé recorrendo ao serviço médico convencional ou se quer dar à luz seguindo outras alternativas de parto mais naturais. Quando o bebé nasce, ele vive com a mãe durante o 1º ano, numa casa que reúne todas as condições na zona do Ashram Político. Quando a criança cresce, esta muda para o espaço em Tamera destinado ao desenvolvimento e aprendizagem infantil.

Em Tamera, as crianças são consideradas seres sábios e portadores do conhecimento para o futuro. Assim, considera-se necessário a criação de um espaço de segurança e confiança “*protegido das expectativas dos adultos*” (Silvio) onde as crianças possam experimentar e desenvolver o seu potencial livremente. De acordo com Sonja, as crianças têm a capacidade de amar incondicionalmente e de confiar, e com os condicionamentos da sociedade dominante vão perdendo essa capacidade. Assim, para os “tamerianos” quando forem adultas, estas crianças terão o potencial de lhes ensinar várias coisas (acerca do amor e da confiança) pois não passaram pelo processo de descondicionamento que eles tiveram de passar. Em Tamera enfatiza-se a importância de criar as condições para a emergência de uma comunidade de crianças, auto-gerida e auto-regulada por elas, com monitorização dos adultos mas sem a sua imposição, assim há um espaço destinado a elas – o Espaço das Crianças. Neste momento, este espaço é constituído por 20 crianças, dos 0-14 anos e residentes em Tamera ou na vizinhança. É neste espaço que as crianças vivem e estudam, por norma não vivem com os pais, dormem juntas e têm as suas coisas em dormitórios conjuntos: três dormitórios para diferentes idades (4-8 anos, 8-12 anos, 12-16 anos). As crianças apenas ficam com os pais quando pedem ou quando estão doentes, e são elas que decidem mudar para o dormitório dos mais velhos quando já têm idade. Bastante curioso é o fato de as crianças poderem escolher os seus pais e trocar de pais, o que coincide com a política de desapego no amor e medo de perda pois a criança pode ter e amar vários pais.

Em relação à educação, para além das disciplinas básicas como as línguas (alemão, português, inglês), matemática e ciências naturais, a escola enfatiza também áreas disciplinares relacionadas com artes, natureza e música. A escola não é exclusiva a crianças da comunidade, está também disponível a crianças da vizinhança e até mesmo a crianças de áreas de crise como a Palestina, Israel e Colômbia, pois há a intenção de associar a escola ao trabalho internacional em rede com crianças.

Ainda em relação à escola, a prioridade para o seu futuro é torna-la oficial e pública, e portanto reconhecida a nível nacional e internacional. A intenção é receber e ensinar as crianças da vizinhança sendo o seu currículo aceite pelo ensino convencional.

Espiritualidade

Em Tamera a espiritualidade e a religião derivam da percepção e abertura a forças universais e não de uma profissão de fé dogmática em relação a uma entidade. Esta assume um papel fundamental em Tamera, sendo associada ao seu projeto político e funcionando como “cimento” que “sacraliza” todo o projeto. O “*coração de Tamera*” (Fig. 14 Anexo C) é representado por um círculo de pedras idealizado por Sabine Lichtenfels e inspirado no Cromleque dos Almendres, perto de Évora. Assim, depois de estudar intensivamente a simbologia destes monólitos e de os associar a uma cultura tribal arcaica pacífica e ligada à natureza, Sabine pensou em reproduzir esta “catedral” em Tamera. A primeira pedra foi colocada no dia 12 de Outubro de 2004, estando atualmente terminado e com 96 pedras. Cada uma representa o arquétipo de um poder essencial para uma comunidade do futuro, estando agrupadas de forma intencional por temas (os animais, a mulher, a vida interior, os países...). Este Círculo de Pedras é a Catedral de Tamera, um local fortemente venerado e respeitado, em que se praticam rituais, meditações e celebrações. Associado a este local, há todas as segundas-feiras ao nascer do sol uma meditação global (feita a partir de vários locais do mundo) chamado “Círculo de Força” em que “*são enviados pensamentos de cura política para o mundo*” (Dregger, 2010:111) e força para os peregrinos de Tamera em ações de paz. Estive presente em dois destes rituais, um dos quais com a presença de Sabine Lichtenfels. Uma das características mais marcantes é o silêncio, as pessoas circulam pelo local de forma bastante “leve” e introspectiva, encostando-se a um dos arquétipos e ficando em silêncio olhando o horizonte. O Círculo de Pedras está localizado num dos pontos mais altos de Tamera, possibilitando uma vista panorâmica sobre a mesma. Nos rituais são comuns os

cânticos, e as venerações às forças cósmicas, à água, ao amor e à Natureza, apelando-se à paz, ao cuidado e ao amor para com todos os seres vivos e não vivos.

Viver em Tamera

Para residir em Tamera é preciso investimento (em termos de tempo e dinheiro). A fase inicial pressupõe conhecer a comunidade e a sua filosofia, o que implica investir em cursos de formação, trabalho voluntário, visitas e estadias mais ou menos prolongadas. Quando a pessoa decide fazer parte do projeto como residente, compromete-se a aplicar a filosofia da ecoaldeia, a trabalhar em uma ou várias áreas da mesma e a pagar uma quantia diária de 15€. Para conseguir pagar este valor a maior parte dos residentes têm trabalhos temporários e/ou sazonais, como é o caso de Silvio que trabalha 4 semanas por ano em Zurique e consegue o dinheiro para pagar a sua estadia em Tamera o resto do ano. De acordo com João, apesar de Tamera se localizar em Portugal a questão económica impossibilita a portugueses a vivência em Tamera, e contou o caso de alguns residentes que vão algum tempo para a Noruega ou outros países nórdicos trabalhar e conseguem mais do que é necessário para viver tranquilamente em Tamera. Outra questão são as condições de habitação, como referi por questões legais não é possível construir moradias no terreno pelo que os residentes moram nas suas rulotes. Este fato dificulta a vivência em família, daí que Silvio tenha referido durante a visita guiada que Tamera não era um local para famílias. Para além das rulotes, são feitas experiências de vivência em comunidade em edifícios já construídos, assim há três casas onde alguns residentes residem fazendo a experiência de viver juntos em comunidade.

Nota-se em Tamera uma forte valorização do trabalho em rede que se inicialmente era só entre ecoaldeias (através do GEN) ultimamente tem-se alargado a outros tipos de movimentos ativistas, sejam de protesto, resistência ou ação/ reflexão. Para além desta predisposição de Tamera, há também inúmeras pessoas que visitam a ecoaldeia em busca de conhecimento, inspiração e parceria. Por exemplo, durante a minha estadia em Tamera aquando do encontro GEN, vários representantes de projetos portugueses marcaram presença como é o caso d'O Fojo (permacultura e transição), Sintra em Transição, Awakening Life (permacultura, transição e meditação na Serra da Estrela), Biovila, Aldeia das Amoreiras, etc. Na minha última estadia, aquando do curso básico conheci o João e o Pedro, organizadores do movimento M12M (Movimento 12 de Março, inicialmente conhecido como Geração à Rasca), e que estavam a visitar Tamera para conhecer as suas propostas e ação. Eles foram

responsáveis pela dinamização do “Café Político” dessa semana em que juntamente com uma permacultora grega chamada Elena (em Tamera no grupo “a Votre service”) falaram da crise portuguesa e grega e das iniciativas ativistas que tinham vindo a nascer devidas às medidas de austeridade.

Como referi anteriormente, Tamera é uma comunidade constituída por micro-comunidades. Cada micro-comunidade para além das estruturas físicas comuns, tem a sua própria organização, os seus próprios processos de decisão, os seus próprios fóruns. Em termos organizacionais, cada área é liderada por uma pessoa (p.e. Barbara líder da Aldeia Solar) e composta por várias equipas (p.e. equipa da ecologia, equipa da tecnologia) cada qual com o seu coordenador (p.e. Silke Paulick coordenadora da equipa da Ecologia). Normalmente os líderes são pessoas que estão ligadas ao projeto há mais tempo, e os coordenadores de equipa fazem parte da “nova geração de líderes”, uma geração de aprendizes que começam a conseguir cargos de maior responsabilidade na ecoaldeia. No que diz respeito aos processos de decisão, a nível micro (equipas e áreas) baseia-se em democracia participativa, em que todos os membros do grupo têm uma palavra a dizer. Quando se trata de decisões ao nível da ecoaldeia, as decisões são tomadas pelo Conselho da Comunidade, constituído por líderes, coordenadores de equipa e outras pessoas de confiança, e que são a estrutura de decisão representativa da comunidade. Este grupo verifica as propostas preparadas pelos diferentes grupos de trabalho, e decide tendo em conta o bem comum e os objetivos e filosofia de Tamera, comunicando posteriormente a decisão em plenários. Outra componente importante em Tamera é estimular a confiança entre os residentes, potenciando a transparência e a verdade na comunicação para o fortalecimento das relações em comunidade. Para conseguir este objetivo usam uma ferramenta (há 33 anos) que designam por Fórum, e que consideram fundamental para o desenvolvimento de competências sociais. O Fórum é uma ferramenta de comunicação intergrupar, é o momento de escuta ativa dos problemas/ sonhos/ aspirações/ medos/ alegrias/... de cada participante e em que se fala de assuntos normalmente não abordados. Em termos de processo, o grupo distribui-se em círculo, e uma pessoa vai para o centro começando a expressar-se. Mesmo que ele se expresse em relação a uma pessoa do grupo esta não pode reagir imediatamente. O grupo age funcionando como “espelhos” dando á pessoa a sua opinião - “também já senti...”, “percebo o que estás a dizer...”, “sinto que não estás a ser honesto...” – para que a pessoa tenha acesso a várias perspetivas.

Grande parte dos momentos comunitários são feitos entre os membros de cada área nesse espaço, havendo no entanto alguns encontros entre toda a comunidade, como é o caso do discurso matinal de domingo (10h). Este realiza-se no Auditório, em que semanalmente um dos residentes de Tamera discursa sobre a paz, a vivência em comunidade, amor, água e outros temas relacionados com Tamera. Estive presente num destes encontros, e por diversos motivos que iam desde o altar com elementos de veneração (mulher, água, velas acesas), os cânticos no início e o “Amén” no fim, este encontro assemelha-se a uma missa de domingo. O domingo é também o dia livre, em que após um *brunch*, no final do discurso (11h), cada residente faz o que quiser. Para além deste encontro, há uma fase do ano em que a vivência em comunidade pelos membros de Tamera se realiza de forma mais intensa. Esta fase diz respeito a 3 meses coincidentes com o Inverno e em que a comunidade está completamente fechada a visitas. De acordo com Silvio, este é o momento que têm para eles próprios aprenderem, avaliarem o ponto de situação da ecoaldeia e redefinir a sua visão e prioridades para o futuro. Por ser um laboratório, todos os residentes são estudantes. Durante a minha estadia em Tamera, apercebi-me que de fato os residentes se assumem e apresentam como estudantes, estando sempre a tirar notas, como qualquer outro formando presente nas sessões formativas. Durante uma das sessões, em que ouvimos o discurso em áudio de uma das residentes (sobre o estado do mundo e o amor como solução), Sonja disse-nos inclusive que já tinham ouvido esse discurso anteriormente, e que era uma prática comum na comunidade gravarem os discursos e ouvirem-nos várias vezes. De fato, durante o curso senti várias vezes que independente do tema apresentado (economia, ecologia, amor, paz...) o assunto parecia ser sempre o mesmo (os problemas do mundo, a guerra entre homem e mulher, o ciúme como causador da guerra, a vivência em comunidade como “húmus” para uma vivência em paz...). Esta sensação foi sentida também por outros colegas da formação, que por várias vezes utilizaram a expressão “lavagem cerebral”. De fato, esta constante referência, repetição e explicação de tudo através dos mesmos temas, parece funcionar como um processo de descondicionamento dos valores da cultura dominante e recondicionamento aos valores de Tamera, o que levanta algumas questões a vários níveis. Os fundadores de Tamera parecem ser uma espécie de “gurus” cujas palavras são sempre citadas. Estes são encarados pelos formandos e visitantes como figuras misteriosas e intocáveis, fisicamente ausentes mas sempre presentes no discurso e diálogo com Tamera. Em várias conversas e reflexões entre o grupo de formandos, vários questionavam até que ponto os residentes eram livres se eles tinham de aprender, praticar e ensinar os ideais criados pelos fundadores de Tamera. Também

foi referida bastantes vezes a palavra “seita” para descrever Tamera, não apenas devido à importância dos seus fundadores mas também à própria importância da espiritualidade e sexualidade principalmente. Quando confrontado com esta questão, um residente de Tamera, de nacionalidade Israelita, defendia que o conhecimento de Tamera era fruto dos falhanços do paradigma dominante e de todas as experiências que estavam a ser implementadas. Os fundadores eram frequentemente citados pois para além de serem figuras simbólicas, compilaram algum do conhecimento produzido em livros. Por outro lado, em termos de desenvolvimento pessoal, Tamera pretende emancipar e reativar politicamente os seus residentes e estudantes, enfatizando uma participação responsável baseada em comunicação segura, confiante, transparente e horizontal com o outro.

Uma das questões em que sempre fui refletindo ao longo deste trabalho foi: sendo Tamera frequentada por milhares de visitantes e estudantes por ano, porque é que apenas alguns deles decidem ficar no projeto como estudantes de longa data ou residentes? Uma resposta foi desde logo clara, as condições económicas e o estatuto sociocultural eram desde logo fatores de exclusão, contudo ainda assim não explica a motivação para abraçar um projeto que exige tamanho comprometimento (em termos não apenas de dinheiro e tempo, mas também em termos de vida pessoal). Como não falei com todas as pessoas da ecoaldeia, esta resposta não pode ser totalmente respondida, contudo penso que consegui perceber as motivações de algumas pessoas. Para os residentes mais antigos (alguns dos quais desde o início do projeto em 1978), acaba por ser um projeto de vida, daí que de acordo com Zara “*sem comunidade sinto-me totalmente perdida*”. Para alguns dos residentes mais recentes, Tamera era uma opção válida de vida, com a qual se identificavam, a título de exemplo Meike (residente em Tamera) na altura que tinha de escolher um curso superior “tropeçou” em Tamera e considerou o projeto muito mais interessante do que qualquer curso superior. Uma residente brasileira contou-me que era professora de Economia Solidária numa universidade brasileira, até que um dia decidiu passar da teoria à prática e mudou-se para Tamera, o mesmo aconteceu com o Diogo, um dos organizadores do Boom Festival responsável pela área da sustentabilidade, que após o Boom 2008 decidiu também passar da sensibilização à prática em Tamera. Para alguns é a resposta profissional que procuravam, como é o caso da professora responsável pelo Espaço das Crianças, que considera o ensino alternativo em Tamera válido e motivante. E para outros é uma opção interessante pós-reforma, como é o caso das residentes na Aldeia da Luz, que decidiram dedicar-se ao projeto numa perspetiva de se manterem úteis

e de partilharem o seu conhecimento. Apesar das diferentes respostas que obtive, senti uma semelhança: o ativismo e a vontade de contribuir para uma mudança no mundo.

Apesar de ter tido um contacto relativamente privilegiado com Tamera, considero-o ainda assim redutor. É difícil perceber de que forma a visão da ecoaldeia é aplicada no quotidiano dos locais, pois há uma barreira entre estes e os visitantes. Como visitante, eu não pude circular livremente por todos os locais, e a grande parte deles só poderia aceder com convite. Este convite pressupunha que a comunidade me conhecesse e confiasse em mim, o que não é o caso pois, em termos relacionais, apenas fiquei no início dos mesmos. Assim, enquanto visitante acedi principalmente à filosofia e componente formativa da mesma, recheado de discursos bastante complexos e nem sempre perceptíveis. Estes discursos utilizavam expressões orgânicas (“a água é um ser vivo”...) holísticas, espirituais e multidisciplinares, pelo que bastantes vezes deixavam a impressão de ser dita muita coisa e nada ao mesmo tempo. Vários formandos pediram para eles exemplificarem a experiência em Tamera de forma prática, contudo quase sempre as respostas eram ambíguas. Em conversas informais, Silvia acabou por referir que o Curso Básico era um primeiro contato com Tamera, sendo necessário para perceber o que se estava a construir, garantindo que em futuras visitas iríamos ter acesso a componentes mais práticas do projeto. Quando lhe perguntei sobre futuras possibilidades de visitar Tamera, Silvia respondeu que, agora que me conheciam, era mais simples frequentar outro tipo de cursos ou fazer o trabalho de voluntariado (o grupo “*a votre service*” ou “processamento da abundância da natureza”⁵⁴). Para além dos cursos, um sábado em cada mês há uma Visita Aberta (gratuita), que consiste numa visita guiada por Tamera.

Aprofundar essa relação exigiria estar em Tamera muito mais vezes o que pressupõe um forte investimento em tempo e dinheiro. Para além disso, os próprios residentes não passam muito tempo na área dos visitantes (exceto aqueles cuja função é receber os visitantes e formar os estudantes), apenas quando há eventos coletivos como o “Café político”, a visualização de filmes ou o discurso de Domingo. Por vezes, durante as refeições criam-se espaços de contacto quando nos sentamos na mesa de residentes ou eles se sentam connosco. De acordo com um residente, apesar de serem uma comunidade respeitam e valorizam muito o espaço pessoal, por esse motivo não queriam ter sempre a circular pelos seus espaços rostos

⁵⁴ Programa dos eventos em Tamera em 2012: <http://www.tamera.org/index.php?id=events&L=2>

diferentes, curiosos por saber o que era viver em Tamera, e que ainda não conheciam nem aplicavam as suas normas e filosofias internas, podendo portanto ser fatores perturbadores da ordem.

De acordo com João, este modelo de ecoaldeia é perfeitamente aplicável em cidades, sendo até potencialmente mais eficiente por não ser necessária a construção de infraestruturas e por implicar uma maior partilha de recursos. Seguidamente, através da LAEV, vou explorar a aplicação do conceito das ecoaldeias em cidades.

4.2.2) Los Angeles Ecovillage (LAEV) – Uma ecoaldeia Urbana

Apesar de a grande maioria das ecoaldeias se construir em ambiente rural, aparecem cada vez mais exemplos da sua aplicação em meio urbano. Contudo, sendo o contexto diferente tornam-se diferentes também as práticas e estilos de vida. Se para viver numa ecoaldeia rural, geralmente as pessoas têm de se mudar, *“o objetivo de uma ecoaldeia urbana é verificar o que pode ser feito localmente para melhorar os locais em que nós já vivemos, de forma a nutrirem o nosso bem-estar social, mental e físico enquanto nos fornece os recursos para satisfazer as nossas necessidades diárias”* (Sizemore, 2004:16). Neste sentido, eles utilizam casas, infraestruturas e instituições que já existem, tentando promover estilos de vida mais saudáveis e sustentáveis e tentando criar oportunidades de trabalho no interior da ecoaldeia. As ecoaldeias urbanas podem ser um conjunto de casas ou edifícios com diferentes apartamentos, casas partilhadas (*co-housing*) ou um bairro inteiro (ibidem).

Tal como o seu nome indica, a LAEV⁵⁵ (logotipo na Fig. 1, Anexo D) está localizada em Los Angeles, uma mega cidade californiana que se caracteriza não apenas pela densidade populacional e respectivas problemáticas (desigualdades sociais, sem abrigo, criminalidade, preços altos das casas e da terra...), mas também pela diversidade cultural e pela emergência e experimentação de estilos de vida alternativos, inovação e activismo social, organizações comunitárias políticas e ecológicas. Não é por acaso que a Califórnia foi um importante nicho dos movimentos de contracultura, ambientais, feministas, etc. durante a década de 60 e 70.

⁵⁵ Blog da ecoaldeia: <http://laecovillage.wordpress.com/about/>

Site da ecoaldeia: <http://www.laecovillage.org/>

No que diz respeito ao seu contexto geográfico, a LAEV está localizada em *Bimini and White House Place neighborhood*⁵⁶, na zona *Wilshire Center/Koreatown*, perto de *Downtown* (baixa de Los Angeles), num bairro multicultural de classe média-baixa, com cerca de 500 habitantes. Foi no interior deste bairro, que um grupo de 40 pessoas se organizou intencionalmente para formar a LAEV, e experimentar um estilo de vida e habitação com uma menor pegada ecológica. Esta comunidade foi fundada pelo CRSP (*Cooperative Resources and Services Project*), cooperativa sem fins lucrativos nascida em 1980 no mesmo bairro e pelos fundadores da LAEV. Esta cooperativa é uma organização educativa e de desenvolvimento comunitário que serve de centro de recursos para pequenos bairros e comunidades que pretendem tornar-se cooperativos e ecológicos, como é o caso da LAEV, e outro grupos urbanos que procuram estruturar-se como comunidades intencionais e/ou tornar-se sustentáveis. Depois da agitação civil de 1992 (motivado pelo caso Rodney King) esta cooperativa decidiu ajudar o seu bairro problemático (a nível micro) e a cidade (a nível macro) através da criação de possibilidades de mudança ali mesmo, contrariamente à intenção inicial de construir o projecto fora do ambiente urbano.

You know, I feel that is really important to stay connected to the Los Angeles, the context of Los Angeles where you are living, and not just be a kind of isolated utopia, I mean we are striving to be this kind of alternative live thing but feeling like a responsibility to be in a context, and recognize that, and not feel kind of shelter “oh that’s the outside world”, but feeling pretty much part of it and playing a role (Yuki, 2011).

A LAEV⁵⁷ nasceu em Janeiro de 1993 inspirada e marcada não apenas pelas características geográficas, políticas, sociais e culturais do seu contexto mas também por problemas mundiais como: desigualdades económicas, étnicas e de género e problemas ambientais. "A *L.A. Eco-Village procura resolver estas questões complexas demonstrando uma forma diferente de estar na nossa cidade*" (LAEV, 2012⁵⁸).

⁵⁶ Localização no mapa em: http://maps.google.pt/maps?channel=linkdoctor&um=1&ie=UTF-8&q=los+angeles+ecovillage+map&fb=1&gl=pt&hq=ecovillage&hnear=0x80c2c75ddc27da13:0xe22fdf6f254608f4,Los+Angeles,+CA,+USA&cid=0,0,4156512422016111711&ei=-be7T4LEOInK0QW-rbn0Bw&sa=X&oi=local_result&ct=image&resnum=1&ved=0CAoQ_BIwAA

⁵⁷ Vídeo sobre a ecoaldeia em: <http://www.streetfilms.org/los-angeles-eco-village/>

⁵⁸ Informação disponível em: <http://www.laecovillage.org/brochure.html>

De acordo com Lois Arkin⁵⁹, 74 anos, fundadora da ecoaldeia, quando o CRSP iniciou a criação da ecoaldeia, os residentes mal se conheciam, temiam-se entre si e não havia atividades comuns no bairro. Assim, o desenvolvimento da comunidade visou integrar os aspectos sociais, económicos e físicos da vivência do bairro para promover a sua sustentabilidade a longo prazo.

Os residentes na ecoaldeia pretendem adquirir e demonstrar um estilos de vida eficazes e de baixo impacto, e para reduzir a necessidade do governo, e para aumentar a autoconfiança do bairro numa variedade de áreas como subsistência, produção de comida, uso de energia e água, habitação a preço acessível, transitio, atividades recreativas, redução dos desperdícios e educação (LAEV, 2012⁶⁰).

(...) ecovillage is called ecovillage because we are committed to kind of minimize our footprint or kind of harmful footprint, maximize the positive footprint and minimize negative footprints on our natural systems including people, so, you know so everyone practices things like composting so minimize our way streams, putting our food scraps back into the soil, building soil in that way, we try to minimize the use and consumption of things (Yuki, 2011).

O CRSP comprou o edifício com 40 apartamentos (117 *Bimini Place*) em 1996 e o edifício adjacente com 8 apartamentos (127-133-1/2 *Bimini Place*) em 1999 através do empréstimo cedido pelo seu fundo ecológico de empréstimo rotativo (ELF - *Ecological Revolving Loan Fund*). Este fundo é conseguido graças ao dinheiro de financiadores privados, mas também da renda paga pelos moradores, o que permite manter as rendas moderadamente baixas (comparativamente com as rendas da cidade) e manter as propriedades. O dinheiro desta cooperativa (ELF), é gerido colectivamente assim como as decisões a respeito de gastos, mas regra geral destina-se a investimentos como: a eco-reabilitação dos apartamentos do CRSP; a aquisição de novas propriedades para a ecoaldeia; para pagar credores quando expiram os períodos de empréstimo; para fornecer capital “semente” para o desenvolvimento de novos negócios verdes dentro da ecoaldeia. "*Também planejamos converter a habitação no bairro de arrendamento para propriedade cooperativa permanentemente acessível*" (LAEV, 2011⁶¹).

⁵⁹ Biografia em:

<http://oralhistory.library.ucla.edu/viewFile.do?itemId=32250&fileSeq=8&xsl=http://oralhistory.library.ucla.edu/xslt/local/tei/xml/tei/stylesheet/xhtml2/tei.xsl>

⁶⁰ Informação disponível em: <http://www.laecovillage.org/brochure.html>

⁶¹ Informação disponível em: <http://www.laecovillage.org/brochure.html>

So you can see, we have taken one area and started to do these things and over the time we can really change what was happening in that location and what can happen in that location, you know there opens up possibilities, all these things provide the foundation for more things happening, so the idea of doing it with community evolving loaned fund I think that's also good, locally based financial institute, and then the idea of time banks and have something that is, I love that idea, be a complementary payment fee (Lara, 2011).

No que diz respeito ao momento actual, a ecoaldeia está em pleno processo de transição. Por um lado pretende expandir-se adquirindo um novo edifício (do outro lado da rua) para reabilitar, por outro lado este contexto de crise global fez o estado Californiano retroceder no que toca a alguns fundos e apoios que poderiam beneficiar a LAEV. Assim, a estratégia pode passar por criar uma *community land trust*⁶², para tentar garantir algum apoio da agência de desenvolvimento comunitário do Estado da Califórnia.

(...) the community learn about what a commune land trust was and learn about coops and something, and we made a decision as a community that yes we wanted to go with the trouble of creating a commune land trust because that was seen as a vehicle for doing further development within the neighborhood and be on this neighborhood, and what would be in the... a way of be sharing affordability for this project and then we wanted to create a limited equity housing coop (Lara, 2011).

Para além disso, esta transição reflete-se também na própria vivência e afirmação da comunidade, que para “andar para a frente” tem de se “burocratizar”.

So well, the steps for billing articles, by laws, and you know creating a board and stuff for the land trust was a lot faster that for doing it for the coop, and some of that was in my view as to do of how challenging it is for people who are experiencing a kind of informal collaborative decision making to direct their minds around both of why and how creating a more formal structure (Lara, 2011).

No que diz respeito ao seu objetivo, “*Os residentes da ecoaldeia estão a demonstrar padrões de vida de baixo impacto enquanto aumentam a qualidade de vida do bairro. Eles trabalham para efetivamente integrar os aspetos sociais, económicos e ecológicos da vida em comunidade*” (LAEV, s/a). Para cumprir este objetivo a ecoaldeia apresenta uma determinada organização e propõe várias ações.

⁶² “O modelo de habitação acessível *Community Land Trust* (CLT) foi criado há 30 anos pelo Institute for *Community Economics* como resposta ao aumento dos custos da habitação, ao espaço limitado para novas construções, ao aumento do número de edifícios abandonados e parques habitacionais envelhecidos nas cidades no leste dos EUA” (National Community Land Trust Network, 2011). Mais informação disponível em: <http://www.cltnetwork.org/index.php?fuseaction=Blog.dspBlogPost&postID=1396>

We have the meeting every once a week, we have talks like people coming to talk about... like the chicken last night..., we have a lot of speakers coming to ecovillage, a lot of actions happening right there, we have one retreat once in awhile, we have moments where somebody of the community cook for everybody, and little action... I mean... we do compost, we have a bicycle room, we have food coop where people from outside of the community come to buy, we have a bulkroom, we recycle water, we... a lot of actions right here, some people participate in Occupy LA, some people cook food for Occupy LA and bring it to them, ... I am a board member of the Neighborhood Council, where we organize people for in case of emergency... I forgot to tell in the meeting yesterday, I supposed to announce that, in the Neighborhood Council we are planning to do the emergency preparedness for the community, and I think that probably we will do it in the ecovillage also, some people of the ecovillage are member of the Echo-Park Time Bank... we participate with Koreatown... you know a lot of actions are happening here. You know, Erik participate Passenger Union, in order to organize better transportation in LA, one of the members over here was the founder of the Ciclovía that is a close street of 50 miles in order to have where you can walk and riding a bike, I do myself the Ecomaia festival... yeah we have a lot of action here (Julio Santizo).

Para além deste objetivo geral, cada residente tem as suas próprias causas, ativismo, reivindicações e/ou projetos, o que aumenta o âmbito de ação da ecoaldeia no seu todo.

So, also I think there are a lot of interesting kind of individual causes, (...) around migrant rights, environmental justice, or king of fighting with big polluters or fighting for better public transportation system, that isn't just what we do as a community here and the information and support that comes to the community and from the community (...)(Yuki, 2011).

Curiosamente, nas entrevistas que realizei, foram nítidas as prioridades e áreas enfatizadas por cada um dos entrevistados. Assim a Yuki, a trabalhar numa ONG ambiental, reforçou questões relacionadas com a natureza e pressão política; Lara, que trabalha na ecoaldeia (trabalho remunerado) falou de questões relacionadas com a organização e burocracia da LAEV; o Julio referiu bastante o festival Ecomaia, relacionado com os direitos indígenas e proteção ambiental. Por outro lado, é esta tolerância, gestão democrática e activismo que se reconhece na ecoaldeia que, motivou grande parte dos residentes a optarem por viver e colaborar com ela. Para além disso, de acordo com Lois, apesar de haver residentes altamente motivados, há ainda a necessidade de apelar à participação e comprometimento de outros, que se limitam a fazer o mínimo exigido pela comunidade (participar em duas actividades e num jantar comunitário por mês).

Nos vários espaços interiores e exteriores da ecoaldeia é possível ver vários lugares confortáveis e bonitos (Fig. 4, Anexo D), com cadeira e mesas convidando os locais à sua

utilização. De acordo com Lois, estes lugares são intencionais e visam criar momentos comunitários, encontros entre residentes, refeições partilhadas etc.

No que diz respeito às estratégias de comunicação e decisão, a LAEV aplica o processo de “tomada de decisão em consenso” (*consensus decision making*). Este processo tem regras específicas que se aplicam não apenas à moderação e participação no momento da decisão/reunião, mas também ao planeamento e realização da acta da mesma. No que diz respeito ao planeamento, cada residente ou grupo de trabalho pode, semanalmente, propor temas os quais serão partilhados antes da reunião com todos os residentes. A responsabilidade pelo planeamento e moderação da reunião é rotativa e fica a cargo de dois residentes diferentes por semana.

Para além da reunião semanal à segunda-feira ao fim da tarde (Fig. 6, Anexo D) existem outras reuniões, nomeadamente: a) reuniões convocadas para discutir temas específicos (por exemplo mudança de políticas da ecoaldeia), e que normalmente se faz por grupos representativos (contra e a favor); c) reuniões fora da comunidade que podem ter vários intuitos (por exemplo criação de redes, participar em outras actividades de activismo, participar em feiras, etc.). Eu participei numa reunião de cada um destes três tipos e de facto a horizontalidade, proximidade, participação, transparência e a gestão democrática são pontos sempre presentes. “(...) *is like try to create an ecovillage is looking at developing communication skills and interpersonal relation skills, that aren't what you learn in the dominant culture, in fact is very, very contrary, to lot of messages and training of the dominant culture (...)*” (Lara, 2011).

Durante uma conversa Lois Arkin referia que apesar de potencialmente as decisões serem mais adaptadas pela participação de todos, este processo tem também o inconveniente de poder ser um processo de decisão demorado e desgastante por implicar a negociação das diferenças para decidir unanimemente.

Para além da própria vivência em comunidade, a LAEV procura ser sustentável, ecologicamente através de acções/ filosofias específicas. Tal como o movimento das EV de uma forma geral, aplica o conceito simplicidade voluntária.

(...) we try to minimize the use and consumption of things so there isn't kind of a heart interest rule or a policy around that, but generally we all have consciousness and awareness about not buying so much (...); “(...)the all idea of promoting recycling enables more and more using and buying, consuming

things that you might not need, so you know, if recycle is the only framework that you work with, you go out and buy you know tens of plastic water bottles rather than and... you know and recycling and thinking that what you are doing is the environmental thing rather than questioning many things about that system around plastic, you know around privatization of water, in terms of being able of carrying some, your canteen around with you, these kind of things (Yuki, 2011).

Está também envolvida em movimentos como o “slow food”⁶³, *Boicote* (negação da compra) e *Buycott* que se referem á procura consciente e intencional de produtos e/ou serviços percebidos como social e ambientalmente sustentáveis (Wilson, 2010). Para além disso a CRSP defende a criação de negócios locais que sejam ecológicos, financeiramente viáveis, criando novos postos de trabalho e que o dinheiro dos residentes seja gasto na comunidade, e portanto permaneça nela (LAEV, s/d). Desta forma, esta ecoaldeia e a cooperativa CRSP funcionam como espaços de empreendedorismo e como incubadoras de novas empresas.

I really think we need to work near where we live, and I think having local businesses, that is where we should put our energy and then also the idea of having structures for the community to own propriety, is a community ownership, or community member ownership of businesses and income generation, the ownership of propriety and control propriety, and then operating in such ways that allow the ownership of one propriety to lead the ownership of additional proprieties (Lara, 2011).

Desta forma, para além de garantir que o dinheiro circula dentro da comunidade e de inserir profissionalmente alguns dos residentes, os negócios/ trabalho sendo locais, tornam dispensáveis a posse de veículos. Os transportes é outro foco de interesse da LAEV que promove o uso de alternativas públicas ou transportes verdes como é o caso da bicicleta. Este interesse, permitiu fundar uma empresa designada por *Bicycle Kitchen*⁶⁴, que para além de arranjar bicicletas promove passeios e *workshops* para ensinar as pessoas a cuidar e manter as suas bicicletas e é activista pela causa.

In terms of transportation, it’s a huge part... a lot of peoples that are interested in ecovillage, and it’s also exciting, the visible part of the ecovillage is the promotion of bikes, walking in a public transportation, we have, you know, institutionalized that incentivize, not owning a car you pay less rent, you get a non-car discount in your rent, if you don’t have a car, and there’s a lot of bicycles and public

⁶³ O movimento «Slow Food», por exemplo, nasce da vontade de articular produtores e consumidores em cadeias de proximidade que apoiem dietas mais saudáveis, socialmente justas e ecologicamente sustentáveis – porque comer é provavelmente o ato mais básico de sobrevivência e, em simultâneo, dos atos mais poderosos de intervenção cultural na direção da mudança que importa promover.

⁶⁴ Apresentação no TED^x de Jimmy Lizama, fundador da Bicycle Kitchen na LAEV, disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=yBJPhHNZyds>

transportation to who live here, so you have learn a lot in things like the bicycle kitchen, I'm sure you hear about this, we will not describe it, I'm sure you can talk with people that can describe it better than I can, it was incubated here at ecovillage and people who work for bike advocacy organizations and not just in terms of, like... (Yuki, 2011).

De acordo com Lois Arkin, para residir na ecoaldeia o candidato tem de passar por um processo de integração: participar nas atividades da ecoaldeia durante 48 meses, participar nas reuniões e aceitar os objetivos e regras. Alguns candidatos acabam por desistir durante o processo, mas de acordo com Lois esta lenta integração é muito importante para a pessoa perceber se se identifica ou não com os valores e ação da ecoaldeia, mas também protege a ecoaldeia de eventuais membros perturbadores. Outra questão importante é a renda, como a LAEV oferece rendas mais baratas, é muito importante perceber quais são as reais motivações das pessoas.

Outra questão pertinente que conversei com Lois foi acerca da futura liderança da LAEV. Ela referiu que procurava manter relações horizontais na LAEV pois às vezes gostava de ser líder mas bastantes vezes preferia que fosse outro. Assim, ela acredita que a ecoaldeia é um espaço que facilita a expressão das capacidades de liderança e responsabilidade de cada um, pelo que todos podem ser líderes num ou outro momento. Referiu também que apesar de simbolicamente toda a gente a considerar a líder da ecoaldeia, por ser a fundadora mas também por escrever bastante sobre o assunto e estar ligada a redes nacionais e internacionais, considera que não vai ser difícil ser substituída futuramente, pois reconhece competências em algumas pessoas da LAEV.

Síntese final e conclusão

Para conceptualizar o movimento das ecoaldeias optei por recorrer a contributos multidisplinares que me permitissem alargar o olhar da antropologia e melhor abarcar a natureza holística deste movimento. Assim, recorri fundamentalmente a contributos da economia (principalmente no que diz respeito a propostas de decrescimento, economia alternativa e economia solidária), ciência política, história (nomeadamente no período histórico a partir dos anos 60/70 até ao momento atual), e sociologia. Esta opção verificou-se bastante produtiva pois deu toda uma nova coerência à conceptualização do movimento estudado, permitindo contextualizá-lo no tempo e no espaço. Com este pano de fundo pude

pensar de forma estruturada o conceito globalização, partindo da denominada globalização hegemónica para a emergência de propostas de alter-globalização, argumentando a inclusão do movimento social das ecoaldeias nesta categoria. A globalização hegemónica, que no período temporal analisado é representada pelo paradigma neoliberal, tem implícitas múltiplas e emergentes crises (económicas, sociais, ambientais, psicológicas...). A decrescente representatividade do Estado-cuidador acompanhado de crescentes políticas de austeridade, podem contudo representar períodos de criatividade e resiliência com potencial para reflexão e expressão de propostas (políticas) alternativas.

Neste trabalho procurei argumentar o carácter alternativo e adaptativo do movimento das ecoaldeias, à luz de propostas como a economia solidária e as políticas do cuidado que se regem pelo princípio da sustentabilidade. A certa altura, tornou-se indispensável também problematizar o próprio conceito de sustentabilidade, pois contemporaneamente tem vindo a “*mainstreamizar-se*”. Esta opção permitiu-me perceber a sua conceptualização e tradução dentro da família das ecoaldeias e argumentar que as ecoaldeias criam condições que permitem aos residentes experimentar e aplicar estilos de vida alternativos e sustentáveis. Assim, através de uma vivência em comunidade, mais próxima à natureza (não apenas geograficamente mas também ideologicamente) os residentes das ecoaldeias podem de fato ter estilos de vida menos baseados no consumo, e embebidos numa lógica de ética ambiental, cuidado e hedonismo alternativo. Para além disso, as ecoaldeias parecem ser espaços democratizados não apenas no que diz respeito à participação nos processos de decisão, mas também à expressão, estimulando portanto a criatividade individual, a igualdade de género, a emergência de iniciativas profissionais e ativistas, o desenvolvimento de tecnologias verdes e/ou reaproveitamento de desperdícios, arte e celebração através do convívio comunitário.

Para ilustrar o movimento social das ecoaldeias, recorri ao GEN e a dois exemplos locais: Tamera e LAEV. Esta opção permitiu-me analisar o movimento numa perspetiva global (filosofia, visão, missão, propostas) e também a forma como o conceito se aplica em diferentes contextos, nomeadamente em meio urbano e em meio rural. Contudo, quero reforçar que não tive a intenção, nem a pretensão, de analisar estes dois exemplos como modos de aplicação absolutos. Há uma grande heterogeneidade dentro da família das ecoaldeias, e apesar de se erguerem sobre os mesmos pilares cada uma tem a sua própria idiossincrasia. Por outro lado Tamera, pelas suas propostas em relação à espiritualidade, conjugalidade e parentalidade é considerada, mesmo dentro do movimento das ecoaldeias,

bastante “exótica”. Através de Tamera e LAEV pretendi apenas ilustrar a argumentação com dois modelos práticos, tendo em conta os contextos em que emergem e se estruturam. Analisando estes dois modelos pude verificar que a mesma visão se pode traduzir em diferentes práticas, assim se Tamera pretende construir-se como uma comunidade-modelo num ambiente a transformar, a LAEV opta por incrementar a transição e pensar soluções dentro do ambiente urbano e a partir dele, apropriando-se deste espaço e seus recursos e incorporando-os na estruturação da mudança. Para além disso, a LAEV não é tão radical quanto Tamera em termos de tecnologia e projeto ambiental e não exige tanto comprometimento por parte dos seus residentes em relação à vivência comunitária. Os residentes colaboram na ecoaldeia, e apesar de alguns deles trabalharem em negócios da mesma muitos trabalham fora. Em Tamera, pelo contrário, os residentes mudaram-se para a ecoaldeia (deixando o trabalho, a família, o país...) e trabalham a tempo inteiro (enquanto estão na comunidade, pois muitos têm trabalhos sazonais) em micro-comunidades da mesma. Por outro lado, enquanto Tamera ambiciona o máximo de autossuficiência local possível, LAEV procura fundamentalmente diminuir a sua pegada ecológica motivo pelo qual não enfatiza da mesma forma que Tamera o desenvolvimento de tecnologias. Outra diferença bastante nítida é que enquanto para residir em Tamera os residentes têm de aceitar a aplicar políticas que dizem respeito não apenas ao espaço coletivo mas também ao espaço privado (p.e. relação de casal, educação das crianças), na LAEV o espaço privado é respeitada e muito valorizado em termos de individualidade. Por esse motivo também, sente-se em LAEV (muito mais do que em Tamera) as reivindicações ativistas de cada um dos residentes. Isto é, enquanto a mensagem e ideias que ecoam em Tamera partem principalmente dos seus fundadores, a ação da LAEV incorpora os projetos e ideias de cada residente (p.e. o festival Eco Maya, promovido pelo Julio Santizo).

Antes de serem projetos coletivos as ecoaldeias são projetos pessoais dos seus fundadores. Em Tamera este facto é bastante explícito pois são os ideais de Sabine Lichtenfelds e Dieter Duhm que ecoam de forma dominante no discurso de cada residente e se aplicam na realidade quotidiana da ecoaldeia. Apesar de este facto não se notar na LAEV, mesmo Lois Arkin (74 anos) reforçou diversas vezes a importância do desenvolvimento de competências de liderança, comunicação e gestão nos residentes da LAEV, para que a sua presença seja dispensável. Esta ênfase no crescimento pessoal dos residentes demonstra de certa forma uma tentativa de passar a responsabilidade para outras mãos, o que lhe garantiria

descanso e a perspectiva de continuidade do próprio projeto. Assim, as ecoaldeias antes de serem projetos coletivos são projetos de vida pessoais dos seus fundadores.

Para além disso ambos os projetos têm menos de 20 anos, o que não é significativo para provar a sua eficácia no tempo. Esta questão foi problematizada também durante a minha apresentação⁶⁵ na conferência “*Sustainability – Innovation Serves for a Smarter Economy*”⁶⁶, após a apresentação e durante o debate um dos participantes deu o exemplo de alguns Kibutz que conhecia, referindo que um dos seus grandes pontos fracos era que as segundas gerações procuravam outro tipo de vida, pelo que perdiam o “fôlego” pelo projeto. Esta é uma questão pertinente para o meu tema uma vez que ambas as ecoaldeias ainda não tiveram a experiência de uma segunda geração. Em Tamera seria também interessante verificar qual o impacto que o relacionamento familiar alternativo e a construção de uma comunidade de crianças que propõem terá no seu desenvolvimento, bem como nas próprias relações conjugais a longo prazo.

Em relação às ecoaldeias como alternativas ao modelo dominante, há também bastantes questões que se colocam. É importante referir que o número de seres humanos na Terra já ultrapassa os 7 mil milhões, por esse motivo seria utópico imaginar que haveria lugar para todos, se todas as pessoas se deslocassem para meios rurais para construir ecoaldeias como Tamera. Apesar de as cidades estarem associadas a um aumento de poluição e consumo, concentram também metade da população em cerca de 4% de terra arável, deixando o restante espaço disponível para a natureza e agricultura (National Geographic, 2012⁶⁷). De acordo com Steward Brand uma volta ao campo massificada seria desastrosa pois teria o potencial de espalhar os danos. Assim, neste sentido o modelo LAEV parece ser uma solução de transição mais adaptável às sociedades contemporâneas. Promover estilos de vida verdes, cultivar em espaços disponíveis dentro da cidade, a própria vivência comunitária, podem de facto ser alternativas interessantes a ter em conta. Apesar disso, em Portugal, neste contexto de crise vemos surgirem alguns projetos em meio rural (p.e. Aldeia das Amoreiras, Biovila) que aliam a agricultura biológica à tentativa de criação de uma economia local. Num contexto em que grande parte do terreno agrícola está ao abandono (apesar de reunirem condições

⁶⁵ Apresentei o tema “Building an alternative: Ecovillages a sustainable social model?”

⁶⁶ Conferência promovida por Technology Innovation International (TII), programa disponível em http://www.tii.org/index2.php?sm=tii_en-9&cat=4&idnews=201109270001

⁶⁷ Informação disponível em: <http://ngm.nationalgeographic.com/2011/12/city-solutions/kunzig-text>

favoráveis para a prática da agricultura), em que a maior parte dos bens consumíveis são importados, e em que a taxa de desemprego continua a aumentar, voltar a olhar para o campo poderia significar o cultivo de sustentabilidade local/regional, e também possibilidades profissionais alternativas à imigração.

O conceito “eco-chic” alertou-me para a importância que o fator económico tem dentro do movimento das ecoaldeias. Em Tamera é o dinheiro que paga as experiências sendo as fontes de rendimento principais a educação e as visitas, por esse motivo só algumas pessoas têm capacidade económica para visitar/ viver em Tamera. Note-se que a maior parte dos residentes em Tamera vêm de países como Alemanha, Áustria, Suíça e outros países nórdicos, e apesar de estar localizada em Portugal, grande parte dos portugueses não têm capacidade monetária para se juntar a este movimento. Também neste aspeto a LAEV parece ser mais adaptada/adaptável e acessível à sociedade dominante, uma vez que sendo os edifícios propriedade do CRSP, as rendas são a principal fonte de rendimento da cooperativa, que investe em projetos comunitários e pretende, futuramente, adaptar o valor da renda ao rendimento de cada residente. Por se tratar de uma cooperativa o CRSP consegue proporcionar rendas inferiores à média de Los Angeles, e para além disso, os residentes mantêm as suas atividades profissionais fora da ecoaldeia ou criam o seu eco-negócio a partir da mesma.

Contudo, apesar de Tamera, no seu todo, ser um modelo difícil de reproduzir, pelo seu carácter laboratorial e inovador pode inspirar a sociedade dominante. A mesma observação foi feita, após a minha apresentação, por Peter Mogyrosi, o moderador da sessão 3 da conferência TII. Por ser uma conferência sobre tecnologia com tempo de apresentação limitado optei por apresentar apenas a ecoaldeia Tamera, enfatizando principalmente os seus projetos nesta área. No final do debate Peter Mogyrosi referiu que era interessante ter em atenção os projetos desenvolvidos nas ecoaldeias pois em bastantes aspetos eram inovadores e poderiam ensinar às empresas algumas lições sobre sustentabilidade. Também durante a conferência houve algumas apresentações que me fizeram pensar em termos comparativos os ideais das ecoaldeias. Por exemplo, a primeira apresentação, feita por Charles Leadbeater na qual enfatizou a importância de simplificar o mercado e a lógica empresarial principalmente atendendo à austeridade que se vive no mundo ocidental e à ameaça ambiental. Neste sentido, utilizou o conceito inovação para se referir a lógicas empresariais baseadas na reutilização e reciclagem dos recursos, na produção local para públicos locais de forma a garantir preços

baixos para os consumidores. Durante outras apresentações o fator inovação aparecia relacionado a “avaliação dos ecossistemas” (sociais, ambientais, políticos), e construir “clusters” de empresas (comunidades de empresas) como estratégia para sobreviver à crise. A conferência acabou com uma apresentação Guy R. Cloutier que de forma bastante entusiasta sugeriu 4 dicas para o sucesso: 1) saber respirar; 2) saber comer; 3) saber viver em comunidade (com os outros, com as outras empresas) e 4) ser feliz. Se eu fechasse os olhos durante momentos desta apresentação poderia ter imaginado estar num dos discursos das ecoaldeias que visitei.

Em jeito de conclusão reforço que as ecoaldeias são um movimento de alter-globalização interessante para pensar alguns problemas (globais) e soluções (locais) relacionados com a humanidade. Enquanto laboratórios, as ecoaldeias têm um carácter inovador e vanguardista, pelo que é pertinente olhar para este movimento e suas alternativas, principalmente numa altura em que se caminha no sentido da(s) crise(s) e austeridade. Neste sentido, o estabelecimento de pontes com a sociedade dominante é relevante para que o conhecimento e desenvolvimento de práticas de sustentabilidade não fique "fechado" no movimento e possa ser disseminado e adaptado para inspirar/reforçar a transição para uma sociedade mais sustentável e resiliente.

Como referi no início desta dissertação, este trabalho é um ato político. Por esse motivo tenho a intenção de o tornar uma ferramenta de divulgação de movimentos/ ações/ propostas alternativas às hegemónicas, de forma a convidar à reflexão e informar de forma objetiva (e livre de sensacionalismos mediáticos) projetos em funcionamento que questionam o sistema dominante e tentam criar alternativas. Assim, em contexto de crise crescente considero este trabalho um exercício de cidadania e é por esse motivo que não pretendo que seja "mais um trabalho arrumado nas estantes de uma biblioteca" mas sim um instrumento para debater e refletir.

Com este trabalho pretendo também trazer contributos, do ponto de vista científico, para as teorias sobre globalização e alter-globalização, e movimentos sociais, principalmente contemporaneamente com todo este "fervilhar" de ideias, movimentos e ações de protesto e reflexão/desenvolvimento de alternativas. Para além disso pretendo contribuir para as teorias a respeito das políticas de cuidado, no âmbito do projeto "o Cuidado como fator de sustentabilidade", especificamente na reflexão de práticas de cuidado para com o mundo.

Sugestões para futuras investigações

Pensar sobre como a cultura da investigação e profissionalização da antropologia forma o que é normalmente considerado como método, o processo de pesquisa para a dissertação, de pesquisa do aprendiz e, conseqüentemente, como a primeira pesquisa é "terminada", e depois como este se move para outros projetos que devem partilhar algumas características como primeiro trabalho de campo é um foco de atenção estratégico para nós (Marcus, 2009:6).

Antes de mais queria reforçar que este se trata de um estudo exploratório sobre o movimento das ecoaldeias. Assim, tive como intenção enquadrá-lo no âmbito das teorias da globalização, hegemonias e alternativas. Por esse motivo, não considero a análise das ecoaldeias exaustiva, uma vez que se baseou fundamentalmente na descrição de exemplos e práticas locais. Poderia ter feito uma análise mais profunda se tivesse mais tempo de contato com as mesmas e espaço nesta dissertação. Assim, após o estudo do movimento de uma forma geral penso que seria interessante estudar uma ecoaldeia de forma mais aprofundada, para perceber de que forma se constrói e organiza, as suas práticas e também contradições. Seria também interessante estudar o impacto que a vivência na ecoaldeia tem nos seus residentes. Durante as entrevistas que realizei houve duas pessoas que se emocionaram sendo que uma chorou ao falar do que está a viver na LAEV estava a significar para ele.

Outra questão que seria interessante aprofundar seria a relação entre as ecoaldeias e os meios sociais e culturais em que estão inseridas. Esta proposta surge da ideia:

(...) qualquer proposição de uma determinada comunidade em isolamento, definida em termos raciais, religiosos, ou regional, "desvinculados" do império, protegida de seus poderes por fronteiras fixas, está destinado a acabar como uma espécie de gueto. Não se pode resistir ao Império não através de um projeto que visa uma autonomia limitada e local. Nós não podemos voltar a qualquer forma social anterior, nem avançar de forma isolada. Pelo contrário, devemos avançar através do Império (Negri e Hardt, 2000:207).

Durante o trabalho de terreno apercebi-me que apesar de as ecoaldeias terem a intenção de se aproximarem das comunidades locais, estas ainda os vêem como os hippies, e em relação a Tamera sente-se até um certo tom nacionalista como "os alemães que vêm para as nossas terras". Contudo, estas são percepções que alguns residentes das ecoaldeias me deram a entender, e também pequenos comentários que fui ouvindo em reacção ao meu tema de estudo. Neste sentido, considero que será interessante estudar as ecoaldeias do ponto de vista das comunidades em que se inserem. Que percepção têm das ecoaldeias, que relação

estabelecem com elas, que impacto a nível económico, cultural, político e ambiental atribuem à presença das ecoaldeias.

A questão de género seria também pertinente aprofundar. Fui-me apercebendo que pelas suas características, as ecoaldeias promovem a liberdade de expressão a vários níveis, esta questão foi inclusive referida durante as entrevistas. As ecoaldeias são espaços que promovem a autoconfiança feminina reforçando a sua capacidade e iniciativa de liderança, o que acaba por criar dinâmicas interessantes entre os géneros. Para além disso, permite também a expressão do homem, sem constrangimentos e sem por em causa a sua virilidade.

Seduzida pelo conceito de Esquerda Social proposto por Franco Cazzola, considero que seria pertinente estudar estes movimentos como novas formas de organização da esquerda. Por vezes, fico bastante surpreendida quando reparo que os mesmos conceitos circulam por diferentes movimentos, estes enfatizam a questão do comunitário e/ou colectivo e do espaço público, em contraposição com os valores e tendências dominantes. De facto Franco Cazzola fez-me pensar que pode ser um novo desabrochar de políticas de esquerda social, em que os diversos movimentos se conhecem, articulam e inspiram. Assim, considero que seria pertinente acompanhar o desenvolvimento destes movimentos (p.e. hortas comunitárias, es.col.a, assembleias públicas) para ver essa dinâmica e potencial emancipatório. Por esse motivo, numa futura investigação ou, talvez um doutoramento, pretendo continuar a estudar estes movimentos alternativos emergentes, não apenas pela sua relevância na sociedade contemporânea mas também pela minha proximidade a alguns deles.

Bibliografia

Appadurai, Arjun (2004), *Dimensões Culturais da Globalização*, Santa Maria da Feira: Teorema

Borges-Duarte, Irene (2011), “Responsabilidade: Fundamento Básico da Democracia”, em Fundação Cuidar o Futuro (org.), *Cuidar a democracia, cuidar o futuro*, Lisboa, FCT, pp.37-44.

Brecher, Jeremy, Tim Costello e Brendan Smith (2000), *Globalization from below: The Power of Solidarity*, Cambridge, South End Press.

Brennan, Andrew e Yeuk-Sze Lo (2011), "Environmental Ethics", em Edward N. Zalta (ed.), *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, Metaphysics Research Lab, CSLI, Stanford University (Online). Disponível em: <http://plato.stanford.edu/entries/ethics-environmental/>

Brown, Kirk Warren e Tim Kasser (2005), “Are Psychological and Ecological Well-being compatible? The role of values, mindfulness, and lifestyle”, *Social Indicators Research*, (online) 74, pp. 349–368. Disponível em: <http://www.thesimplicityforum.org/>

Brüseke, Franz Josef (1994), “O Problema do Desenvolvimento Sustentável” em Calvacanti, Clóvis (org.) *Desenvolvimento e Natureza: Estudos para uma Sociedade Sustentável*. Recife, Instituto de Pesquisas Sociais, Fundação Joaquim Nabuco, Ministério da Educação, pp.14-20. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/38605810/livro-desenvolvimento-natureza-1>

Calmon de Passos, Priscilla Nogueira (2009), “A Conferência de Estocolmo como ponto de partida para a Protecção Internacional do Meio Ambiente”, *Revista Direitos Fundamentais e Democracia*. América do Sul, 6, pp.1-25. Disponível em: <http://revistaeletronicardfd.unibrazil.com.br/index.php/rdfd/article/view/266/195>

Cazzola, Franco (2011), *O que resta da Esquerda: Mitos e realidades das Esquerdas no Governo*, Lisboa, Cavalo de Ferro.

Coca-Cola (2011), *Sustainability: Corporate Responsibility* (Online), Disponível em: <http://www.thecoca-colacompany.com/citizenship/index.html>

Context Institute (2012), Whole-system pathways to a thriving sustainable planetary future. Disponível em: <http://www.context.org/>

Crossley, Nick (2002), *Make Sense of Social Movements*, Philadelphia, Open University Press.

Costa, Ricardo André (s/a), “Ecoaldeia, um conceito necessário no panorama das alterações climáticas”, Departamento de Ambiente e Ordenamento, Universidade de Aveiro. Disponível em: http://www.apea.pt/xFiles/scContentDeployer_pt/docs/Doc159.pdf

Dawson, Jonathan (2010), *Ecoaldeias: Novas Fronteiras para a Sustentabilidade*, Edições Sempre-Em-Pé, Ed. 24.

Decoproteste (2009), “Metas ambiciosas com Quioto por respeitar”. Disponível em: <http://www.deco.proteste.pt/ambiente/cimeira-de-copenhaga-metas-ambiciosas-com-quioto-por-respeitar-s583431.htm>

Domingues, Marco Paulo Tavares Sousa (2009) “Economia solidária – A Economia Real do Desenvolvimento Sustentável”, comunicação apresentada no V Colóquio *Ibérico de Cooperativismo e Economia Social*, 10 e 11 de Julho, Santarém. Disponível em: http://www.inscoop.pt/inscoop/comunicacao/5Coloquio/Comunicacoes/Economia_Social-Solidariedade_e_Cooperacao/Economia_Solidaria_A_Economia_Real_do_Developiment_o_Sustentavel_-_Marco_Domingues.pdf

Drago, Ana (2004), “As linhas que tecem novas subjectividades políticas: Apropriações e impactos do modelo do Fórum Social Mundial no contexto italiano”, comunicação apresentada no *VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais A Questão Social no Novo Milénio*, CES, 16, 17 e 18 de 2004, Coimbra. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel13/AnaDrago.pdf>

Dregger, Leila (2010) *Tamera: Um Modelo para o Futuro*, Verlag Meiga, Belzig.

European Science Foundation (2011), “Call for Papers Conference: Eco-chic Connecting ethical, sustainable and elite consumption”. Disponível em: <http://www.esa-consumption.org/about.php>

Fischetti, Diana Michelle (2008), *Building Resistance from Home: Ecovillage at Ithaca as a Model of Sustainable Living*, Dissertação de Mestrado em Geografia, Universidade de Oregon. Disponível em:

https://scholarsbank.uoregon.edu/xmlui/bitstream/handle/1794/8014/Fischetti_Diana_Michell_e_MA_summer2008.pdf?sequence=1

Foster, J. Robert (2008), “The Work of the New Economy: Consumers, Brands, and Value Creation”, *Cultural Anthropology*, 22, 707-731.

Gadotti, Moacir (2005), “Pedagogia da Terra e Cultura de Sustentabilidade”. *Revista Lusófona de Educação*, (Online), 6, pp. 15-29. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rle/n6/n6a02.pdf>

Gaiger, Luiz Inácio (2004), “A Economia Solidária e o Projecto de Outra Mundialização”, *Revista de Ciências Sociais*, (Online), Rio de Janeiro, 47(4), pp. 799 a 834. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=21847406>

Garcia, Ricardo (2009) “Acordo climático não vinculativo marca fim da cimeira de Copenhaga”, *Jornal Público*, (Online). Disponível em: <http://ecosfera.publico.clix.pt/noticia.aspx?id=1414663>

Ghai, Dharam e Jessica M. Vivian (1995), “Introduction”, em Ghai, Dharam e Jessica M. Vivian (Org.), *Grassroots Environmental Action: people’s participation in sustainable development*. London: Routledge. 1-22.

Giddens, Anthony (1991), *Modernity and Self-identity: Self and Society in the late Modern Age*, Cambridge, Polity Press.

Giddens, Anthony (2002), *As Consequências da Modernidade*, (2ª Ed.), Oeiras, Celta Editora.

Global Ecovillage Network (2011). Disponível em: <http://gen.ecovillage.org/>

Gupta, Akhil e James Ferguson (1997) “Culture, Power, Place: Ethnography at the End of an Era”, em Gupta, Akhil e James Ferguson (orgs.) *Culture, Power, Place: Explorations in Critical Anthropology*. Durham, Duke University Press, pp. 1-32.

Gupta, Akhil e James Ferguson (1997) “Beyond ‘Culture’: Space, Identity, and the Politics of Difference”, em Gupta, Akhil e James Ferguson (orgs.) *Culture, Power, Place: Explorations in Critical Anthropology*. Durham, Duke University Press, pp. 1-32.

Hayes, Samuel P. (2000), *History of environmental politics since 1945*, Pittsburg, University of Pittsburgh Press. Disponível em: <http://books.google.com/books?hl=pt->

[PT&lr=&id=jG5IwgEFSYQC&oi=fnd&pg=PP11&dq=environmental+politics+history&ots=Bbrys2ro_R&sig=1UTzCVYZLbNIZbF1Y2GZNLJmkOg#v=onepage&q&f=false](http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0924646010000000)

Hinton, Emma D. e Michael K. Goodman (2010) “Sustainable consumption: developments, considerations and new directions”, em Redcliff, Michael R. e Graham Woodgate, (org.), *The international Handbook of Environmental Sociology*, 2ª Ed, Cheltenham, Edward Elgar Publishing Limited, pp.245-261.

Holdgate, Martin (1996), *From care to action: making a sustainable world*, Washington, IUCN – The World Conservancy Union,.

Jackson, Tim (2009), *Prosperity without growth? The transition to a sustainable economy*, Sustainable Development Commission. Disponível em: <http://www.sd-commission.org.uk/publications.php?id=914>

Kirby, Andy (2003), “Redefining social and environmental relations at the ecovillage at Ithaca: a case study”, *Journal of Environmental Psychology*, 23, pp. 323–332. Disponível em: <http://lab.geog.ntu.edu.tw/lab/errml/%E5%A4%A7%E5%B0%88%E9%A1%8C/04061%E5%8E%9F%E6%96%87.pdf>

Leopold, Aldo (2008) *Pensar como uma montanha*, Edições Sempre-em-Pé.

Liftin, Karen (2009), “Reinventing the future: The global ecovillage movement as a holistic knowledge community”, Kütting, Gabriela e Ronnie Lipschutz (orgs), *Environmental Governance: Power and Knowledge in a local-global world*, Routledge, pp. 124-142.

Lins Ribeiro, Gustavo (2006), “Economic Globalization from Below”, *Etnográfica*, 10(2), pp.233-249. Disponível em:

http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65612006000200002&lng=pt&nrm=iso

Los Angeles Ecovillage (2011). Disponível em: <http://www.laecovillage.org/>

Los Angeles Ecovillage (s/a), *Sustainability & Sustainable Communities, or, “What is an Ecovillage Anyway?”*, (s/d).

Marcus, George, E. (2009), “Introduction: Notes toward an Ethnographic Memoir of Supervising Graduate Research through Anthropology’s Decades of Transformation.”,

Faubion, James, D. e George E. Marcus (orgs.), *Fieldwork is not what it used to be. Learning Anthropology's Method in a Time of Transition*. Ithaca and London: Cornell University Press. 1-31

Mattos, Fernando Augusto Mansor (2009), “A Crise Financeira Internacional de 2008/2009 e a Derrocada dos Mitos do Neoliberalismo”, *Revista Sociedade Brasileira de Economia Política*, Rio de Janeiro, 25, pp. 52-73. Disponível em:

http://www.sep.org.br/revista_artigo/revista253.pdf

Metcalf, William James (1995), *From utopian dreaming to communal reality: cooperative lifetsyles in Austrália*, Sydney, University of New South Wales Press. Disponível em:

http://books.google.com/books?hl=pt-PT&lr=&id=508gikJR03gC&oi=fnd&pg=PA7&dq=bill+metcalf+1995&ots=SzPCYbI_uK&sig=zhO5FVjH0PM-LMDzIwgdUAJ9zIo#v=onepage&q&f=false

Mollison, Bill (1990), *Permaculture – a practical guide for a sustainable future*, Washington, DC: Island Press, pp. 1-69 e 505-558.

Negri, Antonio e Michael Hardt (2000), *Empire*, London, Harvard University Press. Disponível em: http://www.angelfire.com/cantina/negri/HAREMI_printable.pdf

Niencheski, Luísa Zuardi e Carlos Alberto Molinaro (2010), “Estado Socioambiental e Democrático de Direito: perspectivas económicas, inovação tecnológica e sustentabilidade no contexto dos direitos humanos e fundamentais”, comunicação apresentada em *XI Salão de Iniciação Científica PUCRS*, 9 a 12 de Agosto de 2010, Faculdade de Direito – Ciências Jurídicas e Sociais. Disponível em:

http://www.edipucrs.com.br/XISalaoIC/Ciencias_Sociais_Aplicadas/Direito/82997-LUISAZUARDINIENCHESKI.pdf

Occupy the Earth (2012), Disponível em: <http://occupytheearth.net/>

Robertson, James (2007), *Transformar a Economia: Desafio para o Terceiro Milénio*, Porto, Edições Sempre-em-pé: Cadernos Schumacher para a Sustentabilidade 1.

Santos Júnior, Severiano José (2006), “Ecovilas e Comunidades Intencionais”, comunicação apresentada em *III Encontro das ANPPAS* (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ambiente e Sociedade), 23 a 26 de Maio de 2006, Brasília. Disponível em:

http://www.maonaterra.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=10&Itemid=17

Singer, P (s/a), “Economia solidária: um modo de produção e distribuição”, (s/d). Disponível em:

http://www.labmundo.org/disciplinas/SINGER_Paul_Economia_Solid%C3%A1ria_um_mod_o_de_produ%C3%A7%C3%A3o_e_distribui%C3%A7%C3%A3o.pdf

Sizemore, Steve (2004), *Urban Eco-villages as na Alternative Model to Revitalizing Urban Neighborhoods: The Eco-village Approach of the Seminary Square/ Price Hill Eco-village of Cincinnati, Ohio*, Dissertação de Mestrado em Community Planning, College of Design, Architecture, Art, and Planning, Division of Research and Advanced Studies of the University of Cincinnati. Disponível em:

<http://www.esf.org/activities/esf-conferences/details/2011/confdetail361.html>

Sousa Santos, Boaventura e Nunes, João Arriscado (2004), “Introduction: Democracy, Participation and Grassroots Movements in Contemporary Portugal”, *South European Society and Politics*, 9(2), pp. 1-15. Disponível em:

http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/159_Democracy%20Participation_SouthEurope_an.pdf

Sousa Santos, Boaventura (2006), “Globalizations”, *Theory, Culture & Society*, 23, pp. 2-3 e 393-399.

Splichal, Slavko (2009), “Globalization, governance and democratic deficit”, European Science Foundation (org.), *Vital Questions: The Contribution of European Social Science*, Strasbourg, European Science Foundation, pp. 38-43.

Tamera, 2011. Disponível em: <http://www.tamera.org/index.html>

The Simplicity Forum (2011). Disponível em: <http://www.thesimplicityforum.org/>

Tozoni-Reis, Marília Freitas de Campos (2006), *Temas Ambientais como “temas geradores”:* contribuições para uma metodologia educativa ambiental crítica, transformadora e emancipatória, Curitiba, Editora UFPR: Educar, 27, pp. 93-110. Disponível em:

<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/educar/article/view/6467/4656>

Transition Culture (2011). Disponível em: <http://transitionculture.org/>

Varandas, Maria José (2010), *Ambiente: Uma questão de Ética*, Lisboa, Esfera do Caos.

Vertovec, Steven Allen (2006), “Introduction”, em Vertovec Steven Allen e Darrel A. Posey (orgs.) *Globalization, Globalism, Environments, and Environmentalism: Consciousness of Connections*, New York, Oxford University, Press, pp. 1-21.

Wilk, Richard (2001), “Consuming Morality”, *Journal of Consumer Culture*, 1(2), pp. 245-260.

Wilson, Bradley R. (2010), *Between market and movement: the fair trade coffee ‘boycott’ in the United States and Nicarágua*, Dissertação de Doutorado, Graduate School-New Brunswick Rutgers, The State University of New Jersey. Disponível em: <http://mss3.libraries.rutgers.edu/dlr/showfed.php?pid=rutgers-lib:26582>

Yearley, Steven (2008), “Environmental groups and other NGOs as communicators of Science”, Buchi, Massimiano e Brian Trench, (org.) *Handbook of Public Communication of Science and Technology*, London, Routledge, Pp.159-172. Disponível em: <http://www.bpatc.org.bd/elibrary/files/12713227600415386179.pdf#page=174>

Zandbergen, Dorien (2011), *New Edge: Technology and Spirituality in the San Francisco Bay Area*, Dissertação de Doutorado em Antropologia, Universidade de Leiden.

Anexo A



Fig. 1 – Logotipo Global Ecovillage Network



Fig. 2 – Mandala da Gaia Education

Anexo B

Structural Conflict in Communities and Ten Ways to Reduce It

1. Learn the difference between "Structural Conflict" vs. Interpersonal Conflict.
(It looks the same.)
2. Identify shared values, common vision, Mission & Purpose, and create vision documents.
3. Use a fair, participatory decision-making process. If it's consensus, get trained in it first.
4. In choosing group cofounders and new members, if possible, select for resonance to your mission and purpose, and for the demonstrated ability to get along well in groups.
5. Do things to build trust and connection and a "sense of community" from the beginning.
6. Create clear agreements, in writing.
7. Help each other stay accountable to the group, to agreements.
8. Learn good communication and process skills; make clear communication and resolving conflicts a priority.
 - Activities that build trust & connection
 - Communication agreements
 - Helping each other stay accountable to the group
 - Graduated series of consequences
9. Learn the head skills and heart skills (left brain, right brain) you need to do to manifest your project.
10. Understand the crucial relationship between, your common mission and purpose, your new-member process, and your decision-making method.

4) Ecovillage / Community Vision, Mission & Purpose

1. Vision: How your group wants the world to be a different and better place.

2. Mission & Purpose: What your group will do to help the world become that better place.

3. Difference between Mission & Purpose and Strategic Plan:

* **Mission & Purpose:** WHAT you'll be doing & WHY you'll be doing it. (Changes rarely.)

* **Strategic Plan:** WHERE, WHEN, and HOW you'll do it. (Can change)

4. Decide these factors BEFORE doing visioning/Mission & Purpose work:

(1) **Location:** Rural, semi-rural, suburban, urban

(2) **Independent-Income Community or Income-Sharing**

(3) **Non-negotiable** aspects of community (But must you really have these things?)

5. Definition of visioning terms:

* **Vision:** How the world will be better & different

* **Mission & Purpose:** What your community will do to make it better & different

* **Values:** Behaviors, processes you consider worthy and worth living out

* **Goals, Objectives:** Measurable milestones arising from values you commit to accomplish in months, years

* **Aspirations:** Strong desires for inspired, elevated goals, arising from values

6. Sample Mission & Purpose Statements:

To create a society, the size of a small town or village, made up of individuals and communities of various sizes and social structures, which allows and encourages its members to live sustainably. To encourage this sustainable society to grow to have the size and recognition necessary to have an influence on the global community by example, education, and research.*

—Dancing Rabbit Ecovillage, Missouri, US

To research, design and build a stylish, inter-generational, friendly demonstration ecovillage near the coast not far from Sydney, blending the principles of eco and social sustainability, good health, business, caring and other options that may evolve for our well being.

— Sydney Coastal Ecovillage, Sydney, Australia

We intend to create a community with a commitment to sustainability and land stewardship that provides a place to farm and to live in harmony with the natural habitat:

—Whole Village, Ontario, Canada

Dedicated to caring for people and the Earth, and recognizing the Oneness of all life, we come together to create and to sustain beyond our lifetimes a learning community village, by

gaining the skills, cultivating the attitude, and sharing with the public the resources for a holistic, regenerative culture.

—Earthaven Ecovillage, North Carolina, US (old version)

Port Townsend EcoVillage is a community of people dedicated to living in harmony with each other and with the earth, exploring together ways to live more sustainably.

—Port Townsend Ecovillage, Washington, US

6. Sample Mission & Purpose Statements (continued):

Mission: *To create a village which is a living laboratory and educational seed bank for a sustainable human future.*

Vision: *In the midst of planetary change the Earthaven experiment helps inform and inspire a global flowering of bioregionally appropriate cultures.*

Goals:

1) *To catalyze local and global change through learning, teaching, and networking.*

2) *To shift from wasteful to regenerative use of resources*

3) *To use and develop ecologically sound technologies for water, waste, energy, construction, and other essential systems.*

4) *To develop and support a thriving local economy.*

5) *To grow, raise, and trade our own food, medicines, and forestry products in an environmentally responsible, bioregional network.*

6) *To practice fair, participatory, and effective self-governance.*

7) *To encourage an atmosphere in which diverse spiritual practices, conscious connection to all beings, and progressive social action can thrive.*

8) *To nurture personal growth, interpersonal understanding, and mutual trust, as the foundation for a deeply connected human community.*

9) *To practice healthy, holistic lifestyles that balance self-care with care for others.*

10) *To create a culture of celebration, beauty, and pleasure.*

11) *To use capital and labor resources to provide common infrastructure and meet our collective needs.*

12) *To promote and ensure the long-term structural integrity of the community.*

—Earthaven Ecovillage, North Carolina, US (new version)

We, the members of Legacy Farm Cohousing, have come together to live in common connection and community. We commit to living cooperatively and peacefully with each other and the community around us, and to living sustainably in our environment. These are vital contributions we can make towards a more just and humane world.

—Legacy Farm Cohousing, New York State, US

Vision: *To be a richly diverse community living in harmony with each other and the environment.*

Mission: *To form an intentionally created community committed to fostering individual growth, group harmony, neighborliness and the celebration of ourselves as individuals and as a community.*

Guiding Principles:

* *We all share in the governance of the village using consensus as our decision making process recognizing that the wisdom of the whole is greater than that of any of us individually.*

* *We are good stewards of our community resources including our economic, ecological and human resources.*

* *We celebrate our differences in age, beliefs, and background.*

* *We are developing a mutually supportive environment that encourages interaction among and between neighbors while honoring each person's privacy.*

We are developing a culture of community and individual self-care that encourages the health and well-being of each of our members and the community as a whole.

—Manazanita Village Cohousing, Arizona, US

Feel free to copy & distribute this handout free of charge as long as you include this credit line & info
• DianaLeafeChristian.org • EcovillageNews.org • Diana@ic.org • 828-669-9702

13) A Clear, Thorough Membership Process

A Recommended Way to Attract New Members:

1. *Don't* say you're "seeking people interested in community" or that you're "looking for community members." Don't even use the word "community," if possible, in your initial member-recruitment efforts.

If you do, a certain number of potentially good community members will respond. Yet . . . a certain number of people will *also* respond who are having a hard time in life and believe that living in community will save them. And who, if allowed to join your community, will *still* have a hard time in life (because everywhere they go, there they are) and then your community will most likely have a hard time too.

"Like a moth to a flame" is how inexorably communities can attract people — some of whom tend to mild or serious ongoing emotional distress.

People with ongoing emotional distress tend to drain and exhaust a group.

The founder of a well-known community once told me that his group shouldn't have put their community name and the word "Community" on the sign out front. Given who was attracted to and joined them, he said, their sign could well have read, "Emotional Hospital." While this may seem extreme, it was this founder's way of describing the tendency for communities to attract people with problems who yearn to be taken care of.

Instead, consider saying you're looking for confident, mature people (or similar terms) who are interested in sustainable agriculture, natural building, off-grid power, etc. (or whatever applies to your group's situation) to live with like-minded people in a sustainable human settlement, or something like that.

Two different experienced community founders — one in Portland and one in British Columbia — found after long experience that it's much better not to use the word "community" in their website, emails, brochures — or the sign out front. To not advertise for "people looking for community" or "community seekers." But instead to state the kinds of qualities you want in members (mature, confident, etc.), with the kinds of interests and skills you want. "What a difference it made in the kind of people who responded!" said my friend in B.C.

2. Seek new members on your community's website, in "list" websites of various kinds, and in online and print community and ecovillage publications. Even if the publication says "community," you can still put in an ad for members using the above kinds of terms.

Recommended Membership Criteria:

1. Thoroughly understands and supports your community's Mission & Purpose.
2. Understands and shares your community's values and lifestyle.
3. Has a general attitude of, "I love what you're doing here; how can I help?"
4. Willing to abide by your community's agreements.
5. Willing to be trained in your community's decision-making method (especially if it's consensus or Sociocracy) before they have decision-making rights.

Feel free to copy & distribute this handout free of charge as long as you include this credit line & info.
• DianaLeafeChristian.org • EcovillageNews.org • Diana@ic.org • 828-669-9702

6. Generally liked by most people in the group most of the time; i.e., people would enjoy having them there.

7. Willing to give you character references, is willing to allow a credit check and/or background check.

8. Can afford to join: can pay the fees.

9. Can meet the community labor requirements (unless you reduce or waive the requirements because of their age, physical difficulties, or other reasons).

10. Doesn't present red flags — doesn't have an addiction, history of financial irresponsibility; criminal record (unless perhaps long ago & they were young); or emotional disturbances that would too-often negatively affect the group. Isn't running from the law and wanting to "hide out" in community; doesn't have an ex-partner trying to hunt them down and do them harm or kidnap their child; or is not mentally ill (or if mentally ill or emotionally disturbed, does not have a habit of periodically going off their meds).

Recommended Amount of Time for Provisional Membership:

1. *For a forming community group:* attendance at least 4 sequential meetings, reading and agreeing to the decisions in the Decision Log, and paying whatever dues or fees are required to join the forming group).

2. *For an existing community:* Lives in the community 6 months to a year, at least. Longer if they can only visit periodically.

Sample Requirements for a Provisional Member (PM) to Become a Full Member:

1. Abides by the group's agreements.

2. Understands and supports the group's Mission & Purpose. Understands, supports, and signs the group's Covenants, if required. Understands your requirements for full membership and signs a Provisional Member Contract that outlines your requirements.

3. Re your requirements, has a general attitude of, "Of course I'll do what you ask. And what else can I do?"

4. Attends all required orientation sessions, including training in your decision-making method.

5. Pays all required fees; contributes all required labor hours.

6. Attends required number of meetings and required kinds of meetings.

7. Gets along well with community members.

8. If one or more full members have concerns about the PM, s/he participates in conversations, mediation sessions, and/or conflict resolution sessions, as needed.

9. Understands they might not be invited to join; i.e. their request may be declined.

Feel free to copy & distribute this handout free of charge as long as you include this credit line & info

• DianaLeafeChristian.org • EcovillageNews.org • Diana@ic.org • 828-669-9702

The 19 Steps: How People Typically Start an Ecovillage

Founders of intentional community-style ecovillages typically do the following things to create their ecovillage projects. Not all ecovillage founders do all these things. Some of these steps, or processes, can be simultaneous, or ongoing, or can occur in a different order. Nevertheless, I hope this list gives you a basic idea of what ecovillage founders typically do.

- (1) Choose the general ecovillage location and basic financial structure.
- (2) Agree on and write up the group's shared Mission & Purpose.
- (3) Choose and practice a fair, participatory method for decision-making and self-governance. (*ongoing*).
- (4) Organize and make available to ecovillage members all meeting minutes, decisions, policies and agreements. (*ongoing*).
- (5) Promote the group's Mission and Purpose to others and encourage more people to join. (*ongoing*).
- (6) Create and implement a clear, thorough membership process. (*ongoing*).
- (7) Learn and practice good communication skills and an effective conflict-resolution process. (*ongoing*).
- (8) Find ways to help ecovillage members stay accountable to group agreements. (*ongoing*)
- (9) Choose site criteria for the property they will buy together; begin the land-search process; choose the property.
- (10) Decide how they will own the land together.
- (11) Choose a legal entity for co-owning the property.
- (12) Research zoning regulations and get a zoning variance if necessary, or possible.
- (13) Figure out how to finance the property purchase and development; create a land-payment fund; buy the property.
- (14) Determine the internal community finances: how the land-purchase and development costs will be paid, how annual recurring costs will be paid, and what labor requirements will be.
- (15) Keep track of community finances and set up a bookkeeping system.
- (16) Create a Permaculture-based site plan for how the group will develop the property.
- (17) Begin developing land according to the Permaculture-based site plan (*ongoing*).

(18) Organize a work exchange program to help develop the physical infrastructure of the ecovillage.

(19) Build dwellings and move onto the property (*ongoing*).

The ecovillage is not “finished” with Step 19, of course, but continues through time, as an ever-evolving learning process of creating the physical, economic, and social/cultural/spiritual infrastructure. Here are more details about each step or process:

(1) Choose the general ecovillage location and basic financial structure. The founders of an intentional community-style ecovillage must agree on whether it will be urban, semi-rural, or rural, and its general location, and whether it will be independent-income or income-sharing, or a combination of the two. This should be done first, to save the time and energy of people who might join the group because they like the people and like the purpose for a community but — might want to live somewhere else entirely than the rest of the group does. Or, who might want a completely different kind of economic system: independent-income instead of income-sharing, or the reverse.

(2) Agree on and write up the group’s shared Mission & Purpose. This is crucial, as having a shared Mission & Purpose establishes right from the start what the ecovillage will do, and why.

While a group’s “vision” is how they might like the world to be a better and different place, their “Mission & Purpose” is what activities their ecovillage will specifically be doing to help bring about the better, different world they envision.

It helps to put the ecovillage Mission & Purpose into a short statement: a paragraph, or several paragraphs.

One purpose for a Mission & Purpose statement is that, like a lens, it helps focus the ecovillage founders’ energy. It gives them a touchstone to return to when they have conflict in the decision-making process. If they can agree on *what they’re doing* and *why they’re doing it*, they can more easily work out whatever strategy — the “how” — they might use to achieve their goals.

A second purpose for a Mission & Purpose statement is to attract additional cofounders and, later, new members. Equally important, a Mission & Purpose statement helps deter any potential cofounders or new members who have different intentions or

different reasons for living in an ecovillage than the founding group. The idea is to attract people who want to do the same thing, and for the same reasons. So a Mission & Purpose statement is used when people tell others about their community. It's written on flyers or brochures they may hand out or post in public places, or featured prominently on their website if they have one. Of course details can be added about the kind of property they're looking for (or already have), the ecovillage members they have so far, and what they hope to accomplish — their goals.

Earthaven's Mission & Purpose statement: "To create a village which is a living laboratory and educational seed bank for a sustainable human future." Earthaven's website also shows these 12 goals, based on this statement:

1. To catalyze local and global change through learning, teaching, and networking.
2. To shift from wasteful to regenerative use of resources.
3. To use and develop ecologically sound technologies for water, waste, energy, construction, and other essential systems.
4. To develop and support a thriving local economy.
5. To grow, raise, and trade our own food, medicines, and forestry products in an environmentally responsible, bioregional network.
6. To practice fair, participatory, and effective self-governance.
7. To encourage an atmosphere in which diverse spiritual practices, conscious connection to all beings, and progressive social action can thrive.
8. To nurture personal growth, interpersonal understanding, and mutual trust as the foundation for a deeply connected human community.
9. To practice healthy, holistic lifestyles that balance self-care with care for others.
10. To create a culture of celebration, beauty, and pleasure.
11. To use capital and labor resources to provide common infrastructure and meet our collective needs.
12. To promote and ensure the long-term structural integrity of the community.

Here's the Mission and Purpose statement of Dancing Rabbit, another ecovillage in the US: "To create a society, the size of a small town or village, made up of individuals and

Feel free to copy & distribute this handout free of charge as long as you include this credit line & info
• DianaLeafeChristian.org • EcovillageNews.org • Diana@ic.org • 828-669-9702

communities of various sizes and social structures, which allows and encourages its members to live sustainably. To encourage this sustainable society to grow to have the size and recognition necessary to have an influence on the global community by example, education, and research.”

Dancing Rabbit then defines “sustainability” on their website as, “In such a manner that, within the defined area, no resources are consumed faster than their natural replenishment, and the enclosed system can continue indefinitely without degradation of its natural resource base or the standard of living of the people and the rest of the ecosystem within it, and without contributing to the non-sustainability of ecosystems outside.

(3) Choose and practice a fair, participatory method for decision-making and self-governance. Most intentional community-style ecovillages make decisions with all full members having equal say. There usually isn’t a leader or boss or small group of rulers who decide things; rather, the group uses a decision-making method such as consensus, like Earthaven uses, or consensus backed-up by super-majority voting. (In super-majority voting, proposals are discussed and modified by the whole group just in consensus — but when it’s time to decide, they vote. A super-majority of the people present, such as 75%, 80%, 85%, etc. must say *Yes* to pass a proposal.) Recently some ecovillages, including Sydney Coastal Ecovillage in Australia, have begun using a method developed in The Netherlands in the 1970s called Sociocracy or Dynamic Governance. It is similar to consensus, and also includes a method of governance involving meetings of the whole group and smaller committee meetings.

Most ecovillages have a governance process involving periodic whole-group meetings to decide larger matters of policy, approve budgets, and approve new members, and have smaller committees and/or managers to carry out tasks. Committees usually focus on specific areas such as land use, repair and maintenance, clerical and administrative work, agriculture, promotions, visitors, new-member orientation, and so on.

Decision-making and self-governance are ongoing processes which continue throughout the life of the ecovillage.

(4) Organize and make accessible to ecovillage members all meeting minutes, decisions, policies and agreements. Having clear records about decisions and policies that any ecovillage member can look up anytime — in 3-ring binders or online —

Feel free to copy & distribute this handout free of charge as long as you include this credit line & info
• DianaLeafeChristian.org • EcovillageNews.org • Diana@ic.org • 828-669-9702

helps support the governance and decision-making of the ecovillage, and helps the ecovillage function smoothly. Without records that anyone can look up anytime, there can be conflict as some ecovillage members have access to important information but others do not.

Another kind of conflict can occur if agreements and decisions are not written down, or they are written down but can't be found. When this happens different people are forced to use their memories to remember various ecovillage decisions and agreements, and people often tend to remember the same thing quite differently, causing significant conflict. It would be so much easier to simply look it up!

Keeping decisions and policies organized and accessible to everyone is also an ongoing function of ecovillage life.

(5) Promote the group's Mission and Purpose to others and encourage more people to join. This often involves creating flyers, posters, or brochures, and/or a website that describe the ecovillage Mission & Purpose, goals, values, and lifestyle: in order to let neighbors, journalists, and others know what the group is doing — and to attract additional members. Sometimes ecovillage websites also include information about the group's financial obligations, decision-making method, membership policy, and how people can visit. Promoting the ecovillage to others is an ongoing activity.

(6) Create and implement a clear, thorough membership process. Founders of intentional community-style ecovillages must choose new members who thoroughly understand and support their Mission & Purpose — the new members want to do what the ecovillage intends to do, and for the same reasons (the same "what" and the same "why").

A membership process should be clear — meaning easily understood and available to interested potential members. And it should be thorough — meaning it has criteria for membership, a period of time in which new people live in the ecovillage as prospective members (often 6 to 18 months), and a helpful orientation process so they will understand the ecovillage values, lifestyle, activities, culture, financial or labor obligations, and decision-making method. New people should be willing and able to abide by the ecovillage agreements, willing to be trained in its decision-making method, and generally liked by most people in the group. *Unless* the ecovillage is formed specifically to care for people with problems, is best that they don't choose new members with addictions, a history of financial

irresponsibility, a criminal record, emotional disturbances which could too-often negatively affect the group, or mental illness. In other words, the membership process ideally is designed to attract healthy people who will wholeheartedly join in the work of the ecovillage.

If it is an *independent-income* ecovillage with a joining fee or membership fee, annual dues and fees, and/or labor contribution requirements for able-bodied adults, the incoming member, family, or household must be able to afford the required fees and do the required work.

And if it's an *income-sharing* ecovillage, the able-bodied adults in the family or household must be able to do the required work.

A clear, thorough membership process is an ongoing feature of ecovillage life.

(7) Learn and practice good communication skills and an effective conflict-resolution process. Sometimes ecovillages experience conflict between individual members; other times it involves two or more factions within the group who advocate very different strategies for achieving the same ecovillage goal. Other times it can involve two ecovillage values in conflict with one another, such as ecological sustainability vs. affordability. For example, some ecovillage members might want the group to buy a larger photovoltaic system or create a constructed wetlands — and others may not want to spend the money for these projects so that the community can continue to offer a lower joining fee for new people.

Conflict can be reduced when ecovillage members learn and consistently practice effective ways to talk to each other in kindly, open-hearted, transparent ways — which is often called having “good communication skills.” One communication technique which many ecovillages use is Marshall Rosenberg’s Nonviolent Communication process. It’s a way to address conflict by using neutral language, focusing on people’s feelings and the underlying basic human needs that give rise to those feelings, and making specific requests for talking about the issue or for changes in people’s behavior.

It also helps reduce conflict to have an agreed-upon conflict resolution method in place. Ecovillages use many different kinds of conflict-resolution methods, however, usually the people involved in a conflict meet with someone who takes the role of kindly, neutral mediator. Assisted by the mediator, the people involved in the dispute parties tell each

Feel free to copy & distribute this handout free of charge as long as you include this credit line & info
• DianaLeafeChristian.org • EcovillageNews.org • Diana@ic.org • 828-669-9702

other what they appreciate about each other, and what they may have recently done that they didn't enjoy, and request a change in that behavior. Another method, which comes from Native American tradition and which is widely used in North America and Europe, is for everyone to sit on a circle. One person at a time picks up "the talking stick" — an object the group has agreed upon ahead of time (a beautiful rock, a decorated stick, or some other small attractive object that is used by the group for this purpose) — and says what they're feeling and how they see the situation. The idea is for each person to speak until they're finished, with no interruptions, and then pass the object to the next person in the circle who wishes to speak. This discussion continues until everyone has had a chance to speak, and then they may go around the circle a second or third time, until everyone has been heard.

Practicing good communication skills, and using effective conflict resolution methods are also ongoing activities in ecovillages.

(8) Find ways to help ecovillage members stay accountable to group agreements. Helping people stay accountable to their agreements helps reduce and prevent conflict. This can occur when an ecovillage member doesn't pay the money or work the amount of labor hours everyone owes to the ecovillage, or doesn't complete the task others are counting on them to complete, or violates other ecovillage agreements. Mainstream culture often deals with this kind of infraction by fines and jail terms, but ecovillagers typically use more friendly and inclusive methods to remind the person of their responsibilities and induce them to comply with ecovillage agreements.

One method involves having people agree ahead of time to remind each other about tasks they've agreed to take on.

Another method involves publicly displaying the record of people's payments or labor hours contributed to the ecovillage, so everyone can see who is caught up in payments and labor hours and who is not. This kind of subtle peer pressure tends to induce people to do what they should, as it plays on the common desire to have a good reputation with one's peers.

Another method, "a graduated series of consequences," is sometimes used when it's not just a one-time thing, but someone who chronically violates agreements — not paying ecovillage dues, not contributing their required labor hours, or not keeping other ecovillage agreements. The graduated series of consequences usually involves four or five steps that

the group agrees on ahead of time as a policy to request that the person once again complies with group agreements. The first step may be something as gentle as one person going to talk with the person who's violating the agreements (for example, to ask them if everything is all right, has something happened that others don't know about, do they need help or assistance, and what would they need in order to pay the fees, or contribute the labor, or otherwise comply with agreements). If that doesn't work, the next steps could involve increasingly "public" (within the ecovillage) requests for the person to comply, including a small group going to see the person. If that doesn't work, a whole-group meeting may be called to talk about the problem. The last step — the last resort — could be asking the person to leave the ecovillage for a period of time (or to leave permanently). Fortunately, when an ecovillage uses the "graduated series of consequences" method, usually the person complies after the first or second step.

Helping people stay accountable to group agreements can also be an ongoing activity, depending on the group and how it functions.

(9) Choose site criteria for the property they will buy together; conduct the land-search process; choose the property. After the founders of an intentional community-style ecovillage have decided the general area where they'd like to live (Step 1, above), they need to make a list of the characteristics of their ideal property. Earthaven's founders made a list that included many streams and springs, and location in a county free from onerous zoning regulations — and that's exactly what they bought.

The land-search process can take several years. For example, Earthaven's founders spent four years looking at various properties in Western North Carolina before buying their property in 1994. The founders of Dancing Rabbit Ecovillage traveled across the country looking for counties with no zoning regulations or limited regulation, and that's what they found, in a county in the northeastern part of the state of Missouri.

Of course the founders of some ecovillage projects don't buy property at all, and so this step and all other steps relating to property purchase don't apply. Some ecovillage founders are given property for free. The founders of Kitezh Children's Village in Russia were given former communal farmland by the Russian government after the collapse of the communal farming movement in the former USSR. And while the founders of Konohana Family in Japan purchased several large shared houses in the rural farming area of

Feel free to copy & distribute this handout free of charge as long as you include this credit line & info
• DianaLeafeChristian.org • EcovillageNews.org • Diana@ic.org • 828-669-9702

Fujinomiya, most of their small non-adjacent farming plots are being loaned to them at no charge by their owners, elderly people who can no longer farm.

(10) Decide how they will own the land together. Members of intentional community-style ecovillages can own their shared property in several ways.

They can all own all of the property and grant leases or siteholding agreements to individual members, families, and households for smaller individual homesites or “building footprints.” Earthaven owns its property this way.

They can all own some of the property and subdivide the rest of it into individual land parcels or lots, or housing units on individual building footprints, which they sell, with a deed, to individuals, families, or households who join the ecovillage. Crystal Waters in Australia and EcoVillage at Ithaca in the US own their properties this way.

The founders can create a land trust with nonprofit ownership, so that the land trust owns the property. The ecovillage members help give direction to the land trust by serving on its board of directors, and live on the property, but they don’t own it. Findhorn in Scotland, Dancing Rabbit in the US, and Tamera in Portugal have done this.

One person, or a group of people, can own the property and lease homesites or building footprints to individual members, families, or households who join. Port Townsend Ecovillage in the US does it this way.

One person or several individuals can own the property, or several adjacent or nearby properties. And while the properties are legally owned by various individuals, all the property is considered everyone’s shared property. Konohana Family in Japan functions this way.

Everyone can rent or lease apartments in an urban neighborhood, and designate one of the apartments as the meeting room or common space. Los Angeles Eco-Village in the US operates like this.

(11) Choose a legal entity for co-owning the property. When a group of people buy land together, they have better liability protection for their individual assets if they buy it through a legal entity they’ve established, rather than just buying the property as a group of individuals with many names on the deed. Also, they need a legal entity or entities that supports the form of ownership they’ve chosen (as in Step 10, above). Some ecovillages own their shared ecovillage property through a corporation, a nonprofit corporation,

or a co-op form of ownership, depending upon which legal entities are recognized by the Court system in their country. Some ecovillages have a second, nonprofit legal entity for operating their educational program.

(12) Research zoning regulations and get a zoning variance if necessary, or possible. Many cities, towns, or counties (also called districts or regions) have zoning regulations. These regulations dictate “population density” (how many people can live on X number of hectares or acres), how far buildings must be from property lines, and other aspects of inhabiting property in that county, city, town, etc.

In rural areas of some Western states in the US, for example, no more than one house can be built on 35 acres; in rural areas of some Northeastern states in the US, no more than one house can be built for every 100 feet of road frontage. Yet clustering houses close together is important in ecological site planning. And many people sharing land ownership helps make the property purchase and development more affordable. While not all counties and municipalities have zoning regulations, and not all zoning regulations dictate such low population density, counties and municipalities that do have these regulations work against the values and goals of ecovillage founders and make it much more difficult, if not impossible, to start an ecovillage.

So for counties or municipalities with restrictive zoning like this, ecovillage founders must request a zoning variance — a waiver from the regulations. Ideally this is done *before* they buy the property. It requires filling out forms to request a zoning variance for the specific property they hope to buy, paying any required processing fees, giving the zoning board a site map and any other documents that show the group’s intentions for the property, and attending one or more public hearings where people living in neighboring properties say what they think about the requested variance. The zoning board may grant a variance. They may grant one with certain stipulations (for example, that the ecovillage founders must create a public trail or park on their property). Or they may say No to the request. So seeking a zoning variance is not a sure thing. For this reason, two ecovillages in the US, Dancing Rabbit and Earthaven, bought property in rural counties that didn’t have zoning regulations.

(13) Figure out how to finance the property purchase and development; create a land-payment fund; buy the property. Sometimes founders of an intentional community-style ecovillage may pay the full purchase price of their property in one lump sum. However, usually ecovillage founders pay a down payment of 20 percent or more, and pay the rest in monthly or quarterly payments, with interest, to owner-financers, or to friends who've loaned them money for the property purchase, or, more rarely, to a bank. Ecovillage founders need to raise money from whatever source: their own savings, their savings plus loans from family or friends, a loan from one of their own group members, or from a bank.

Ecovillage founders need to raise money for three kinds of funds: (1) the amount of down payment for the property, (2) a fund for making land payments, and (3) a land-development fund.

The *land-payment* fund is like a "cushion" or "insurance" fund: they use it to make land payments if they should ever not have enough money from their planned source of annual income, which might be joining fees and site lease fees of incoming members, or income from one or more ecovillage-owned businesses.

The *land-development* fund is used for the initial development of the property: building roads, bridges, the group's community building or meeting hall, etc.

(14) Determine the internal community finances: how the land-purchase and development costs will be paid, how annual recurring costs will be paid, and what labor requirements will be.

Founders of intentional community-style ecovillages need to know the amount of money and labor that will flow into and out of their project, both annually and over the years. This includes the total amount of their one-time expenses over the years, and how they will pay these one-time expenses. It includes the amount of their annual recurring expenses, and how they will pay them.

One-time expenses include land payments (even though they are multiple payments, they are paying off the one-time property purchase), and land development costs (roads, buildings, etc.).

In ecovillages using the *independent-income* model, land payments and property development costs are usually paid with one-time income from joining fees, site lease fees, and/or lot-purchase fees from incoming members. Ecovillages using the *income-sharing* model normally pay these one-time expenses from their common treasury, which typically comes from profits of community-owned businesses.

* *Recurring annual expenses* include repair and maintenance of buildings and land, property taxes, property insurance (liability insurance, fire insurance, etc.), and the cost of utilities if the group purchases any power, water, sewage services, telephone, etc. from local companies or the local town or city.

Ecovillages using the *independent-income* model generally get funds for these recurring expenses from ecovillage members paying annual dues and fees; like a kind of internal “tax” the ecovillage creates for itself. Ecovillages using the *income-sharing* model usually pay recurring expenses from their common treasury — which again, typically comes from profits of community-owned businesses.

* *Labor contributions.* Often ecovillages — both independent income and income-sharing — require their members to contribute a certain amount of labor per month, per year, or sometimes a total amount of labor hours over a certain number of years.

* *Determining joining fees, etc.* Most ecovillage founders try to spread the cost of property purchase and development fairly among all members. So first they decide their total number of adult members (or member-households or member families). This is determined by the amount of property the ecovillage founders acquire, the ecological carrying capacity of the land, any local zoning regulations they may be subject to, and how many people the founders would ideally like to have, given these limitations. This total number of members is divided into the anticipated total cost for property purchase and development, and the result helps determine the joining fee, or site lease fee, and/or cost of buying a lot with a deed. The goal here is fairness and consistency.

However, to be truly fair, and to honor the founders and earlier members — who do the most work and take the most risk — many ecovillages create a staggered series of joining fees, site lease fees, and/or lot-purchase fees that gradually increase over the years. This way founders pay the least share of the whole, early members pay slightly more, and so on over the years — so those who join the ecovillage much later pay more than the ecovillage members who joined earlier.

Feel free to copy & distribute this handout free of charge as long as you include this credit line & info
• DianaLeafeChristian.org • EcovillageNews.org • Diana@ic.org • 828-669-9702

Arranging joining fees, etc. so that they gradually increase over the years recognizes the fact that each year the ecovillage is slightly more developed, thus more valuable, than it was the year before, both in terms of physical infrastructure (more roads, bridges, buildings, etc), and a more developed social/culture infrastructure.

It also honors the courage of the founders, who pay the least, since they purchased property and began the development process (and often, borrowed money to do it), with no guarantee that the ecovillage project would succeed. But people who join a few years later are taking less of a risk — as they're joining something much more physically visible and substantial.

(15) Keep track of community finances and set up a bookkeeping system.

Once all this has been determined, the ecovillage needs an effective bookkeeping system to keep track of one-time expenses and income, as well as recurring expenses and income. Additionally, it needs an effective system for keeping track of people's labor contributions. This bookkeeping is an ongoing process.

(16) Create a Permaculture-based site plan for how the group will develop the property. This means using Permaculture design principles, or hiring an outside Permaculture designer (perhaps with money from the development fund) to (1) determine how the land will be used, and (2) create a site plan (map) of the property that shows this development.

Permaculture, a combination of the words "permanent" and "agriculture," is a design system for productive homesteads and farms based on the way nature actually functions rather than designing by going against nature, like most developers do. Permaculture was developed in the mid-1970s by Australian ecologists Bill Mollison and David Holmgren. Now, some 35 years later, it has significantly influenced the environmental movement worldwide, including ecovillages.

Permaculture can be described as, "The conscious design and maintenance of agriculturally productive systems which have the diversity, stability, and resilience of natural ecosystems. It is the harmonious integration of the landscape with people, providing their food, energy, shelter, and other material and non-material needs in a sustainable way." —British Permaculture designer Graham Bell

Some specifics: "Within a Permaculture designed system (1) wastes become resources, (2) productivity and yields increase, (3) work is minimized, and (4) the

Feel free to copy & distribute this handout free of charge as long as you include this credit line & info
• DianaLeafeChristian.org • EcovillageNews.org • Diana@ic.org • 828-669-9702

Some specifics: "Within a Permaculture designed system (1) wastes become resources, (2) productivity and yields increase, (3) work is minimized, and (4) the environment is restored." —Permaculture co-founder Bill Mollison

Permaculture design isn't just some activities one *does*, however. It's actually a basic philosophy of respect. American permaculture designer Bill Wilson calls it "a creative and artful way of living where people and nature are all preserved and enhanced by thoughtful planning, the careful use of resources, and a respectful approach to life."

Bill Wilson also calls it "a design system whereby we find ways of living to allow for permanent cultures to exist, where all humans can live abundantly and well while leaving the planet in better condition than . . . we found it."

So, for raw land, ecovillage founders use permaculture principles to determine where on the property to locate roads, paths, and, if needed, bridges and footbridges; ponds or waterways (if new ones will be dug); woodlands for harvesting firewood or lumber; protected woodlands, wetlands, riparian zones, and/or wildlife trails; homesites; community building or buildings; areas for small businesses or light industry; agricultural areas such as gardens, pasture, orchards, farmland; sacred or ceremonial spaces; and other areas designated for specific uses.

If the ecovillage founders buy already developed or partially developed land, they can still use permaculture design principles to create a site plan to determine all of the above features that may be relevant, as well as any changes to existing structures, roads, sheds, ponds, fields, etc.

(17) Begin developing the property according to the permaculture-based site plan. If the founders bought raw land, this means constructing roads, paths, and buildings. If they purchased already-developed land, it may mean adding new roads, paths, buildings, etc. as well as making any necessary repairs to (or remodeling) existing buildings. The property development process can take many years, as ecovillage members earn the money and find the time and labor to build the physical infrastructure of the ecovillage. Often one of the first things ecovillage founders build on their property is facilities to house work exchangers.

(18) Organize a work exchange program to help develop physical infrastructure. Most ecovillages have a work trade or work exchange program, where young people or skilled older people live onsite, often camping in tents, for a few weeks or a few months in order to exchange labor for food and shelter and experience of ecovillage life.

Feel free to copy & distribute this handout free of charge as long as you include this credit line & info
• DianaLeafeChristian.org • EcovillageNews.org • Diana@ic.org • 828-669-9702

Work exchangers often help with construction, since there is typically so much to build or remodel when the project is new. But work exchangers can also be cooks (cooking for the work exchange crew, or for the whole ecovillage), artists who create beauty and art for the ecovillage, or people with clerical or bookkeeping skills who help support the administrative aspects of the ecovillage. Typically ecovillage founders provide campsites, tent platforms, or small dormitory rooms, composting toilets, outdoor kitchens, and/or outdoor shower facilities for their work exchangers.

Often work exchange programs continue for years, if not continuously, because ecovillages can always use extra help, and many young people, as well as others, would like the opportunity to experience ecovillage life first-hand.

(19) Build dwellings and move onto the property. Part of the development process, of course, is building homes for members. Sometimes the members themselves build their own homes; sometimes they hire other ecovillagers with construction skills to build them; sometimes the ecovillage itself hires a professional building crew to build everyone's homes. The homes can be small single-family dwellings, duplexes, two- and three-story multi-family residences, or large shared group households. Work exchangers often help with building construction. Sometimes ecovillage founders move onto the property and live in tents or other temporary shelters until their homes are built. The home-building process can continue for years, as the membership expands.

Although these are the typical steps or processes intentional community-style ecovillages use to get started, the process of creating a sustainable human settlement is ongoing and continuous, so it never really ends.

This is a handout from Diana Leafe Christian's workshop on starting successful new ecovillages and intentional communities. She is editor/publisher of Ecovillages online newsletter (EcovillageNews.org) and author of Creating a Life together: Practical Tools to Grow Ecovillages and Intentional Communities and Finding Community: How to Join an Ecovillage or Intentional Community (New Society Publishers, 2003 and 2007, respectively).

The "19 Steps" was originally published as a chapter in Bioregionalism and Ecovillages: Green Economic Corridor and Intentional Community in Vietnam, Toshio Ogata, Editor (Hilltop Press, Tokyo, 2011).

Feel free to copy & distribute this handout free of charge as long as you include this credit line & info
● DianaLeafeChristian.org ● EcovillageNews.org ● Diana@ic.org ● 828-669-9702

Anexo C



Creating peace knowledge

Select your language:

Fig. 1- Logotipo Ecoaldeia Tamera



Fig. 2 – Mapa de Tamera (informação cedida a visitantes, com mapa, explicação de funcionamento da ecoaldeia e normas).



Fig. 3 – Cozinha e espaço comunitário durante a hora do almoço na Aldeia Solar (Sollar Village)



Fig.4 – Residentes em Tamera recebendo visitantes em Dia Aberto (Maio de 2011) com uma canção de boas vindas.



Fig. 5 – Do espaço de recepção a visitantes até Aldeia Solar, durante Dia Aberto.



Fig. 6 – Estufa e tecnologia solar para produção de energia térmica.



Fig. 7 – Tecnologia solar para produção de energia cinética (Bomba de Água Solar)



Fig. 8 – Tecnologia solar utilizada para cozinhar.



Fig. 9 – Camas elevadas e colunas hortícolas



Fig. 10 – Arquitetura ecológica (bioconstrução)



Fig. 11: Trabalho na Agrofloresta (Curso Básico)



Fig. 12 – Paisagem Aquática em Tamera (lago principal)



Fig. 13 – Paisagem aquática e design de agricultura e rega baseado nos princípios da permacultura holzeriana



Fig. 14 – Circulo de Pedras

Anexo D



Fig. 1 – Logotipo LAEV



Fig. 2 - Movimento Occupy LA



Fig. 3 - Vista da varanda da sala de reuniões LAEV



Fig. 4 - Espaços comunitários e horta num no espaço verde central da LAEV



Fig. 5 – Compostagem e caminho de ligação entre os 2 edifícios pertencentes ao CRSP



Fig. 6 – Representação, realizada por Joe Linton (um dos residentes mais antigos da LAEV) de uma das reuniões semanais. Eu própria estou representada, durante um dos momentos de recolha de dados para a minha pesquisa, sentada no sofá, no lado esquerdo.